

# Feito à mão

Percursos, narrativas e memórias  
de pesquisadoras (es)

Elisângela Cândido da Silva Dewes  
Fernanda Rodrigues Zanatta  
Mameia Damiani Poletti  
Marta de Fátima Fogherazzi Pizzoli  
Michele Marques Baptista  
Roberto Oliveira Batista Junior  
Rudson Adriano Possato da Luz  
Sábrima Arsego Miotto  
(Orgs.)

# Feito à mão

**Percursos, narrativas e memórias  
de pesquisadoras (es)**



## **Fundação Universidade de Caxias do Sul**

*Presidente:*  
Dom José Gislon

### **Universidade de Caxias do Sul**

*Reitor:*  
Gelson Leonardo Rech

*Vice-Reitor:*  
Asdrubal Falavigna

*Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação:*  
Everaldo Cescon

*Pró-Reitora de Graduação:*  
Terciane Ângela Luchese

*Pró-Reitora de Inovação e  
Desenvolvimento Tecnológico:*  
Neide Pessin

*Chefe de Gabinete:*  
Givanildo Garlet

*Coordenadora da EDUCS:*  
Simone Côrte Real Barbieri

### **Conselho Editorial da EDUCS**

André Felipe Streck  
Alexandre Cortez Fernandes  
Cleide Calgaro – Presidente do Conselho  
Everaldo Cescon  
Flávia Brocchetto Ramos  
Francisco Catelli  
Guilherme Brambatti Guzzo  
Márcio Miranda Alves  
Matheus de Mesquita Silveira  
Simone Côrte Real Barbieri – Secretária  
Suzana Maria de Conto  
Terciane Ângela Luchese  
Thiago de Oliveira Gamba

## **Comitê Editorial**

Alberto Barausse  
*Università degli Studi del Molise/Itália*

Alejandro González-Varas Ibáñez  
*Universidad de Zaragoza/Espanha*

Alexandra Aragão  
*Universidade de Coimbra/Portugal*

Joaquim Pintassilgo  
*Universidade de Lisboa/Portugal*

Jorge Isaac Torres Manrique  
*Escuela Interdisciplinaria de Derechos  
Fundamentales Praeeminentia Iustitia/  
Peru*

Juan Emmerich  
*Universidad Nacional de La Plata/  
Argentina*

Ludmilson Abritta Mendes  
*Universidade Federal de Sergipe/Brasil*

Margarita Sgró  
*Universidad Nacional del Centro/  
Argentina*

Nathália Cristine Viecelli  
*Chalmers University of Technology/Suécia*

Tristan McCowan  
*University of London/Inglaterra*



# Feito à mão

**Percursos, narrativas e memórias  
de pesquisadoras (es)**

**Elisângela Cândido da Silva Dewes**

**Fernanda Rodrigues Zanatta**

**Manuela Damiani Poletti**

**Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli**

**Michele Marques Baptista**

**Roberto Oliveira Batista Júnior**

**Rudson Adriano Rossato da Luz**

**Sabrina Arsego Miotto**

**(Orgs.)**



© dos organizadores

1ª edição: 2023

Preparação de Texto: Frederico Augusto Picolotto Viana

Editoração e Capa: Igor Rodrigues de Almeida

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Universidade de Caxias do Sul

UCS – BICE – Processamento Técnico

F311 Feito à mão [recurso eletrônico] : percursos, narrativas e memórias de pesquisadoras(es) / organizadores Elisângela Cândido da Silva Dewes ... [et al.]. – Caxias do Sul : Educs, 2023.

Dados eletrônicos (1 arquivo)

Apresenta bibliografia.

Vários autores.

Modo de acesso: World Wide Web.

ISBN 978-65-5807-282-9

DOI: 10.18226/9786558072829

1. Pesquisadores - Narrativas pessoais. I. Dewes, Elisângela Cândido da Silva

CDU 2. ed.: 001.89-051:82-94

Índice para o catálogo sistemático

1. Pesquisadores - Narrativas pessoais

001.89-051:82-94

Catalogação na fonte elaborada pela bibliotecária

Carolina Machado Quadros – CRB 10/2236

Direitos reservados a:



EDUCS – Editora da Universidade de Caxias do Sul

Rua Francisco Getúlio Vargas, 1130 – Bairro Petrópolis – CEP 95070-560 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Ou: Caixa Postal 1352 – CEP 95020-972 – Caxias do Sul – RS – Brasil

Telefone/Telefax: (54) 3218 2100 – Ramais: 2197 e 2281 – DDR (54) 3218 2197

Home Page: [www.ucs.br](http://www.ucs.br) – E-mail: [educs@ucs.br](mailto:educs@ucs.br)



# Sumário

- Prefácio
- 7** **Feito à mão: celebrando a vida e a pesquisa**  
*Flávia Brocchetto Ramos*
- Apresentação
- 15** **Narrativas de si: construindo sentidos na pesquisa**  
*Elisângela, Fernanda, Manuela, Maria de Fátima,  
Michele, Roberto, Rudson e Sabrina*
- 19** **Uma inquietude insignificante e um desejo de gente grande:  
ser pesquisa-pesquisadora**  
*Amanda Khalil Suleiman Zucco*
- 29** **Meu borboletear: percurso do meu eu pesquisador**  
*Andressa Abreu da Silva*
- 37** **“O lado bom da vida”**  
*Elisângela Cândido da Silva Dewes*
- 48** **Minha História na Educação**  
*Fabiana Perotoni*
- 56** **Memórias, trajetórias e experiências**  
*Fernanda Rodrigues Zanatta*
- 67** **Eu, professora pesquisadora**  
*Grazielle Dall’Acua*
- 83** **Percurso de investigador: escolhas, ações e inquietações**  
*Leonardo Poloni*
- 92** **“Viver para contar”: percurso de uma investigadora em  
Educação**  
*Manuela Damiani Poletti*

106

O fio que tece a trajetória da pesquisadora

*Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli*

123

Um olhar sobre mim: pesquisadora, bibliotecária e professora

*Michele Marques Baptista*

135

O percurso de uma investigadora: da menina que ousou desejar ser engenheira à professora inquieta

*Monica Scotti*

142

Carta de uma viajante...

*Querubina Aurélio Bezerra*

152

Ser-pesquisador: reflexões e aprendizados com a travessia

*Roberto Oliveira Batista Júnior*

160

A jornada do pesquisador: minha trajetória na formação científica

*Rodolfo Cescon Niederauer*

172

Notas sobre o vendedor de pastéis

*Rudson Adriano Rossato da Luz*

179

Um olhar sobre o vivido de uma professora-pesquisadora em constante formação

*Sabrina Arsego Miotto*

189

Sentir, caminhar e realizar: um percurso em construção

*Simone Viapiana*

198

Posfácio

**Identidades em revisitação e construção!**

*Nilda Stecanela*

## Prefácio

### Feito à mão: celebrando a vida e a pesquisa

A paixão de dizer/2

*Esse homem, ou mulher, está grávido de muita gente. Gente que sai por seus poros. Assim mostram, em figuras de barro, os índios do Novo México: o narrador, o que conta a memória, coletiva, está todo brotado de pessoinhas.*

(Eduardo Galeano)

### Ideando um prato...

Este prefácio imita um sanduíche, prato caseiro, fácil e afetuoso! Tem arte na cobertura e na base, mas no miolo cumpre sua função de apresentar a que vem. A arte é uma forma de conhecer e um caminho para entender(-se). Pela arte, dialogamos com nossas incertezas e inseguranças, as quais a razão pode não contemplar.

Inspirada nessa epígrafe de Galeano, ousou começar a pensar acerca da composição e da elaboração deste livro, que une a escrita de doutorandos do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul. Então, por que somos pesquisadores? Essa é uma das tantas perguntas que nos fizemos em sala de aula, por vezes olhando os pinheiros pelas janelas. Entre as belezas do nosso *Campus*, estão os pinheiros.

Eu pretendia apresentar a estrutura desta conversa, mas como ela tem tido vontade própria, vou silenciar e convido-lhe a me dar a mão nessa travessia que contempla o cenário para que este livro possa ser servido.

O que uma professora espera de uma disciplina? Muito, mas principalmente que ela faça sentido para os estudantes da turma. E o que seria “fazer sentido”?



Como você responde essa pergunta? E o que se espera de uma disciplina que tem o propósito de pensar a tese e é ofertada na grade curricular do curso de Doutorado em Educação? Além de, de alguma forma, educar-nos, eu tinha a pretensão de promover situações para que cada estudante pensasse e sistematizasse sua tese.

## **Combinando ingredientes**

Confesso que, a cada semestre, ministrar Seminário de Tese III tem sido um desafio acolhido amorosamente por mim. Na primeira vez que conduzi essa disciplina, demorei muito antes de compô-la. Li e pensei. Pensei e li. Buscava em mim as potências que eu teria na minha formação e nelas traçava um caminho que pudesse contribuir para a formação dos doutorandos.

Conversei com minhas colegas professoras do PPGEduc com mais formação em Educação do que eu. Sou uma pessoa com um pé em Letras, outro pé em Educação, outro em Biblioteconomia, outro pé em... vai saber! Sou uma pessoa inquieta que se profissionalizou na condição de ser estudante. Penso que uma professora, uma pesquisadora, é alguém que decidiu ser estudante, manter-se estudante.

Entre as possibilidades de compor a disciplina, escolhi o viés da linguagem, especialmente da narrativa. Entendo que o pesquisador é alguém que vai contar sobre a sua investigação, e que a sua investigação tem uma relação direta com o seu viver.

Busco, com os meus alunos, estabelecer uma reflexão sobre os motivos que os levaram a construir o seu objeto de investigação. E mais, tento desafiá-los a entender por que construir este ou aquele caminho de investigação, esse método para se acercar do seu objeto

de estudo, cuidando para me aproximar com delicadeza. Ainda almejo pensar sobre o modo como cada pesquisador comunica os resultados da sua investigação.

Compor uma disciplina que contemple esses aspectos implica, de certa forma, prepará-la artesanalmente. Cada encontro vai sendo elaborado a partir dos interesses do grupo, daquilo que me move frente ao que vai surgindo, mas olhando para a meta.

Cada aula é organizada a partir da aula anterior e do que se vislumbra ao final. Então não há planejamento prévio? Claro que há, mas ele precisa ser aberto para acolher as inquietações que vão aparecendo durante a vivência da disciplina. Aliás, a disciplina é do estudante, o professor é o articulador.

### **Cozinhando e temperando...**

Tanto a aula quanto a pesquisa exigem autoria de quem está na condução do processo. Como o professor exerce autoria na docência? Em Seminário de Tese III, a autoria se dá de diversas formas. Nesta edição, a fala do estudante Leonardo me encorajou a criar áreas de respiro para a vivência artística e estética durante a disciplina. Leonardo me disse algo assim: professora, lembro das nossas aulas no mestrado. A senhora sempre levava um livro, uma literatura infantil, e lia para nós. Bem, a literatura infantil ou juvenil, conforme Eliana Yunes (2023), “é uma expansão do conceito literário para incluir o leitor criança, o leitor jovem”. É, portanto, literatura e pode ser servida e apreciada pelos meus alunos adultos.

Somos seres de linguagem e não ficamos indiferentes ao enunciado do outro. Uma ação responsiva, na visão bakhtiniana, aconteceu. Mais uma vez entrei

no cronograma e o tornei ainda mais denso quanto ao conjunto de ações. Agora, a literatura não seria algo lido por mim, mas vivido antes da aula por cada estudante.

Cada aula tinha textos teóricos para serem estudados, mas também um texto literário. Mesmo no Doutorado, entendo que os estudantes têm direito a vivências de nutrição estética, como nos ensina a professora Mírian Celeste Martins.

Os estudantes se relacionaram com a ficção de modo singular. Havia aqueles que iniciavam os estudos da semana lendo ficção, aqueles que não tinham tempo de ler a ficção e aqueles que, na aula, elegiam a ficção para desencadear a reflexão. E eu, naquele momento, me esquecia de que era professora de literatura e assumia a postura de professora de Seminário de Tese III e perguntava: e o que essa narrativa tem a ver com pesquisa? Eu colocava um propósito na leitura além da vivência estética – afinal, a arte tem muitas camadas. De diferentes formas surgiu a pergunta: o que essa história tem a ver conosco? E assim lemos Machado de Assis, Guimarães Rosa, Marina Colasanti, Conceição Evaristo, entre outros. Em cada encontro o grupo foi apresentado com um texto artístico e estético. Além disso, cada aula sempre ganhou na abertura uma epígrafe (verbal ou visual)!

### **Servindo à mesa e provando o preparado...**

Mora em mim um livro de Roberto Demasi, chamado *O ócio criativo*. Para produzirmos uma pesquisa arejada, precisamos nos nutrir de outros alimentos, não apenas de textos científicos. Exercer autoria impõe-se na escrita do Doutorado! Para exercer a autoria da escrita, antes exercermos a autoria na composição do



objeto de estudo, na composição e exposição da tese e no modo de apalpar nosso objeto de estudo para darmos a conhecer. Nóvoa (2015), em uma bela carta, aconselha-nos que, na pesquisa – e, estendo, na vida –, a primeira ação é conhecer-te a ti mesmo. E assim desafiei cada estudante a compor uma narrativa de si, ou melhor, a buscar na sua vida o porquê de ter elegido esse objeto de estudo e esse caminho metodológico.

Nesses tempos, como professora que promove a reflexão, deparei-me com muitas histórias emocionantes. Destaco uma. Em 2022, segundo semestre, a estudante Aline, ao refletir sobre os motivos que a colocam como docente numa sala de recursos e sobre porque pesquisa inclusão, escreveu:

[...] retrocedo até o meu Jardim de Infância 2, pois foi aí, nesse primeiro tempo/espaco social, que me recordo da oportunidade de conviver com a deficiência pela primeira vez. Num resgate do passado mais remoto, guardo como lembrança um ato singelo, quando dei a mão ao braço de uma coleguinha, pois ela não tinha uma de suas mãos. O início da brincadeira de roda adia-se, enquanto aguardávamos que alguém se dispusesse a aceitá-la por perto, a fim de que o círculo fosse formado. Até que a professora me pediu que o fizesse. Lembro da reação de, prontamente, embora receosa, atender o pedido, trocando de posição na roda para ficar ao lado da colega e oferecer-lhe a mão (Copetti, 2022, p. 1).

Esse foi o primeiro momento que Aline teve contato com uma situação envolvendo uma pessoa com deficiência. Hoje esse é seu tema de pesquisa.

Assim, agradeço a cada estudante que acolheu o desafio e escreveu sobre: por que escolheu o que pesquisa? Onde está ancorado o início daquilo que hoje pesquisa? Por que organiza a investigação dessa forma?

A entrega de cada um veio no último dia de aula da disciplina. Cada estudante trouxe um texto feito à mão e, para acompanhar o texto, algo também feito à mão para nutrir nosso corpo físico. Veio pudim preparado em Barão, bolo de milho feito em Bento Gonçalves, pão caseiro “trançado” amassado e assado em Caxias do Sul, suco de uva (com uvas do parreiral da família) de Flores da Cunha.

## **(Re)pensando a “receita”**

Essa dimensão de nominar a pesquisa e a docência como ações feitas à mão foi inspirada no professor Jorge Ramos do Ô (2019), no livro *Fazer a mão: por uma escrita inventiva na universidade*. Uma parte do livro esteve nas leituras obrigatórias.

Em suma, uma disciplina ministrada por mim, assim como as comidas preparadas na minha família, é feita à mão. As receitas da minha mãe só dariam certo para ela. Ela dizia: “Um pouco de..., um punhado de..., uma pitada de..., mais um pouco de..., aí tu vês, tem que ficar no ponto... E, para ficar bom, tem que fazer com amor!” E qual é o ponto para quem não conhece a textura da massa? Quanto de amor coloco? Qualquer receita, para dar certo, tinha que ser preparada com amor, tinha que ter amor. O amor dá a liga.

Um curso se faz com amor, muito amor, e depois um punhado de coragem (nem sempre dá certo), uma pitada de ousadia, um sopro de disciplina, tudo isso la-deando e penetrando nos ingredientes sinalizados pela ementa aprovada em Colegiado. Com amor, ousadia, coragem, estudo e dedicação, foram escritas as narrativas que revelam os doutorandos do PPGedu, turma 2022, e suas pesquisas. São escritas que, inspiradas na leitura

feita pela professora Nilda Stecanela (2013), buscam explicitar o seu objeto de estudo, o caminho metodológico e, ainda, a relação tanto do objeto como do método com cada narrador-pesquisador.

Venha conosco, conheça as escolhas de cada autor. Encante-se com a filha que sorvia a docência do seu pai, acesse a emoção de deparar-se e conhecer uma castanha no bosque que ladeia a Biblioteca Central, conheça o quintal de chão batido que levavam à escola na Linha Marmeleiro ou aquele que beirava a Lagoa dos Patos. Cada autor revisitou suas memórias e teceu um caminho entre o vivido, o sonhado e o que será tecido pela pesquisa no PPGEduc.

Sem desmerecer o caminho do estudo acadêmico, despeço-me com o poema “Ensinar”, de Adélia Prado (1991, p. 116), porque ela expressa o que eu não saberia falar artisticamente.

Minha mãe achava estudo  
a coisa mais fina do mundo.  
Não é.  
A coisa mais fina do mundo é o sentimento.  
Aquele dia de noite, o pai fazendo serão,  
ela falou comigo:  
'coitado, até essa hora no serviço pesado!  
Arrumou pão e café, deixou tacho no fogo com água quente.  
Não me falou em amor.  
Essa palavra de luxo.

Sigamos com amor pela docência, pela pesquisa e, obviamente, pelas pessoas!

*Flávia Brocchetto Ramos*

## Referências

COPETTI, Aline. *Apresentação: sujeito ou objeto da pesquisa*. Mimeo.

GALEANO, Eduardo. *O livro dos abraços*. Porto Alegre: L&PM, 1995.

NOVOA, António. *Carta a um jovem investigador em educação*. Revista investigar em Educação, v. 2, n. 3, p. 13-21, 2015.

PRADO, Adélia. *Poesia reunida*. São Paulo: Siciliano, 1991.

RAMOS DO Ó, Jorge. *Fazer a mão: por uma escrita inventiva na universidade*. Lisboa: Edições do Saguão, 2019.

STECANELA, Nilda. A escolha do método e a identidade do pesquisador. In: STECANELA, Nilda (org.). *Diálogos com a educação: a escolha do método e a identidade do pesquisador*. Caxias do Sul: EDUCS, 2013. v. 2.

YUNES, Eliana. Mulheres na Leitura e Literatura – Eliana Yunes. Tv Cátedra da UNESCO. *YouTube*, 1 vídeo (6min49s), 16 mar. 2023. Disponível em [https://www.youtube.com/watch?v=\\_p2agBYm868](https://www.youtube.com/watch?v=_p2agBYm868). Acesso em: 20 de junho de 2023.

## Apresentação

### Narrativas de si: construindo sentidos na pesquisa

“O caminho se faz ao caminhar...” Essa célebre frase do poeta espanhol Antonio Machado sintetiza esta coletânea de textos. Vale dizer que não se trata de apenas um caminho, mas de dezessete diferentes “caminhos” e diferentes “caminhantes”. O destino? O conhecer. O pesquisar. O investigar. O descobrir e o descobrir-se. Nós, dezessete estudantes de Doutorado em Educação inscritos na disciplina de Seminário de Tese III do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (PGEdu-UCS), fomos incentivados (ou desafiados?) pela professora Dra. Flávia Brocchetto Ramos a pensar sobre as nossas trajetórias como pesquisadores, fazendo emergir da memória, e colocando em palavras, o que nos (trans)formou, forjou, (des)encantou, (des)acomodou nos diferentes caminhos percorridos até aqui.

Olhar para o caminho percorrido pode até parecer tarefa fácil, mas que não se engane quem se propor a ler os nossos textos, porque revisitar o vivido traz à lembrança distintos sabores, por vezes doces, outras nem tanto... Como diz a canção, “Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”<sup>1</sup>. O processo de elaboração de cada texto, que aqui apresentamos com a singularidade e a marca identitária de cada autor e autora, permitiu que olhássemos para as nossas memórias e as experiências que nos levaram a percorrer múltiplos caminhos até chegar à pesquisa.

---

<sup>1</sup> Canção *Dom de iludir*, letra de Caetano Veloso.

Ao revisitarmos nossas memórias para compreender o nosso percurso como investigadores, descobrimos que nos encontramos no meio do caminho – se é que esse caminho tem um meio; melhor dizendo, vivemos um processo que se complementa a cada nova experiência, a cada nova jornada a que somos transportados por meio de nossas pesquisas. Compartilhar os nossos percursos foi um exercício de solidariedade uns para com os outros, pois nos apoiamos e nos confortamos nos nossos desassossegos. E, se podemos ter alguma pretensão ao dividirmos nossas histórias com vocês, que seja a de uma espécie de acolhida para as nossas inquietações.

Nossas escritas também foram guiadas pela história de outros pesquisadores, professores, colegas e egressos do Programa de Pós-Graduação em Educação, a partir de leituras e reflexões, individuais e em grupo, que nos permitiram elaborar interlocuções com as nossas pesquisas. As articulações motivadas pela sensibilidade da professora Flávia Ramos, que escreve o prefácio da obra, na escolha dos textos que foram saboreados como iguarias, na proposta de construirmos sentidos acerca de imagens fotográficas e na sugestão de nos doarmos um pouco aos colegas com a preparação de receitas compuseram uma mesa de lanche da tarde compartilhada. Do mesmo modo, nos inspirou o trajeto da professora Nilda Stecanela, que nos presenteia com a escrita do posfácio e nos instiga a visitar as nossas memórias para respondermos a indagações como “que tipo de pesquisadora sou eu? [para chegarmos ao entendimento de que] [...] somos/nos tornamos pesquisadores de um campo ou de outro. Podemos ser e nos tornar sem nomear uma tipificação ou outra” (Stecanela, 2012, p. 29).

E foi frente a esse desafio que adentramos na escrita da nossa própria narrativa, uma escrita única, singular, “feita à mão”, artesanal, no sentido de rememorar e estruturar nosso caminhar em diferentes tempos e espaços. A partir dos recortes das nossas vivências, transportamo-nos das memórias para as palavras, para a escrita. Uma escrita de si, uma escrita do coração, pois está carregada de sensibilidades individuais. Com certeza esse momento de sensibilizar e re(conhecer) cada acadêmico, sua trajetória e seu objeto de estudo, poderá ser percebido por cada leitor ao adentrar nas escritas aqui compartilhadas. São narrativas, memórias e percursos. São afetos, sonhos e desejos aqui construídos e constituídos. Podem emocionar, inspirar e motivar os diferentes leitores que por aqui passarem, pois, assim como fomos provocados a construir nossas escritas, queremos oferecer um referencial que sirva para a escrita de novas e múltiplas narrativas.

Essa coletânea de textos é carregada de sentimentos e nostalgia, e isso se deve, principalmente, à forma como cada estudante acolheu o convite da professora Flávia Ramos e olhou para sua trajetória com carinho, identificando, em cada etapa de sua vida, experiências e momentos que hoje constituem o pesquisador que cada um está se tornando. Uma experiência única e especial, pois possibilitou um momento de revisitarmos nossas histórias de vida, a fim de que pudéssemos refletir e perceber quantos desafios foram superados ao longo da nossa jornada e, também, quantas foram as nossas conquistas.

Dezessete colegas, oriundos de áreas do conhecimento muito distintas, as quais se desvelam na forma como cada um construiu o seu texto, assumiram o desafio e se colocaram a lembrar, articular e narrar. Alguns

escreveram textos mais curtos, mas não menos profundos; outros textos são mais longos, mas não prolixos. Todos revelam a essência de cada um e justificam a sua escolha pelo objeto de pesquisa.

Diante de tudo isso, ao apresentar esta coletânea de textos a vocês, pedimos que a recebam com muito carinho e atenção, porque ela carrega consigo histórias e percursos únicos, recheados de sentimentos. Ao compartilharmos nossas trajetórias, elas já não serão unicamente nossas... Desejamos que elas sejam suporte e incentivo a tantos outros “caminhantes”

Boa leitura!

*Elisângela, Fernanda, Manuela, Maria de Fátima,  
Michele, Roberto, Rudson e Sabrina*

## Referências

STECANELA, Nilda. *A escolha do método e a identidade do pesquisador*. In: STECANELA, Nilda (Org.). *Diálogos com a educação: a escolha do método e a identidade do pesquisador*. Caxias do Sul: EDUCS, 2012.



# Uma inquietude insignificante e um desejo de gente grande: ser pesquisa-pesquisadora

Amanda Khalil Suleiman Zucco<sup>2</sup>

“Ser jovem enquanto velha, velha enquanto jovem. Quando uma pessoa vive de verdade, todos os outros também vivem.”  
(Clarissa Pinkola Estés)

## Andanças iniciais

Há no processo de constituição da tese uma pergunta que não quer calar: de onde vem meu interesse em pesquisar a velhice, em especial, a mulher velha? Há, sem dúvida, uma justificativa de cunho social, mas também um desejo que não está exposto nas linhas. E aqui faço uma tentativa de dar voz a ele. Antes de mais nada, preciso dizer que nem todo desejo pode ser alcançado pela intencionalidade racional. Por isso persigo neste texto a tentativa de narrar algumas memórias que perfazem minha formação como pesquisadora, a fim de buscar minha relação com o objeto de pesquisa. Para isso, proponho, inicialmente, um percurso que descreve algumas memórias da infância, as quais acredito que influíram significativamente no meu desejo de pesquisar a temática da velhice. Em seguida, trago uma narrativa que apresenta alguns caminhos na formação acadêmica, os quais manifestam minha relação com mulheres na velhice.

---

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS).  
Agência de fomento: CAPES/PROSUC. E-mail: akszucco@ucs.br.

## Uma infância e suas insignificâncias

“A poesia está guardada nas palavras – é tudo que eu sei. Meu fado é o de não saber quase tudo. Sobre o nada eu tenho profundidades. Não tenho conexões com a realidade. *Poderoso para mim não é aquele que descobre ouro. Para mim poderoso é aquele que descobre as insignificâncias (do mundo e as nossas). Por essa pequena sentença me elogiaram de imbecil. Fiquei emocionado. Sou fraco para elogios.*”  
(Manoel de Barros)

Desde que me lembro, sempre fui apaixonada pela escola. Iniciei meus estudos na Escola Municipal Aristides Rech, localizada na capela Santa Catarina, zona rural de Caxias do Sul. Na época, ela tinha uma pequena estrutura, com poucos espaços e recursos. A entrada da escola era o local da merenda, não tínhamos biblioteca, quadra ou laboratórios. O que tínhamos eram salas de aula com duas séries e uma professora, e alguns brinquedos no parquinho. Lembro que na sala de aula da 4ª série tínhamos um fogão a lenha em que podíamos secar e esquentar os pés nos dias chuvosos e frios e, algumas vezes, sapear pinhão na chapa. Por se tratar de uma escola rural com poucos alunos, ela mostrava-se um ambiente acolhedor, compreendendo os contextos e, sempre que possível, agindo diante de suas diferentes realidades: alguns saíam cedo de casa sem café da manhã, outros faltavam aula na época de safra para ajudar os pais, outros acordavam muito cedo para pegar o ônibus que fazia um trajeto extenso por várias capelas, etc.

Até os dias de hoje algumas imagens sensíveis se mostram ao olhar de minha memória: na andança dos passos percorrendo o caminho até a escola, a estrada de minha casa até a parada do ônibus tinha sua andança em poesia; assim como interpreta Beth Carvalho

(1946-2019) na música *Andança*<sup>3</sup>, eu seguia ao longo do caminho “vagando em verso”. Era afetada pelas paisagens da natureza, e os seus movimentos perscrutavam o viés da minha sensibilidade. Nos passos que percorriam a estrada, não apreendia o sentir como uma tentativa de controle ou negação daquilo que se mostrava. Não negava o atravessamento sensível provocado pela natureza que ressoava em meu vagar. Ao longo dos passos dessas tantas andanças, posso dizer que, assim como a cantora Carvalho (1969), “Verso encantado usei”. Vesti-me desses passos vagos em poesia. Vesti-me dessas andanças que a natureza criava em mim. O caminho até a escola sempre foi o ponto de chegada, e por aquela mesma estrada as andanças eram sempre movimento inédito. Acredito, assim como nos diz a música *Andança* (1969), que “Só o amor me ensina onde vou chegar”.

Passei toda a minha infância e adolescência em meio à natureza, atenta aos mistérios do céu que meus olhos podiam enxergar na Linha Marmeleiro localizada no Distrito de Criúva, interior de Caxias do Sul. Do quintal de uma pequena casa localizada numa estrada de chão batido sem saída eu avistava o céu e de lá mesmo o olhava com toda a minha entrega: ingenuamente sonhando com o mundo. Recordo que eu olhava com frequência para o céu e, especialmente à noite, desejava encontrar respostas. E assim eu ficava, com o olhar perdido em meio às pessoas que haviam virado estrelas, ecoando para mim narrativas do tipo “quando morre vira estrela”. Mesmo sem respostas, eu permanecia sozinha na escuridão da noite iluminada pelo brilho estelar. Desde lá, já questionava, curiosa, a existência

---

<sup>3</sup> A obra foi originalmente lançada em 1969. Link da música interpretada por Beth Carvalho: <https://www.youtube.com/watch?v=SmEgIJNgMmo>.

e a finitude humana sem sequer saber o significado de tal palavra.

Digo isso porque desde pequena me inquietavam a vida e a morte. Lembro do meu interesse por aquilo que ninguém falava em casa. Quem morou no interior talvez se reconheça no que vou dizer: falar sobre morte não era um assunto comum nas famílias. E creio que hoje ainda não seja. Podemos concordar com Benjamin (1994, p. 207), quando nos diz que, “Hoje, a morte é cada vez mais expulsa do universo dos vivos.” Me parece que desde muito tempo não há espaço para falar sobre os sentidos da vida humana. É como se viver e morrer solicitasse uma passagem silenciosa e, por vezes, sigilosa. Mas, assim como Arantes (2016, p. 8), questiono-me: “Será que algum dia as pessoas serão capazes de desenvolver uma conversa simples e transformadora sobre a morte?”

Nessa direção, creio que o desejo de pesquisar a velhice tenha vestígios dessa inquietude que circunda a vida e a morte. Me interessa a presença sutil da morte como possibilidade de constituir sentidos para a vida, especialmente nos arredores da velhice. Não como um resultado da vida que amedronta ou torna a existência insignificante, mas a morte enquanto pulsão existencial, que é capaz de possibilitar significados à vida humana. Talvez seja interessante até mesmo sentir a pulsão da presença sutil da morte como fios intencionais que significam nossa existência.

O curioso é que a vida como nossa presença humana está repleta de ofertas que, conseqüentemente, nos conduzem por caminhos do esquecimento. Parece-me que, ao correremos o risco de descuidar da nossa finitude, podemos esquecer em alguma medida o que faz com que nossa vida procure por sentidos de ser vivida

e/ou ainda o que de fato faz com que queiramos sentir o movimento da nossa existência. Ao mesmo tempo, o risco que corremos é o de, esquecidos da morte, ignorarmos as possibilidades que se mostram em vida e as experiências que em alguma medida nos constituíram. Talvez possa ser isto: a voz sutil da morte é o que significa nossa existência.

Recordo o meu avô materno, Khalil, num dos momentos de despedida. Mesmo acamado e sem ânimo vital, encontrou na narrativa de suas memórias uma espécie de força para pedir perdão aos seus filhos. Ele cantarolava baixinho as cantigas árabes que recordava da sua infância e contava sobre os momentos de pavor vividos com a guerra. Nesse pano de fundo, ele era capaz de conseguir dizer o que sentia. Apesar de ser um momento extremamente delicado, foi a aproximação da morte em sua velhice que lhe provocou uma experiência transformadora. Não só para ele, mas para mim também. “Ora, é no momento da morte que o saber e a sabedoria do homem e sobretudo sua existência vivida – e é dessa substância que são feitas as histórias – assumem pela primeira vez uma forma transmissível” (Benjamin, 1994, p. 207). Há, nesse sentido, a possibilidade formativa na velhice com a aproximação da morte.

## **Um desejo de gente grande: aprender a andar e semear por terras estrangeiras**

“Titio disse que era uma benção acolher o estranho, dar conforto ao andarilho e, especialmente, ao viajante cansado.”

*(Clarissa Pinkola Estés)*

Por todas as experiências que me constituíram no interior, eu desejava buscar outras paisagens: sonhava em morar na cidade. Logo após a minha conclusão do

2º Grau na Escola Estadual de Ensino Médio João Pilati, nossa família foi morar na cidade de São Marcos. Foi nessa cidade que tive a oportunidade de iniciar uma formação artística como bailarina do grupo Re Inventar Cia de Arte entre os anos de 2013 e 2016. Por aquilo que descobria, reconhecia, sentia e criava dançando, escolhi o curso mais próximo a ela – tendo em vista que em meados de 2013 não tínhamos Graduação de dança em Caxias do Sul – para iniciar os estudos no Ensino Superior.

Então, no curso de Licenciatura em Educação Física, tive a oportunidade de conhecer e conviver com uma grande mulher, pesquisadora, professora e mãe. Foi a convite da professora, e hoje amiga, Vanessa Bellani Lyra que iniciei, em meados de 2014, a monitoria junto à atividade de Dança e Expressão Corporal no Programa UCS Sênior da Universidade de Caxias do Sul. Não posso mencionar as aprendizagens que tive com a experiência da monitoria. Talvez uma delas tenha sido o fato de aprender a cuidar profissional e humanamente daquelas mulheres idosas.

Ao longo desse caminho acadêmico, tive a oportunidade de iniciar o curso de Tecnologia em Dança na UCS. Nele surgiu e cresceu a necessidade de pesquisar a manifestação artística com a dança na velhice. Com o intuito de realizar uma proposta artística aliada ao envelhecimento humano, elaborei o projeto destinado ao Programa UCS Sênior, intitulado Atelier Coreográfico. O projeto possibilitou, pelo período de quatro meses, aulas gratuitas de percepção corporal e ensaios bem como atividades que culminavam e preparavam a expressão cênica das alunas idosas. Com enfoque no desenvolvimento da pesquisa, as aulas viabilizam ações e momentos com rodas de conversas que dialogaram e

contribuíram para a criação da composição coreográfica e da concepção artística (iluminação, figurino, dramaturgia). Com os ensaios e a apresentação da obra, foi possível perceber a potencialidade daquelas mulheres idosas que, por meio da linguagem artística da dança, expressavam em cena muito mais que a apropriação de uma técnica específica ou a demonstração de movimentos decorados. Lembro que num dos ensaios me deparei com a sensação de que eu não parecia ser professora, pesquisadora ou coreógrafa daquelas mulheres velhas; por um instante, me senti capturada: estava assistindo-as como espectadora, estranhamente emocionada com o gesto dançante de seus corpos.

A proposta artística trazia com o gesto da dança um estado demasiadamente sensível, completamente diferente, desconhecido e desafiador para aquelas mulheres. Foi nesses nós de afetações que emergiu o desejo de investigar, no Mestrado em Educação, a experiência estética do gesto de dançar na velhice.

Foi no curso de Mestrado que vivi um dos maiores desafios da minha formação acadêmica. A pesquisa teórica a partir de dois filósofos – Hans Georg Gadamer e Maurice Merleau-Ponty – me direcionou por outras estradas completamente desconhecidas e me possibilitou andar por terras estrangeiras. Foi um grande desafio aprender a andar onde eu jamais havia pisado. Preciso dizer que aprendi a andar com o auxílio e o incentivo significativo do professor Vanderlei Carbonara.

E provavelmente essa aprendizagem tenha sido basilar para a experiência formativa na Pós-Graduação. Por isso creio que quem anda por terras distantes até pode imaginar com certa antecipação qual será o caminho, mas não pode prever completamente o que nele encontrará. Com desafio, cansaço e amor pela pesquisa,

hoje percebo que fui semeando o Doutorado. Não é a estrada aberta pronta para nossa passagem, mas os modos como nos relacionamos com ela, quais sementes lançamos no solo da ciência e de que modos nos conectamos e construímos os percursos que, possivelmente, irão provocar outras experiências.

## **Andanças finais**

O desejo de encontrar a possibilidade de discutir a vida – considerando a morte na existência – pesquisando a velhice no que diz respeito à mulher velha me leva a reconhecer o caráter formativo das experiências. Até porque, segundo Hans-Georg Gadamer (2015, p. 466), a “experiência é, portanto, a experiência da finitude humana.” Ou seja, há, na experiência, sentidos para uma educação existencial.

Nesse contexto, me parece que ser pesquisa-pesquisadora em Educação encontra sentidos por meio da experiência, porque não está distante da existência humana. Talvez a condição primordial de ser pesquisa-pesquisadora com a tese de Doutorado é que nessa relação imbricada possamos assumir um compromisso social de cunho ético-estético com o processo formativo das experiências na vida humana.

Após minha narrativa acerca de algumas memórias, acredito que estas são experiências que compõem minha formação como pesquisadora e indicam minha relação com o meu objeto de estudo. A descoberta das insignificâncias em meio a natureza me tornou sensível para considerar a legitimidade do processo humano do envelhecimento e reconhecer que há beleza na velhice apesar das dores e sofrimento bem como me mostrou que, assim como a natureza, a vida humana tem sua



força porque sabe de sua finitude. Hoje, procurar pelas insignificâncias é uma decisão de adulta permeada pelo sentimento de infância.

Já a possibilidade de acolher o estranho me permitiu aprender a andar por terras estrangeiras. E como é significativa, para a formação, a hospitalidade para com aquilo que nos é desconhecido. Assim é a minha relação com o objeto de pesquisa: ela me pede abertura para que a tese tenha sua originalidade. Pesquisar a mulher velha me pede, essencialmente, para deixar valer em mim o profundo e desconhecido que minha condição sozinha não é capaz de revelar. É partindo em direção ao mistério que há, na alteridade, tudo aquilo que é maior que o nosso saber e somos tirados para dançar. E na própria dança somos convidados a aprender os passos.

“Por todas as filhas e velhas que, não obstante difamações culturais que digam o contrário, não obstante mágoas, decisões equivocadas, fracassos totais... são prova viva de que a alma ainda volta à vida, ainda vive, e de modo vibrante [...] Por todas as filhas e mais velhas que estão criando as referências que mais importam: prova de que uma mulher é como uma árvore gigantesca que, por sua capacidade de se mover em vez de permanecer imóvel, pode sobreviver às piores tempestades e perigos; e ainda estar de pé depois; ainda descobrir o seu jeito de voltar a balançar; ainda continuar a dança.”  
(Clarissa Pinkola Estés)

## Referências

- ANDANÇA. Compositores: Edmundo S., Danilo C. e Paulinho T. Intérprete: Beth Carvalho e participação especial de Golden Boys. Compositores: Danilo Caymmi; Edmundo Souto; Paulinho Tapajós. *In*: ANDANÇA. Intérprete: Beth Carvalho. São Bernardo do Campo: Emi-Odeon, 1969. 1 disco vinil, lado A, faixa 6 (3:07 min).
- BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e*

*política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. *O jardineiro que tinha fé: uma fábula sobre o que não pode morrer nunca*. Trad. Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. *A ciranda das mulheres sábias: ser jovem enquanto velha e velha enquanto jovem*. Trad. Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdade e Método*. Trad. Flávio Paulo Meurer. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2015.

# Meu borboletear: percurso do meu eu pesquisador

Andressa Abreu da Silva<sup>4</sup>



5

*“Não haverá borboletas se a vida não passar por longas e silenciosas metamorfoses.”  
(Rubem Alves)*

“Escrever é uma forma de ordenar nosso pensamento caótico”, dizia-nos a professora ao longo do seminário. Tendo essa ideia em mente, a fim de encontrar ordem no caos como fizeram os teóricos da complexidade e dos atratores de trajetória caótica, busco escrever e desvelar a minha trajetória não tão caótica, mas lindamente complexa, com a pesquisa em Educação. Dessa forma, desenvolverei esta escrita buscando responder alguns questionamentos que emergiram ao longo do Doutorado, sendo eles: “De onde vem meu eu pesquisador?”; “Que tipo de narrador sou eu?”; e “Qual o meu lugar de fala na pesquisa?”

A primeira pergunta não tem resposta óbvia para mim, mas, quando questionada de onde vem meu eu

<sup>4</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Bolsista PROSUC/CAPES modalidade II. E-mail: aasilva26@ucs.br.

<sup>5</sup> Imagem adaptada pela autora para a epígrafe. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/8585055530081751/>. Acesso em: 30 abr. 2023.

pesquisador, sigo no caminho de olhar para mim, o qual tenho trilhado ao longo de minha escrita da tese. Esse hábito foi “corporizado” ao ter meu sistema tocado pelas leituras e pelas teorias que venho estudando. Conforme Maturana e Dávila (2015), olhar para si é um processo contínuo que necessita que tenhamos uma postura de acolhimento para conosco.

Meu sonho de vida é um Doutorado. Desde que eu tinha em torno de 11 anos e vi uma tese pela primeira vez, foi como me apaixonar perdidamente. Meus olhos brilharam, meu coração palpitou e minhas mãos transpiravam. Aquele momento, há mais de dezesseis anos, foi decisivo para a minha constituição como estudante, como pessoa. O objetivo de atingir o Doutorado moveu e move minhas escolhas até hoje. Naquela época eu não entendia no que consistia um Doutorado, que era um comprometimento com a produção de ciência e de conhecimento, e ainda não sei quando tomei essa consciência.

Sei que o tipo de pesquisadora que sou hoje tem a mesma emoção e paixão pelo seu objeto de estudo que aquela criança que almejava alcançar um sonho. Sei que Clandinin e Connelly (2015) afirmam que existe o temor de que “apaixonar-se” pelo nosso objeto de estudo pode comprometer nossa objetividade na produção do texto, todavia, nessa perspectiva, defendo uma escrita encharcada da subjetividade de quem a escreve (Benjamin, 1994).

Da mesma forma que Stecanela (2012) construiu um processo reflexivo utilizando de elementos de narrativas identitárias, busco construir a minha narrativa a fim de refletir sobre o meu próprio processo permanente de construção como pesquisadora. Para tanto, vou

apresentar alguns aspectos de minha jornada, como pessoa e pesquisadora, até o Doutorado em Educação.

Lembro-me pouco da minha infância. As memórias que tenho são, em sua maioria, muito vagas e borradas. Algumas se destacam, como a memória já mencionada do meu primeiro contato com um doutor e sua tese. Venho de uma família nuclear pequena (sem irmãos). Meu pai é de uma cidade muito pequena do interior e minha mãe da cidade. A educação nunca foi valorizada pela família do meu pai, sendo que, quando optou por cursar a faculdade, minha mãe foi bastante julgada. Ela foi a primeira pessoa da família a ter nível superior, concluindo-o quando eu tinha 16 anos. Lembro da jornada tripla que ela tinha, trabalho, casa e faculdade, o que faz com que ela seja a pessoa da qual mais tenho orgulho.

Sou fruto da educação pública. Estudei em duas escolas estaduais, uma para o Ensino Fundamental e outra para o Ensino Médio, e em uma instituição federal para cursar o Ensino Superior. Hoje, percebo que sempre fui múltipla, pois gostava das mais diversas áreas, apresentando grande facilidade para aprender, principalmente Matemática. Assim, aprendi a valorizar a multiplicidade dos conhecimentos e a me compreender como uma pessoa múltipla. Como Stecanela (2012, p. 29) afirmou: “Algumas sínteses podem ser elaboradas dando conta de que não somos uma unidade (tampouco uma unanimidade) em torno de um eu coerente; ao contrário, somos seres de múltiplos pertencimentos, cujo eu é múltiplo”.

Antes de ingressar no curso de Licenciatura em Matemática, cogitei os mais diferentes percursos de formação profissional, da Medicina à Engenharia, passando por Psicologia e Biologia Marinha. Recordo uma professora de Matemática que tive no Ensino Fundamental,

que dizia que, se eu estudasse algum curso que não fosse repleto de Matemática, estaria desperdiçando um talento. Muitos anos depois, retornei à escola e contei para ela: “serei professora de Matemática”, e ela afirmou que sempre soube. A decisão de cursar Licenciatura em Matemática foi tomada após eu iniciar como professora de Inglês em uma escola particular de idiomas e perceber que, ao ensinar, eu era a que mais aprendia. E aprender me fascina. Foi nesse momento que entendi a importância da educação para mim.

Meu primeiro contato com a produção de conhecimento científico foi durante a Graduação, na qual tive acesso a artigos científicos e ainda tive de escrever o Trabalho de Conclusão de curso (TCC). O tema do meu TCC foi “História da Matemática na Formação Inicial de Professores de Matemática”, e, como apliquei para o Mestrado durante a escrita do TCC, utilizei essa temática inicial de pesquisa para o Mestrado. Graduei-me em dezembro de 2018 e iniciei o Mestrado em Educação em março de 2019.

O Mestrado em Educação me proporcionou conhecer linhas de pensamento que eu nunca imaginei que existiam, discutir sobre a produção e o acesso ao conhecimento e, ainda, conhecer um pouco mais sobre mim. Minha temática de estudo foi alterada para “A Natureza da Matemática nas Práticas Pedagógicas de Docentes”, na qual abordei uma forma de entender a Matemática, tendo sua natureza em vista e o modo como essa percepção poderia afetar as práticas de docentes. Nessa época eu ainda atuava com o ensino de Língua Inglesa e não me deparava com os desafios da docência em escolas regulares. Concluí o Mestrado em Educação em 2020, no meio da pandemia de Covid-19, e, no mesmo

período, iniciei como professora de Matemática na rede estadual.

Durante o ano de 2021 eu estava atuando como docente de Matemática dos Anos Finais do Ensino Fundamental e Médio na escola estadual e auxiliiei no retorno dos estudantes às aulas presenciais. Simultaneamente, estava trabalhando na escrita do meu pré-projeto para o ingresso no Doutorado. Assim, observei que, além dos desafios que os estudantes e docentes enfrentavam referentes à tecnologia e à aprendizagem, existia a falta de “estarem juntos”. Eu já estava percebendo a necessidade de um olhar diferente para o fenômeno, um olhar que possibilitasse acolher os estudantes. Com esse olhar, construí meu pré-projeto pensando em uma perspectiva voltada para o paradigma da complexidade, considerando o professor e o aluno em sua totalidade, não os separando de seu território.

Como já mencionado, o Doutorado era o meu sonho de vida, e para realizá-lo eu necessitava de uma bolsa de estudos, já que fui uma aluna pagante durante o Mestrado e ainda não havia concluído os pagamentos. Dessa forma, o ano de 2021 foi utilizado para a construção do pré-projeto para ingresso no curso bem como ampliação do meu currículo Lattes. Assim, trabalhei em diferentes artigos e trabalhos para eventos, divulgando as construções feitas no Mestrado. Minha dedicação foi reconhecida com a contemplação de uma bolsa PROSUC/CAPES modalidade II (pagamento de taxas escolares).

O ano de 2022 foi de mudanças, pois ingressei no Doutorado e iniciei como professora da rede municipal de ensino. Os primeiros meses foram de adaptação, tanto ao Doutorado quanto no novo trabalho. Inserida

nesse território, voltei a me observar e percebi que muitas situações que ocorriam estavam me desestabilizando, fazendo com que fosse necessário que eu me organizasse novamente, sozinha. As situações que me incomodavam eram, principalmente, com estudantes que pareciam não me acolher ou que eu não conseguia fazer com se sentissem acolhidos. Essa observação de mim mesma, do meu território e do fenômeno fez com que eu redimensionasse a minha pesquisa. Percebo que esses três pontos citados são condizentes com a tridimensionalidade da pesquisa, que considerada a necessidade de pensar sobre as “dimensões temporais, dimensões sociais-pessoas e em um lugar” (Clandinin; Connelly, 2015, p. 174). Se eu não estivesse inserida naquela escola, com aqueles estudantes e naquele período, minha pesquisa seria outra.

Nesse sentido, pretendo investigar as transformações autopoieticas que podem ser desencadeadas na subjetividade docente ocorridas de perturbações acolhidas que têm potencial de transformar sua identidade como docente na interação com os outros aspectos que ocorrem no território escolar. Para tanto, meu estudo está inserido no paradigma da complexidade, tendo como suporte teórico os conceitos da Biologia do Conhecer de Maturana e Varela, sendo eles: acoplamento estrutural, convivência, complexificação, autopoiese, entre outros. Ainda, trago aspectos relacionados à subjetividade e à identidade docente baseada em Morin. Entendendo as transformações como um processo dinâmico que está sempre em acontecimento. A metodologia é baseada na Cartografia, visando acompanhar docentes em seus processos de transformação. A Cartografia visa ao acompanhamento e à produção de subjetividade, mas, a fim



de respeitar os aspectos éticos da pesquisa, pretendo utilizar pseudônimos para indicar os sujeitos.

Relendo e observando a construção dessa narrativa a fim de responder as perguntas feitas no início desta escrita, percebo que o meu “eu” pesquisador vem do “eu” estudante, ao passo que o ato de estudar sempre esteve presente na minha vida e sempre ocupou um papel de destaque. O meu lugar de fala é de uma professora-pesquisadora inserida em um território dinâmico que é rico em convivência e que acredita que a aprendizagem só tem potencial de ocorrer em um ambiente de respeito mútuo e acolhimento. Essa perspectiva de professora-pesquisadora emerge juntamente com a cartógrafa na qual estou me constituindo, enquanto me estabilizo em um território e acompanho os processos que ali estão ocorrendo.

Sobre o tipo de narradora que sou, percebo que sempre tive um gosto pela escrita mais poética. Quando jovem e com mais tempo disponível, encantava-me ler romances, de Machado de Assis a Jane Austen. Essas leituras me inspiravam a realizar pequenos escritos. Confesso que ter a possibilidade de escrever de forma mais poética e fluída bem como utilizar metáforas na escrita da tese foi uma sensação libertadora. Consigo me enxergar melhor nos meus escritos quando eles têm esse tom quase literário e não tão rigoroso. A cartógrafa em emergência em mim é recursiva, ela sobrevoa, vai e volta em seus escritos, tem dificuldade em encerrá-los. Acredito que essa dificuldade esteja bem representada pela frase de Stecanela (2012, p. 28): “não terminamos textos, apenas os abandonamos ao colocar o ponto final”

Então, no Doutorado, intitulo minha tese de *Borboletear* e utilizo a metáfora das fases da borboleta. Clandinin e Connelly (2015) afirmam que o pesquisador que esco-

Ihe utilizar uma metáfora em seus escritos necessita ter cuidado para não forçar uma produção de sentido somente baseada na metáfora. Por outro lado, Clandinin e Connelly (2015, p. 213) afirmam que as “metáforas devem proporcionar um tipo de efeito libertador para o escritor[-pesquisador]” de uma tese, e é nesse sentido que busco construir a minha metáfora.

Borboletear é exatamente aquilo que não me permiti fazer nos meus outros níveis de formação, que foram objetivos e lineares. Borboletear é andar como as borboletas, de flor em flor, é devanear. Borboletear pode ser andar sem rumo, como flutuamos inicialmente na cartografia, para então pousar. Borboletear é liberdade, borboletear é voar.

## Referências

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. *Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa*. 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2015.

MATURANA, Humberto Romesín; DÁVILA, Ximena Yánez. *El árbol del vivir*. Santiago: MVP Editores, 2015.

STECANELA, Nilda (Org.). *Diálogos com a educação: a escolha do método e a identidade do pesquisador*. Caxias do Sul: EDUCS, 2012.

## “O lado bom da vida”<sup>6</sup>

*Elisângela Cândido da Silva Dewes<sup>7</sup>*

Este texto será dividido em extratos de memórias, e para cada um deles escolho um título de filme que articulo com os momentos que vivi. Essa construção está permeada por um tema que tem me acompanhado nos últimos tempos – uma arte, um entretenimento, uma cultura e um artefato para a Educação – o Cinema.

Início esse processo de rememorar fazendo emergir lembranças, evocando um passado, ciente de que o passado “nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional” (Rouso, 2000, p. 94). Evoco diferentes momentos que se cruzam com o meu presente nesse processo contínuo de configuração e reconfiguração da minha identidade como investigadora. Um exercício de muitas nuances, de buscar “o lado bom da vida”, mesmo quando essas lembranças não emergem tão coloridas.

Me deparo com o entrecruzamento de elementos como espaço, tempo, contexto e sujeitos, determinantes para a minha trajetória. Busco inventariar aquilo que adquiriu um sentido, a partir das partilhas em grupo, e que traduzem um pouco sobre minhas posi-

<sup>6</sup> Um filme do tipo drama/romance, norte-americano, com direção de David O. Russell, que teve estreia no ano de 2013, estrelado por Bradley Cooper, Jennifer Lawrence, Robert DeNiro. Uma adaptação do romance de mesmo nome escrito por Matthew Quik. Ganhou o Oscar na categoria de melhor atriz, no ano de 2013 (Borgo, 2012). Para mim, a vida é feita de perspectivas e, assim, mesmo quando uma circunstância não parece tão favorável, há um outro lado que pode se apresentar como uma oportunidade, esperança, como algo novo.

<sup>7</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Bolsista PROSUC/CAPES. E-mail: elisangela.silva@ucs.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2281-7017>.



ções e interesses (Chartier, 1990). Assumo dois papéis, entrevistadora e entrevistada, buscando reconstruir, ou clarear, o meu percurso a partir de uma apropriação de conhecimento das experiências que vivi.

Compreendo que a memória é sistematizada a partir “das preocupações pessoais e políticas do momento” (Pollak, 1992, p. 204), as primeiras a surgir foram as mais felizes, mas igualmente mais desafiadoras e, por vezes, até dolorosas – as da maternidade e, com elas, da primeira pesquisa.

O desejo de ser mãe, que me perseguia há alguns anos, começou a ser vislumbrado junto com o de retornar à vida acadêmica. No decorrer do processo seletivo para o Mestrado, descobri-me grávida. Não tinha plena convicção de empreender esses dois desafios concomitantemente, mas, mesmo com as dúvidas, resolvi acreditar que seria capaz de alcançar os meus sonhos. E, assim, com a acolhida da coordenação e do meu orientador bem como a solidariedade de colegas e docentes, percorri os desafios da pesquisa e o incrível mundo da maternidade.

Apesar de começar um trajeto novo, inserida em um campo diferente, mas não distante da minha formação em Comunicação Social, iniciei a pesquisa na linha de História da Educação. Como descreveu Almeida (2010), segui uma intuição, talvez de histórias contadas quando criança, de paisagens que não eram as do meu cotidiano, mas que a convivência com os mais velhos me fez rememorar.

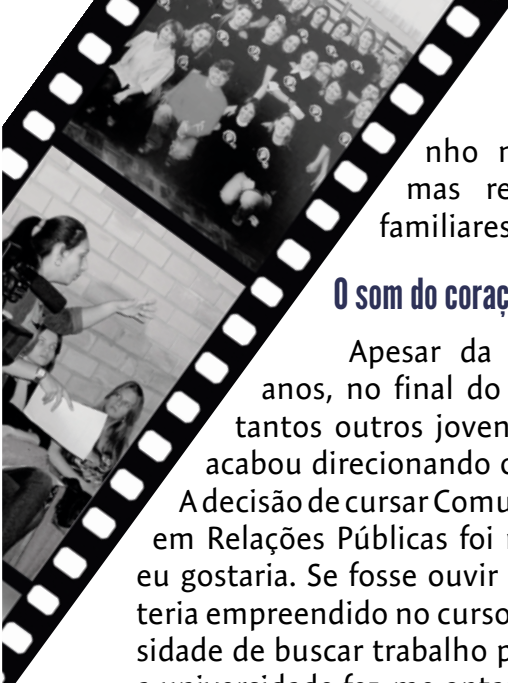
Nesse contexto, movida, também, pelo instinto de preservar um pouco do que me identificava como profissional e de uma trajetória formativa, realizei um estudo sobre um jornal, material da imprensa pedagó-

gica local que circulou no contexto das escolas rurais de Caxias do Sul. Um olhar acerca das representações propagadas pelo impresso e sobre os possíveis sentidos construídos pelas comunidades rurais.

Essa foi uma experiência que me reconectou com a infância, mas somente após dar início à análise dos documentos da pesquisa é que pude entender a relação da escolha de contexto com as minhas vivências. Faço relações com memórias vicárias, que foram vividas por outras pessoas queridas, mas sinto como se tivesse participado de todas elas (Pollak, 1992). Uma cena de uma realidade escolar difícil, até dura, que não foi a que vivi, apesar de ter realizado todo o Ensino Fundamental e Médio em escolas públicas. A “minha” escola foi um espaço familiar e afetivo, com fisionomias conhecidas e os primeiros ensinamentos feitos por professoras que eram de um convívio vizinho.

Retorno às narrativas de meus pais e avós, semelhantes às das pessoas que se tornaram sujeitos de meus estudos, particularmente no que se refere à formação escolar. Meus pais tiveram uma infância quase sem escola, pois viveram boa parte da vida no “campo” – interior de São José dos Ausentes. Eles frequentaram apenas os primeiros anos do Ensino Fundamental, o suficiente para assinar o nome, escrever e ler com dificuldade e se virar resolvendo algumas contas simples de Matemática. Meus avós viveram uma condição em que o trabalho era prioridade, e minha avó materna aprendeu a ler com os netos poucas palavras, as essenciais para “traduzir” um livrinho de orações, quando já tinha quase sete décadas de vida.

Hoje afirmo que meu interesse pelo contexto rural muito se deve a essas lembranças, bem presentes em minha identidade, e ao desejo de percorrer um cami-



nho novo, diverso do que vivi, mas reconhecido pelas histórias familiares.

### **O som do coração<sup>8</sup>**

Apesar da imaturidade dos meus 17 anos, no final do Ensino Médio, assim como tantos outros jovens, realizei uma escolha que acabou direcionando o meu percurso profissional. A decisão de cursar Comunicação Social – Bacharelado em Relações Públicas foi muito mais racional do que eu gostaria. Se fosse ouvir “o som do meu coração”, eu teria empreendido no curso de Jornalismo, mas a necessidade de buscar trabalho para financiar a despesa com a universidade fez-me optar pela outra formação.

A escolha pelo curso de Relações Públicas, inicialmente algo mais lógico pela minha condição, no entanto, se mostrou bastante acertada, vocacionalmente falando, mas também porque abriu as portas para um “mundo” profissional e o contato com espaços almejados por mim e por tantos outros estudantes da Comunicação.

Ainda no primeiro ano do Ensino Superior iniciei a vida profissional em um grupo de emissoras de rádio bastante tradicional na cidade. Comecei trabalhando com a produção de anúncios lidos ao vivo durante a programação, entre eles: anúncios fúnebres, achados e perdidos, convites para festas no interior, entre outros.

<sup>8</sup> Filme do gênero Romance/Drama, lançado em 2007, que tem no elenco Freddie Highmore, Jonathan Rhys Meyers, Keri Russel e Robin Williams. A história é sobre o romance entre dois jovens músicos que resulta no nascimento de um menino com talento para a música, separado dos pais ainda recém-nascido (Forlani, 2008). Para mim, por mais racional que o mundo “exija” que sejamos, é com o coração que conseguimos expressar toda a verdade de nossa alma, por isso sempre consulto o “som do meu coração” para todos os assuntos da vida.

Foram alguns anos ouvindo e aprendendo com um público muito semelhante a esse que hoje pesquiso, abastecendo uma prática enraizada, particularmente, entre uma comunidade mais idosa, que acompanhava assiduamente o noticiário pelo rádio, ajudando a propagar representações que conferiam sentido ao mundo desses sujeitos (Chartier, 1991).

O rádio possibilitou inúmeras experiências, mas, alguns anos depois, voltei a trabalhar na imprensa, dessa vez em uma emissora de TV local que fazia parte de um grande grupo de comunicação. Desenvolvi projetos e ações de cunho institucional/estratégico, também com objetivos comerciais. Percorri diferentes municípios pela Serra Gaúcha, o que me permitiu reconhecer uma diversidade de contextos e ampliar o meu repertório de conhecimentos que foram apropriados no cotidiano profissional e na vida pessoal.

Talvez essas duas experiências profissionais na imprensa tenham sido importantes para a minha caminhada inicial como pesquisadora, particularmente, para a escolha do objeto de pesquisa. Mas, certamente, as outras vivências com atividades que compreendem o trabalho da Comunicação Social, tanto no segmento da indústria quanto na saúde, e o meu estágio curricular em uma instituição para surdos foram igualmente relevantes para as minhas escolhas.

Os anos planejando estratégias de comunicação materializadas por meio de diferentes “ferramentas”, como, por exemplo, jornais, boletins, revistas e materiais audiovisuais, marcaram um percurso profissional que ficou impresso no meu currículo, como um DNA me identificando com essa área.

Já comentei anteriormente sobre a minha pesquisa de Mestrado acerca da imprensa pedagógica. O que ainda não comentei foi que a escolha pelo objeto de estudo e, conseqüentemente, o contato com o percurso metodológico foram essenciais nesse processo formativo como pesquisadora. Ao manusear as fontes de pesquisa, traçando estratégias para a sua organização, escolhendo os aportes para a análise, fazendo perguntas e refletindo sobre as diferentes edições do jornal, olhei para um objeto que parecia conhecido por meio de outras perspectivas.

Antes, quando eu produzia o conteúdo que preenchia as páginas dos diferentes jornais das instituições em que passei, a preocupação era comunicar em uma linguagem de fácil compreensão para o meu público, informando e às vezes persuadindo para algum interesse. Agora, por exemplo, analiso o jornal buscando evidências das forças internas e externas que agiam sobre quem o escreveu e acerca de seus leitores.

De fato, demorei algum tempo para me enxergar nessa condição de pesquisadora. Penso que segui sem me entender assim até a minha defesa, tentando buscar explicações racionais para todas as escolhas que fiz. Ainda me vejo em um processo de formação constante, de lapidação, mas agora compreendo que esse percurso só foi possível porque me deixei levar pelo “som do meu coração”. A cada artigo publicado, trabalho apresentado, trocas com outros investigadores, discussões em sala de aula, orientações, conversas informais com os colegas e acolhida da família me constituem um pouco mais pesquisadora.



## Um novo despertar<sup>9</sup>

Depois de concluir o Mestrado, no ano de 2019, demorei um tempo para assimilar os dois anos agitados em que trabalhava, me transformei em mãe e defendi a minha dissertação. O sentimento de culpa e a frustração por não ter acompanhado de perto algumas etapas importantes do desenvolvimento da Isabela me consumiam. Escolhi mudar, ter um tempo de mais qualidade com a minha filha e a minha família. Durante dois anos fugi da ideia de retornar para o Programa de Pós-Graduação em Educação e seguir com o Doutorado. Apesar disso, não me afastei da pesquisa. Publiquei artigos em revistas, participei de eventos e me mantive ativa nos grupos de estudo, mas em um ritmo bem menos acelerado.

Esse tempo foi de reconfiguração, pois consegui me dedicar a algo que também me interessava, mas que eu havia deixado de lado. Retorno as minhas memórias para explicar. Após concluir a Especialização em Comunicação com o Mercado e Cultura Organizacional, no ano de 2012, senti a necessidade de buscar uma atuação autônoma. A experiência no universo da TV, e motivada pelo empreendimento familiar no segmento de produção audiovisual, me guiou a escrever um novo capítulo da minha história. Me lancei ao desafio de

<sup>9</sup> Filme do gênero Comédia/Humor Ácido, lançado em 2011, estrelado por Jodie Foster, Mel Gibson, Anton Yelchin e Jennifer Lawrence. A história é de um homem que sofre com depressão profunda e encontra um alento para a doença em um brinquedo – um fantoche, manipulado por ele mesmo, que passa a dar ordens em relação à sua conduta (Forlani, 2011). Para mim, o “Despertar” tem significado de novo, pois foi o objeto de minha pesquisa, o jornal intitulado como *Despertar* foi um impulso para novas descobertas, para o encontro com outros papéis, para um “acordar” para a vida.



atuar de forma autônoma em projetos que envolviam a produção de conteúdo audiovisual.

Dessas experiências, posso destacar o documentário<sup>10</sup> produzido com lei de incentivo à cultura de Caxias do Sul, Financiarte, do qual fui proponente e roteirista, que rendeu diferentes prêmios locais. O roteiro é escrito a partir da história de vida de quatro personagens residentes nessa região e cujos saberes herdados lhes possibilitavam dar continuidade a uma série de práticas que representavam a cultura de suas comunidades – a italiana e a gaúcha.

Trago esse excerto da memória porque ele ratifica outra escolha, mais recente, quando decidi retornar com uma nova pesquisa no Doutorado. Engraçado o quanto nossas escolhas e nossos caminhos, em diferentes tempos e contextos, podem ser articulados para mover novos empreendimentos, interesses e sonhos. O trabalho com a cultura escolar que busco desenvolver hoje, talvez, tenha um sabor do que experimentei na atuação profissional, ou mesmo na Especialização e – por que não? – nessa, ainda, incipiente atividade como roteirista.

Essas experiências associadas ao interesse particular pelo cinema me lançaram a um novo desafio: pesquisar o Cinema Educativo. Pondero que as minhas trajetórias acadêmica, profissional e pessoal foram construídas lado a lado, em uma constante evolução, no sentido de me redescobrir ou descobrir outras identidades – a de pesquisadora, a de profissional, a de mãe. Apesar de ocuparmos diferentes papéis, no final das

---

<sup>10</sup> Documentário *Heranças*, produzido no ano de 2013 e lançado em 2014, premiado no festival de Cinema CineSerra como melhor roteiro, melhor direção, melhor fotografia e melhor documentário no ano de 2014. A partir da imagem anexada no início desta seção, é possível assistir ao documentário, escaneando o QR Code.

contas todos eles fazem parte de um só sujeito, porque, afinal “o homem é um animal amarrado em teias de significados que ele mesmo teceu” (Geertz, 1989, p. 10). Foi significando todas essas experiências, conectando essas histórias, que cheguei até aqui.

A pesquisa sobre o Cinema Educativo junto às comunidades rurais é “um novo despertar” sobre os trajetos que percorri e por onde ainda desejo caminhar. As evidências que emergiram da pesquisa de Mestrado, a minha história com a comunicação que é cercada por um aprender a contar histórias a partir de “imagens em movimento”, a proximidade com um cotidiano profissional que é familiar e as histórias da família no contexto rural foram pontos-chave para essa escolha.

Como investigadora em formação, desejo ouvir, interpretar, ser afetada e deixar algo de bom. Nessa nova empreitada de pesquisa, além de um olhar sobre documentos, quero me aproximar de histórias contadas por vozes que meus ouvidos possam ouvir. Ter, quem sabe, a oportunidade de ligar os holofotes sobre esses sujeitos, projetar suas histórias, em consonância com Certeau (1994, p. 57), que nos diz que “os projetores abandonaram os atores donos de nomes próprios e de brasões sociais para voltar-se para o coro dos figurantes amontoados dos lados, e depois fixar-se enfim na multidão do público”.

Nesse contexto, sigo na pesquisa buscando novos horizontes metodológicos, redescobrimo a cada dia, sendo um pouco racional, mas “ouvindo o som do coração”, pois foi desse modo que cheguei até aqui, e criando conexões com os meus diferentes “eus”, em um diálogo com o que me é familiar, mas também com o novo. Na compreensão de que tudo é uma questão de perspectiva, portanto, ver o “lado bom da vida”, das circunstâncias,

dos desafios, torna tudo mais leve, e é com essa leveza que tenho tentado seguir o meu percurso. Uma trajetória em constante mudança, porque entendo que cada nova experiência é “um novo despertar” dessa investigadora em constante construção.

Sigo com o desejo de me abrir para as histórias dos outros, de aprender mais, de encontrar, na matéria-prima da memória, histórias que me auxiliem a compreender um pouco mais esse mundo diverso e múltiplo que é o percurso da investigação.

## Referências

ALMEIDA, Dóris B. Itinerários de uma pesquisadora: escolhas, intuições e encantamentos. In: GRAZZIOTIN, Luciane S. S.; COSTA, Gisele (org.). *Experiências de quem pesquisa: reflexões e percursos*. Caxias do Sul: EDUCS, 2010. Disponível em: [https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/experiencias\\_pesquisa\\_ebook.pdf](https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/experiencias_pesquisa_ebook.pdf). Acesso em: 20 de setembro de 2022.

BORGIO, Érico. O lado bom da vida / crítica. *Omelete*, Filmes, 10 set. 2012. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/criticas/silver-linings-playbook-critica>. Acesso em: 20 de setembro de 2022.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994, v. 1.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, 1990.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. *Estudos Avançados*, v. 5, n. 11, p. 173-191, 1991. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8601>. Acesso em: 10 fev. 2022.

FORLANI, Marcelo. O som do Coração. Filmes. Notícias. *Omelete*, 14 fev. 2008. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/o-som-do-coracao>. Acesso em: 20 de setembro de 2022.

FORLANI, Marcelo. Um novo Despertar / Crítica. *Omelete*, Filmes, 26 maio 2011. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/filmes/criticas/um-novo-despertar-critica>. Acesso em: 20 de setembro de 2022.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. São Paulo: LTC, 1989.

POLLAK, Michel. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

ROUSSO, Henry. A memória não é mais o que era. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína. *Usos e abusos da história oral*. 3. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 93-102.

## Documentos

Fotografias de abertura das sessões. Acervo pessoal da autora.

# Minha História na Educação

Fabiana Perotoni<sup>11</sup>



Fonte: Beck, 2020.

Ao olhar o itinerário pensado para contar a minha história, vejo que ela é a história dos meus pais, uma história sobre classe social, sobre o Brasil e sobre muitas outras coisas. Parafraseando Walter Benjamin, não sou narradora só da minha história, sou também facilitadora da troca de experiências entre pessoas completamente diferentes. Sou um misto das minhas vivências e das pessoas que estiveram comigo, e tenho uma responsabilidade enorme de estar ocupando seus espaços de fala, por isso preciso dar voz a elas.

Sou filha de colonos pobres e semianalfabetos que trabalharam até não aguentarem mais. Minha mãe, quando tinha 12 anos, foi trocada por tábuas e materiais para fazer a casa do meu vô. Ela ficou três anos trabalhando de graça para pagar uma dívida que nunca fez. Meu pai foi o mais velho de 15 filhos e sua função era caçar para complementar o pouco alimento e matar a fome. Fugia da escola para não apanhar do professor, fugia de casa para não apanhar do pai. Trabalhou desde

<sup>11</sup> Especialista em Gestão e Organização da Escola, mestra em Letras e Cultura e doutoranda em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Bolsista CNPQ. Estuda as áreas de Educação e Linguagens. ORCID: 0000-0003-3280-9333.

cedo para ajudar a sustentar a família, e trabalhou até se gastar. A vida para ele era trabalho, mas a cidade, lugar a que veio nos anos 70, como muitos colonos, buscando uma vida melhor, só o deprimia. Ele era um sertanejo, um matuto. Durante os vinte anos que morou no Santa Fé, ele fez, como muitos da geração dele, quintais cheios de bichos e plantações.

Me criei subindo em árvore e catando ovo de galinha na periferia de Caxias do Sul. Carneávamos porco, fazíamos *schimia*, plantávamos milho e brincávamos nas ruas de terra batida. Eu não sabia que era pobre, não sabia que era periférica e não sabia que, ainda assim, tinha privilégios sendo branca e de família estruturada e empregada.

Figura 2 – Bairro Santa Fé, Caxias do Sul/RS.



Fonte: Acervo pessoal.

Ao longo da minha vida, principalmente na escola, percebi que faz diferença o lugar em que tu moras, quanto tu ganhas e que valores seus pais te passaram. Eu não precisava dizer que era pobre, que meus pais não

eram letrados, que tínhamos uma vida simples. Os professores já deduziam. Assim como deduziam que nunca teríamos condições de fazer nada melhor, que nunca teríamos entendimento do mundo e, muitas vezes, que não éramos honestos, já que o bairro era “perigoso”.

Fiz todo o Ensino Básico em escola pública. Durante o Fundamental, no Santa Fé, tive algumas experiências muito significativas, cada uma à sua maneira. Lembro-me de, quando eu estava na 1ª série, a professora de Educação Física ter feito eu e uma colega lamber sabão no banheiro dos professores para lavar nossa boca suja. Essa mesma professora fazia inspeção nos alunos com um corta-unha e cortava bem curtinha as unhas de quem não tivesse aparado em casa. Ela adorava ordem, filas e silêncio. Honestamente, não sei o que ela fazia lá, trabalhando com crianças.

Lembro-me, também, de ser uma aluna horrível, dessas que deveriam estar na “classe especial”, pois eu tinha muita dificuldade para aprender e me concentrar. Depois de adulta, descobri que os remédios que eu tomava até os 10 anos, para tratar crises convulsivas, causavam sonolência e desatenção. Isso explicava muita coisa, inclusive o fato de a minha melhora na escola coincidir com a parada na medicação. Eram outros tempos, não se falava em TDAH, em subjetividade do aluno, não havia SUS nem diagnóstico para muitas coisas. Toda vez que uma pessoa que cresceu saudável fala “no meu tempo não tinha essas frescuras todas” ela está ignorando todas as pessoas que não terminaram o Ensino Básico ou não continuaram a escolarização por causa de uma escola que não incluía, não acolhia e não entendia quem não se encaixava no padrão.

Nessa mesma escola, quando fiz o estágio do Magistério, entrei pela primeira vez na sala dos professores e,



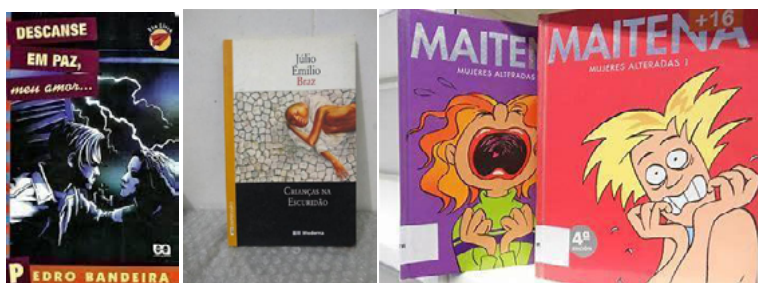
além do choque inicial de ver as rigorosas professoras rindo e sendo marotas umas com as outras, escutei uma fala que marcou muito minha trajetória: *“Os alunos daqui (Santa Fé), não adianta ensinar; eles não aprendem... mas também é só ajudar a terminar o Fundamental para eles poderem trabalhar na CODECA ou em uma firma”*. Aquilo me doeu, afinal fui uma “aluna dali” e sei que não fui das melhores em boa parte dos Anos Iniciais. Será que a periferia não merece a esperança de um professor?

Mereceu a minha. Todas essas experiências de des-caso ou de julgamento criaram a professora que sou hoje. Tenho orgulho de dizer para os alunos que sou da Zona Norte e que podemos ir mais longe, podemos ser o que quiser, e, se hoje não entendo a matéria, não quer dizer que fracassei, amanhã tento de novo e “tá tudo bem”.

Há uma máxima que aprendi no Magistério e car-re-go comigo até hoje: “ninguém aprende o que não quer”. É preciso fazer querer aprender, estar disposto ao con-tato com o professor, com o ensino. Talvez aqui colocar o nome completo ou o ano da obra trabalha muito isso em sua biologia do conhecer. O envolvimento é funda-mental, principalmente para o adolescente. Talvez por isso, uma das experiências mais marcantes na minha formação como estudante seja o que levo também para a sala como professora: o prazer da leitura.

No Ensino Fundamental, tive hora da leitura com uma profissional maravilhosa, que contava várias his-tórias de Pedro Bandeira, Marina Colasanti, Ricardo Azevedo e Ângela Lago, entre outros. As horas que passei escutando e interagindo na biblioteca me fize-ram a leitora e a profissional que sou hoje, e me fizeram perceber que todo mundo gosta de uma boa história.

Figura 3 – Seleção de fotos de livros da autora.



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Trazer histórias significativas e atividades relevantes bem como estimular o gosto pela leitura faz parte do meu planejamento até hoje. Junto com isso, percebi, ao longo dos anos, que eu e muitos alunos tínhamos uma paixão em comum, o gosto por histórias em quadrinhos e mangás. Saber que a professora de Português considera HQs uma leitura válida e “curte” dos mesmos heróis que eles torna mais fácil o vínculo e o entendimento de que as aulas podem ser legais. Os trabalhos desenvolvidos ao longo de treze anos com a leitura e a produção de quadrinhos com os alunos mostram que “o convite” a algo significativo para o aluno é essencial no processo de aprendizagem.

Figura 4 – Seleção de fotos da autora.



Fonte: Arquivo pessoal, 2023.

Em 2019, comecei a atuar como coordenadora pedagógica em uma escola municipal. Organizar o trabalho da escola e entender as problemáticas complexas entre escola, família e município foram tarefas muito inquietantes, fazendo com que eu voltasse a estudar. Acabei inscrita no simpósio sobre Paulo Freire, que aconteceu no primeiro semestre na Universidade de Caxias do Sul (UCS). Estar de volta à universidade, rever amigos e compartilhar inquietações acabou reacendendo a chama da pesquisa que tinha se acendido na Graduação.

Figura 5 – Tirinha Armandinho



Fonte: Beck, 2020.

Na Graduação, participei como bolsista de iniciação científica do projeto GENERA (Leitura e produção de gêneros discursivos em sala de aula), que estudava a inserção da teoria de gêneros textuais no ensino e o modo como isso poderia melhorar a performance dos estudantes na leitura e na escrita. Fui convidada pela professora Neires Maria Soldatelli Paviani, que disse no meu primeiro semestre que eu “tinha jeito para pesquisa” com o meu “modo questionador”. A professora Neires foi uma grande mentora que, além de me colocar no caminho da pesquisa (cuja bolsa pagou minha Graduação), me deu o meu primeiro livro (de poemas do professor Jayme Paviani), dizendo que quem quer ir para o caminho das Letras precisa começar uma bi-

biblioteca. Hoje a biblioteca está enorme e sempre me faz lembrar dela.

Chama reacesa com a participação no Seminário do Freire, encontro no bar do Olavo (do lado do Bloco E da UCS) a professora Tânia Maris de Azevedo, também mentora na Graduação, que me convida para inscrição no Mestrado. Após muitos cafés e conversas, chegamos aos meus objetos de estudo:

*“Quero trabalhar com histórias em quadrinhos, pois é um dos materiais mais ricos com o qual trabalho e que tem apelo ao jovem leitor. Quero investigar como melhorar a leitura dos alunos, pois é uma das grandes dificuldades dos estudantes segundo as avaliações externas e não há material qualificado sobre a relação imagem e texto no processo de produção de sentido. E quero fazer isso a partir da semântica argumentativa, já que a teoria me seduziu quando facilitou minha análise sobre a compreensão textual, e por conseguinte, minhas explicações, atividades e correções de produção.”*

Agora estou aqui, após dois anos de Mestrado, entrando no segundo ano de Doutorado, pesquisando como a perspectiva semântica pode ajudar na leitura de textos multissemióticos (visual e verbal), tentando qualificar a elaboração de atividades para os estudantes. Tenho ainda muitas dificuldades, incertezas e dúvidas enquanto escrevo mais uma versão do texto de pesquisa. Porém, ao longo de todo esse caminho percorrido como aluna e como professora, sei que o que importa é ter certeza de onde seu coração está: se é o que eu e meu aluno precisamos e gostamos, se é o que é significativo e construtivo, então é o caminho.

Vamos para os próximos passos...



Fonte: Beck, 2---.

## Referências

ASSIS, Leandro; OLIVEIRA, Triscila. *Confinada*. São Paulo: Todavia, 2021.

BECK, Alexandre. Armandinho. In: CARMO, Gabriel Egídio do. *Tirinha do Armandinho – Professores nos ajudam a ler*. Blog de Geografia, 14 set. 2020. Disponível em: <https://suburbanodigital.blogspot.com/2020/09/tirinha-do-armandinho-professores-nos-ajudam-a-ler.html>. Acesso em: 01 maio 2023.

BECK, Alexandre. Armandinho. *Tumblr, 2---*. Disponível em: <https://tirasarmandinho.tumblr.com/search/%20fazem%20hist%C3%B3ria>. Acesso em: 10 jun. 2023.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

# Memórias, trajetórias e experiências

Fernanda Rodrigues Zanatta<sup>12</sup>

*A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o  
que nos toca.*  
(Jorge Larrosa, 2002, p. 21)

Navegar é preciso, já dizia Fernando Pessoa (2004), e, por isso, seguimos navegando por diferentes tempos e espaços que vão nos constituindo. Chego aqui como aluna do Doutorado em Educação; e, para além de navegar mares desconhecidos, escrever também é preciso. Escrever sobre si, produzir um memorial, uma narrativa de si, registrar o percurso e me ver como pesquisadora. É fácil escrever sobre si? Para isso retomo o conselho apresentado por Nóvoa (2020, p. 2), quando o autor dialoga com jovens pesquisadores e aconselha: “Conhece-te a ti mesmo”. Quanto à pergunta, respondo: é fácil e é difícil. É fácil, pois sou eu quem me conhece, sei das minhas fraquezas, qualidades, vivências, sentimentos e percursos. Mas é difícil, pois exige organizar as ideias, selecionar, abrir-se. Falar de si é trazer um memorial que nos remete à nossa própria história, memórias guardadas, sejam guardadas por algo positivo ou não. O que guardei?

GUARDAR

Guardar uma coisa não é escondê-la ou trancá-la.  
Em cofre não se guarda coisa alguma.  
Em cofre perde-se a coisa à vista.

Guardar uma coisa é olhá-la, fitá-la, mirá-la por  
admirá-la, isto é, iluminá-la ou ser por ela iluminado.

---

<sup>12</sup> Mestra e doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Bolsista PROSUC/CAPES modalidade II. E-mail: frzanatta@ucs.br.

Guardar uma coisa é vigiá-la, isto é, fazer vigília por  
ela, isto é, velar por ela, isto é, estar acordado por  
ela, isto é, estar por ela ou ser por ela.  
Por isso, melhor se guarda o vôo de um pássaro  
Do que de um pássaro sem vôos.  
Por isso se escreve, por isso se diz, por isso se publica,  
por isso se declara e declama um poema:  
Para guardá-lo:  
Para que ele, por sua vez, guarde o que guarda:  
Guarde o que quer que guarda um poema:  
Por isso o lance do poema:  
Por guardar-se o que se quer guardar.  
(Cícero, 1996, p. 337).

Contar minhas memórias pressupõe saber quem sou, qual a minha identidade, quais as trajetórias que me constituíram e me trouxeram até este ponto. Mia Couto (1999), em poesia, nos fala de identidade, de ser outro. Somos tantos... Constituímos-nos ao longo das experiências e das formações que vivenciamos, conforme Larossa (2002, p. 21):

[...] a experiência não é o caminho até um objetivo previsto, até uma meta que se conhece de antemão, mas é uma abertura para o desconhecido, para o que não se pode antecipar nem “pré-ver” nem “pré-dizer.” Ao rememorar me vejo em diferentes tempos e funções que a trajetória me permitiu caminhar.

E são tantas essas experiências que nos constituem que é impossível falar de *uma* identidade, mas sim de múltiplas e diferentes identidades que vamos assumindo ao longo da jornada.

Caminhante, são teus passos  
o caminho e nada mais;  
caminhante, não há caminho,  
Faz-se caminho ao andar.  
(Machado, 1999)

Revisitar os caminhos, os passos dados, as escolhas e as possibilidades... Por onde estive? Por onde cami-

nhei para chegar até aqui? Que relações essa caminhada teve com a educação?

Sempre tive um gosto muito grande pelas artes e pela educação. Mencionei, em diversas ocasiões na minha infância, que eu seria professora. Tal fato era reforçado nas brincadeiras de escolinha, nas vivências com minha vó, ao “ensiná-la” a escrever o próprio nome com a “letra junta” e nas narrativas da minha mãe para outras pessoas da família dizendo que as crianças me adoravam e que eu tinha jeito com criança. Quando estava na 6ª série, também dava aula de reforço para um vizinho. Já habitava em mim uma professora.

No ano de 1991, minha família decidiu morar em Barão, terra natal de meu pai. Eu estava na 7ª série nesse ano. Fui matriculada na escola estadual de 1º e 2º graus Assunta Fortini, atual Instituto Estadual de Educação Assunta Fortini. Quando finalizei o 1º grau (hoje Ensino Fundamental) ingressei no Curso Magistério, pois era o único curso oferecido no turno da manhã e o 2º grau só era oferecido no ensino noturno. Estudar à noite nunca estive em cogitação, pois não era algo bem visto, a menos que fosse uma necessidade trabalhar. Então, obviamente, fui matriculada no Curso Magistério (hoje Curso Normal), mas, se tivesse opção, certamente seguiria no Magistério, escolha que foi muito apoiada pela minha tia, professora e diretora do Grupo Escolar, escola que antecedeu a escola Assunta Fortini. Ela me deu muitas caixas com recortes de figuras diversas, dizendo-me que seriam muito úteis para minhas aulas. No ano de 1993 houve um número considerado bastante alto de pessoas interessadas em ingressar no Curso Magistério. Então a escola fez uma prova de seleção durante as férias, mas essa prova foi apenas classificatória, pois, ao iniciar o ano, todos foram matriculados. Iniciei



minha formação no Magistério, no qual obtive a formação de professora dos Anos Iniciais, no IEE Assunta Fortini, no ano de 1996.

No ano de 1998 assumi uma nomeação na Prefeitura Municipal de Barão e iniciei minha atividade profissional como professora. Já tinha outra experiência anterior no comércio, mas como docente foi a minha primeira experiência oficial. Ao procurar a Secretaria de Educação, soube que havia sido nomeada para ministrar aulas em uma escola multisseriada, no interior, sendo também a diretora e a merendeira. Recebi as chaves e orientação de como chegar. Também me foi permitido usar o transporte escolar, uma kombi, com o símbolo de um lápis, que foi distribuída pelo governo do estado da época aos municípios. No caminho já fui conhecendo meus alunos, que eram um total de sete, mas de quatro turmas diferentes. E assim me vi “professora”. Lá estavam eu e meus alunos....

Fazer uma faculdade também estava nos planos, mas distantes... Já era mãe do Felipe. Mas eis que, no ano de 1997, surge um convite, num movimento da Secretaria Municipal Educação de Salvador do Sul, para formar um grupo de professores para estudar na Universidade do Vale do Rio do Sinos (UNISINOS). No ano de 1998, ingressei no curso superior de Graduação em Pedagogia, na UNISINOS, integrando um grupo de professores de Salvador do Sul, São Pedro da Serra, Tupandi e São José do Sul. Muitas pessoas eram conhecidas do curso do Magistério, sendo da minha turma ou de outras. O curso permitiu que eu expandisse meus horizontes enquanto professora; eu me sentia muito bem dentro da universidade, frequentando a biblioteca, o laboratório de informática... mas, muitas vezes, pensei em trocar de curso, pois a Pedagogia me daria uma ha-

bilitação que eu já possuía. Apesar dessa sensação de insatisfação, acabei não trocando de curso, pois havia algumas facilidades para o nosso grupo: as aulas dos sábados (manhã e tarde) acontecerem em Salvador do Sul, no Colégio Santo Inácio (um antigo seminário de propriedade da UNISINOS) e o fato de os professores nos acolherem tão bem. Todo início de semestre, os professores preparavam momentos diferenciados, aberturas para o “grupo fechado” da Pedagogia, pois na fala deles “éramos um grupo diferenciado, com experiência em sala de aula”, fato que contribuía para os debates. Fomos um grupo de aproximadamente 60 professoras, egressas do Curso Normal. No meu trabalho de conclusão de curso, pesquisei sobre os brinquedos preferidos das crianças do meu contexto. Quando me dei conta já estávamos falando em formatura. Era o ano de 2002. E me vi “pedagoga”..

Nesse período, tive outras experiências como professora, ampliando a carga horária e realizando outro concurso público na mesma prefeitura. Também em 2002, fui nomeada professora da Rede Estadual de Ensino, na Escola Estadual Cônego Caspary. Em 2003, cursei uma Pós-Graduação lato sensu em Psicopedagogia, em Caxias do Sul. Pesquisei sobre as aprendizagens em Piaget e Vigotsky. Em 2005 passei a atuar na vice-direção do noturno no IEE Assunta Fortini, pela Rede Estadual, na minha escola de formação, para a qual fui transferida. Passei a atuar na função de vice-diretora e, posteriormente, com o Curso Normal. Ainda em 2005, fui atuar na Rede Municipal de Ensino como coordenadora pedagógica da Secretaria Municipal de Barão. Ali pude ter outra experiência, com uma visão mais ampla sobre a educação, as escolas e o histórico delas, o que mais tarde contribuiu com minha pesquisa

de Mestrado. Em 2008 cursei outra Especialização lato sensu em Gestão Escolar (UFRGS), na qual pesquisei sobre Projeto Político Pedagógico.

Estar na Secretaria de Educação me trazia diferentes experiências, no entanto, sempre guardei o desejo de fazer um curso de Mestrado como um sonho, mas parecia algo muito distante. Nesse período, passei a observar algumas divulgações desses cursos. Cheguei a me inscrever no processo seletivo da UNISINOS, fazer a prova e ser chamada para a entrevista, porém sem noção nenhuma de projeto de pesquisa. Também analisei que seria um custo muito alto para financiar esse sonho. Segui pesquisando mais sobre Mestrado em outras universidades que frequentava eventualmente para fazer alguma formação, como a própria UNISINOS, a FEEVALE e a ULBRA. Em algum momento, me encontrei com a divulgação da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Era a primeira turma e o último dia de inscrição. Entendi ser outra oportunidade, separei a documentação solicitada e me inscrevi. Para o projeto de pesquisa, escrevi meia página, sobre políticas públicas educacionais. Não me classifiquei, mas recebi o contato telefônico do professor Lúcio Kreutz, alguns dias depois, que me chamou para ser aluna especial e ajustarmos o projeto. Então segui como aluna especial naquele ano. Definimos como projeto pesquisar sobre a diversidade cultural que havia em Barão, por meio das escolas étnicas e das políticas públicas educacionais do período. Compreendi mais sobre a pesquisa, sobre o projeto de pesquisa e sobre as pesquisas do professor Lúcio. Lembrei-me das aulas de História da Educação na Graduação, com a professora Edla Eggert, e as falas dela sobre as pesquisas dos panos de prato com bordados em alemão, sobre o encantamento pela nossa região e, nas suas vindas para

as aulas em Salvador do Sul, sobre os questionamentos da cultura étnica especialmente do nosso grupo, pois atuávamos, na grande maioria, em regiões de descendentes de imigrantes alemães.

No ano seguinte, ingressei no curso de Mestrado como aluna regular. Foi no curso de Mestrado que despertei meu interesse e a possibilidade que havia de pesquisar sobre o Curso Normal, ao analisar as escolas de Barão e a história de cada uma. Também atuava na Escola Normal e passei a fazer algumas pesquisas sobre a escola nas aulas de História da Educação. Posso enxergar ali algumas sementes plantadas para nascer a pesquisadora. No curso de Mestrado percebi a possibilidade de realizar uma pesquisa sobre Curso Normal, pois estava em contato com colegas que faziam pesquisas nesse tema. Em 2009, entrei no curso de Mestrado na Universidade, mas guardei essa proposta para um momento futuro. Minha proposta de investigação sobre a história da educação de Barão/RS e a diversidade cultural, na linha de pesquisa História e Filosofia da Educação, foi orientada pelo professor Lúcio Kreutz na perspectiva da História Cultural e das teorias de Roger Chartier, Sandra Jatahy Pesavento, Peter Burke, entre tantos outros. Naquele último ano, participei de vários eventos divulgando a minha pesquisa. Além de participar das apresentações, gostava muito de ouvir, das trocas e partilhas que eram realizadas nos eventos. Acredito que ali, nesse meio produtivo, mais sementes foram plantadas para emergir a pesquisadora. Obtive o título de Mestra em Educação no ano de 2011.

Em 2013, assumi a pasta da Secretaria de Educação e Cultura, na gestão 2013-2016. Quando me vi “gestora da Educação”, apesar de já ter assumido outras funções,

percebi que, estando na função de secretária, as responsabilidades eram mais amplas, mais técnicas.

Em 2017 retornei ao IEE Assunta Fortini, trabalhando com as disciplinas pedagógicas do curso, inclusive a de História da Educação.

Durante a pandemia, passamos muito tempo em casa e segui meu trabalho de forma remota, realizando diversas formações e realizando cursos de meu interesse, assistindo a *lives* e acompanhando o que acontecia de forma virtual. Em 2020 me deparei, novamente, com o Programa de Pós-Graduação em Educação e ressurgiu o interesse em seguir estudando e pesquisando. A admiração pelos professores que participaram do Mestrado, em minha formação, me fez seguir acompanhando seus trabalhos. E, então, no dia 28 de agosto de 2021, a professora Terciane Ângela Luchese me respondeu, sinalizando que considerava interessante minha ideia de pesquisa. Contudo, o ensino híbrido consumiu grande parte do meu tempo. Acabei fazendo a inscrição para a seleção no final de 2021. Ingressei no Doutorado em 2022 e aqui estou relatando a minha trajetória.

Dividem, os cursos de Mestrado e Doutorado, um período de 11 anos. Havia estabelecido que só faria curso de Doutorado caso conseguisse ingressar no Ensino Superior. Porém, o desejo de voltar ao meio acadêmico, apesar de seguir trabalhando, e fazer o curso de Doutorado foi maior e me trouxe até aqui. A possibilidade de ser bolsista facilitou esse sonho. No Mestrado, concentrei a pesquisa no recorte temporal de 1930 a 1960 e pontuei sobre as escolas étnicas de Barão. Na pesquisa do Doutorado pretendo contar a história do IEE Assunta Fortini e do Curso Normal da mesma instituição, enfocando a importância desse curso no desenvolvimento da escola, do município e da região no

período de 1963, início da Escola Normal, até o ano de 1973. Aqui me vi “pesquisadora”

Durante minha trajetória profissional, atuei como professora, diretora, vice-diretora, coordenadora pedagógica municipal, secretária municipal de Educação e Cultura, supervisora de estágio (Curso Normal), monitora de curso de Pós-Graduação, tutora de curso de extensão em um Instituto Federal e revisora técnica de material pedagógico para cursos de Pós-Graduação. Atualmente sou professora da Rede Municipal de Ensino, atuando com alunos de Anos Iniciais do Ensino Fundamental. Também atuo como professora da Rede Estadual de Educação, no curso de Aproveitamento de Estudos do Curso Normal do IEE Assunta Fortini, e como vice-diretora e supervisora de ensino na mesma instituição. Também atuo como presidente do Conselho Municipal de Educação de Barão/RS.

Hoje, em atividades de pesquisa, participo do GRUPHEIM e de atividade de extensão do Grupo de Estudos em História da Educação GESTHEB/UESB com encontros síncronos. Os grupos de pesquisa são espaços maduros para nos posicionarmos como pesquisadores e nos proporcionam uma formação que alimenta não só a pesquisa, mas a alma do pesquisador.

## **Nasce uma pesquisadora**

Ainda que saiba que Mestrado e Doutorado são cursos de pesquisa, demorei para me reconhecer e me assumir pesquisadora. Para chegar até aqui, a caminhada foi longa e a estrada a seguir é desconhecida. O processo de escrita exige muita leitura. Escrever é preciso... Ler é preciso... Ver é preciso... Ler é reler as fontes, aprender a questionar, enxergar o que não foi dito, o que não foi re-

gistrado. Ver e olhar. Olhar de diferentes ângulos. Ler e reler. A semente da investigação foi plantada. Germinar é preciso. Conversar com as fontes. Reviver e se encantar com a pesquisa. O encantamento nos produz outras possibilidades de pesquisas. Percebo que, quando leio as fontes, surgem outras propostas de pesquisas, fato que me faz seguir garimpando e lapidando as diferentes fontes e vestígios que vão sendo absorvidos na pesquisa. Claro que tudo isso é processo. Como já mencionei, ler é preciso. Trata-se de apropriar-se das teorias para poder dialogar e estabelecer uma conversa madura, coesa e concisa entre teóricos, fontes e eu, pesquisadora. Tudo é construção. Reconheço em mim uma “pesquisadora iniciante”.

A pesquisadora segue em construção, desabrochando a cada escrita, leitura, reescrita. É processo. É trânsito. É movimento.

Desabrochar a pesquisadora exige transformação. A transformação ocorre à medida que vou construindo meu modo de escrita. As provocações vêm sendo feitas para perceber os modos de escrita. Não sei ainda qual é esse estilo de escrever. Ele está em construção, em processo. E esse é o desafio da pesquisadora em construção: por vezes, não saber qual o caminho que irei trilhar, qual o modo de escrita que vou estar empregando nas linhas produzidas... Pode ser assustador, mas também é desafiador.

Que pesquisadora sou? Ainda não sei. A leitura do texto de Walter Benjamin (1994) sobre o pesquisador camponês ou viajante me fez refletir. Porém, ainda estou descobrindo. Sinto-me viajante, por gostar e fazer diferentes coisas ao mesmo tempo, mas me sinto camponesa pela segurança e proximidade ao meu campo de pesquisa.

Finalizo com a certeza de que devo seguir sempre aperfeiçoando. Aperfeiçoando a mim, aperfeiçoando a minha pesquisa, a pesquisadora e, também, este texto. Gratidão por estar neste ponto da escrita da minha história. E, se escrever é preciso, narrar também é!

## Referências

- CÍCERO, Antônio. *Guardar: poemas escolhidos*. Rio de Janeiro: Record, 1996. p. 337.
- COUTO, Mia. *Raiz de orvalho e outros poemas*. Lisboa: Caminho, 1999.
- CLANDININ, Jean D.; CONNELLY, Michael F. *Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa*. 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2015.
- LARROSA, J. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Trad. João Wanderley Geraldi. *Revista Brasileira de Educação*, São Paulo, n. 19, jan./abr. 2002.
- MACHADO, A. *Antologia Poética*. Seleção, tradução, prólogo e notas de José Bento. Lisboa: Editorial Cotovia, 1999.
- NÓVOA, António. Carta a um jovem investigador em Educação. *Investigar em Educação*, Porto, v. 2, n. 3, p. 13-22, jun. 2015. Disponível em: <http://pages.ie.uminho.pt/inved/index.php/ie/article/view/83/82>. Acesso em: 05 maio 2020.
- PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Organização de Maria Aliete Galhoz. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.
- WALTER, Benjamin. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: WALTER, Benjamin. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.



# Eu, professora pesquisadora

Graziele Dall'Acua<sup>13</sup>

## Eu, uma quase narradora

O ano é 2023, meados do mês de abril, terça-feira à tarde. Juntamente com meus colegas doutorandos em Educação, fui desafiada pela professora a escrever sobre a minha formação como pesquisadora e a minha relação com o objeto de estudo. A tarefa é avaliativa e pré-requisito para conclusão da disciplina de Seminário de Tese III. Ainda com dúvidas e preocupada em como desenvolver a atividade proposta, sentei-me em frente à tela do computador e separei todos os textos que serviriam de estudo nesta disciplina e de apoio para minha formação. Foi então que me lancei no desafio de me tornar uma *narradora*.

Segundo Benjamin (1994, p. 198), “o narrador retira da experiência o que ele conta, sua própria experiência ou a relatada pelos outros. E incorpora as coisas narradas à experiência dos seus ouvintes.” Ainda de acordo com Benjamin (1994), o texto narrativo conserva suas forças e, depois de muito tempo, ainda é capaz de se desenvolver. Confesso que nas primeiras linhas senti a dificuldade de ser uma narradora e narrar corretamente, portanto, quase abortei a missão. Agora entendo o que Benjamin quis dizer quando afirmou que a experiência da arte de narrar está em vias de extinção, pois são cada vez mais raras as pessoas que sabem narrar devidamente. Sendo assim, me lancei no desafio

---

<sup>13</sup> Mestra em Ensino de Ciências e Matemática e doutoranda em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Professora na Rede Municipal de Ensino de Flores da Cunha, RS, Brasil. E-mail: grazidalla-cua@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2969-2958>.

de contar um pouco mais sobre a minha formação como pesquisadora e o objeto de estudo que estou propondo na minha tese. Início o texto contando-lhes um pouco mais sobre a minha infância e a relação dela com o meu objeto de estudo.

## **Eu, criança canhota apaixonada pela sala de aula**

Quando criança, sempre fui muito alegre, determinada e objetiva. Um dos meus primeiros desafios, ao ingressar na escola pública de ensino fundamental, foi descobrir que tinha maior habilidade com os membros do lado esquerdo do corpo, sendo declarada como uma **criança canhota**. Na época, o assunto ainda era um tabu e, portanto, tive dificuldades na coordenação motora e muitas dificuldades na escrita, além da resistência da família em aceitar essa simples condição. Por anos, fui estimulada pelos meus pais a realizar funções como uma pessoa destra (considerada, por eles, uma pessoa normal).

Mas, durante todos os anos de escola, sempre fui uma aluna prestativa, participativa, dispondo-me a auxiliar os colegas, principalmente nas questões relacionadas à Matemática e, por vezes, também fui criticada pelos professores por ser uma criança questionadora. Em minha vida escolar, sempre obtive boas notas, todavia, quando o assunto estava relacionado às disciplinas teóricas, em especial, à disciplina de História, precisava de uma ajudinha (essa disciplina, definitivamente, nunca foi o meu forte). Apesar das dificuldades e dos desafios da infância, durante o período escolar, sempre assumi cargos e funções de liderança estudantil, destacando, entre eles, o de líder de classe e o de oradora de turma.

No ano de 2002, por meio de uma comunicação via rádio, recebi a notícia de que havia sido aprovada no vestibular em Licenciatura Plena em Matemática. Mesmo diante de todas as dificuldades, ingressei no Ensino Superior. Foram os seis anos mais intensos e desafiadores da minha vida. A cada disciplina que cursava, aumentavam as minhas certezas de que era essa a profissão que eu queria seguir. Assim como afirma Freire (1996, p. 29),

É assim que venho tentando ser professor, assumindo minhas convicções, disponível ao saber, sensível à boniteza da prática educativa, instigado por seus desafios que não lhe permitem burocratizar-se, assumindo minhas limitações, acompanhadas sempre do esforço por superá-las, limitações que não procuro esconder em nome mesmo do respeito que me tenho e aos educandos.

Posso afirmar que sempre soube que queria ser professora. Acredito que esse é um desejo que nasceu comigo. Minha experiência docente se iniciou com uma turma de Anos Iniciais, mas, ao longo dos anos, passei a atuar com estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, ministrando a disciplina de Matemática e Ciências. De lá pra cá, já se passaram 14 anos. Esse dado é relevante para destacar que há mais de trinta anos estou em uma sala de aula (ora como estudante, ora como professora) e esse é o ambiente mais mágico e transformador que conheço.

## **Eu, professora**

Ao longo da minha trajetória docente, observei que o ambiente de sala de aula pode se tornar potencializador de aprendizagens, uma vez que é possível realizar transformações a partir das construções realizadas pelos estudantes. Quando o estudante entra em ambiente de

aprendizagem, ele precisa ser motivado, incentivado, mobilizado a pensar e promover o processo de aprendizagens a partir das construções propostas. Por meio dos acertos, erros e discussões por pares, o estudante tem a possibilidade de realizar suas construções e se apropriar dos conceitos ao desenvolver as competências e habilidades propostas no planejamento do dia. Mas nem sempre é possível alcançar a todos, assim como nem todos os professores, em suas práticas pedagógicas, potencializam seus estudantes ou estão dispostos a buscar e utilizar estratégias ou métodos de ensino para alcançar os objetivos de aprendizagem. Freire (1996, p. 21) relatava:

Quando entro em uma sala de aula devo estar sendo um ser aberto a indagações, à curiosidade, às perguntas dos alunos, a suas inibições; um ser crítico e inquiridor, inquieto em face da tarefa que tenho – a de ensinar e não a de transferir conhecimento.

Quando ingressei em uma sala de aula pela primeira vez como **professora**, senti-me completa. Lembro-me como se fosse hoje. Todos os alunos sentados com os olhinhos estalados, sedentos por conhecimento. Então me perguntei: *“O que posso fazer para que esses alunos aprendam?”* Desde então, toda vez que adentro o ambiente escolar ou o ambiente da sala de aula fico me perguntando: *“Como contribuir para que esses estudantes aprendam e se desenvolvam? Como melhorar minha atuação docente para potencializar o processo de ensino? Como transformar os processos em aprendizagens significativas?”*

Realizar esses questionamentos constantemente é aumentar o nível de exigência para comigo e com o serviço que estou prestando à educação, mas também me possibilita melhorar e buscar qualificação. Segundo

Freire (1996), o professor tem responsabilidade ética no exercício da tarefa docente e, por isso, tem responsabilidade no modo como constrói sua identidade profissional e sua formação. O discurso de Magda Soares ao receber o prêmio Almirante Álvaro Alberto para a Ciência e a Tecnologia de 2015, reconhecida na área de Ciências Humanas e Sociais, Letras e Artes, nos convida a refletir sobre inúmeros aspectos acerca do reconhecimento (pela primeira vez) de uma pesquisa em Educação, mas também nos faz refletir sobre o nosso papel enquanto agentes de ação e transformação: “Nós, os da área da Educação, estamos permanentemente diante de um apelo para compreensão, acompanhada de um apelo para ação” (Soares, 2015). E é isso que venho fazendo ao longo desses anos de docência.

Ser professora, em minha concepção, é impulsionar o outro por intermédio do ensino, da aprendizagem, do incrível mundo da Matemática e de sua infinidade. Sou exponencialmente apaixonada e preocupada com Educação, assim como com o processo transformador que ela promove. Mas provavelmente essa paixão toda tenha ficado evidente desde os primeiros parágrafos deste texto.

## **Eu, professora pesquisadora**

Por acreditar que o estudante aprende a partir de suas construções e quando vê sentido no que está aprendendo, ingressei no Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade de Caxias do Sul (UCS) e passei a analisar tudo que iria propor aos meus alunos ou que havia planejado para a aula. Foi nesse momento que me descobri **pesquisadora**.

A intensidade do discurso de Magda reverbera que as respostas estão no mundo da Educação à espera das perguntas do pesquisador, pois “o caminho é a pergunta!” (Soares, 2015). Diante das palavras de Soares (2015), observo que me tornei pesquisadora por acreditar que é necessário pesquisar para compreender os fenômenos, uma vez que precisamos compreender para agir. É assim que me sinto: desafiada a compreender os processos formativos para agir em prol da qualidade do ensino. Segundo Nóvoa (2015), um investigador em Educação tem de aprender a conhecer para além das evidências e encontrar equilíbrio para lidar com a forma depreciativa como muitas vezes se olha para a ação. Então é isso, para ser uma pesquisadora é preciso ter coragem. “Sem coragem não há conhecimento” (Nóvoa, 2015, p.14).

Por intermédio do corpo docente do Mestrado e por lideranças ligadas à área da Educação, passei a ser convidada para apresentar os planejamentos e resultados das minhas aulas experimentais para outros professores em seminários, em momentos de estudo e pesquisa, em disciplinas do Mestrado e em *lives*. Por inúmeras vezes fui convidada pelas próprias colegas da escola para aplicar meus planejamentos com seus alunos. E foi a partir dessa trajetória que participei do projeto *Encorajando Meninas nas Ciências Exatas, Engenharia e Tecnologia*, concebido por um grupo de professores do Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática da UCS e aprovado no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Ter participado desse projeto possibilitou uma verdadeira transformação na escola em que atuava e ofereceu oportunidades diferenciadas aos estudantes que participaram do projeto, justamente por estarem em uma comunidade em vulnerabilidade

social e inseridos em um contexto que clamava por uma educação inclusiva e de qualidade. Isso demonstra que meu compromisso vai além da educação. Meu compromisso como profissional e pesquisadora é também com o contexto no qual estou inserida em prol da educação do país. Justamente o que sugere Nóvoa (2015, p. 19): “O nosso compromisso é com a Educação, mas também com o país.”

A pesquisadora que reverbera em mim transformou a minha prática docente, contribuindo para a qualificação do planejamento e dos projetos que venho realizando. Possibilitou, também, uma verdadeira mudança no contexto escolar. Segundo Nóvoa (2015, p. 19), “em Educação, nunca se é apenas investigador, no sentido mais acanhado do termo”.

Trabalhar por projetos e construir conceitos a partir de aprendizagens ativas e do movimento “mão na massa” passaram a fazer parte das minhas estratégias de ensino. A sala de aula tornou-se um ambiente potencializador das aprendizagens, uma vez que se transformava diariamente a partir das construções dos estudantes.

## **Eu, coordenadora pedagógica pesquisadora**

Diante da minha trajetória profissional e acadêmica, no ano de 2021 aceitei o convite para a função de **coordenadora pedagógica** da Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Desporto de Flores da Cunha. Como coordenadora pedagógica da Rede Municipal, tenho a possibilidade de mapear a rede em diferentes contextos, analisar os processos de ensino realizado pelos professores, os processos de aprendizagem demonstrados pelos estudantes, olhar para os indicadores que demonstram os índices de rendimento escolar,

avaliar a qualidade do ensino, propor ações que visem à aprendizagem e ao desenvolvimento de competências e habilidades necessárias para o estudante. Uma das principais funções do coordenador pedagógico está em olhar para o professor, objetivando diagnosticar as dificuldades ou necessidades apresentadas por ele, orientar a prática pedagógica, possibilitar a construção de ambientes de aprendizagem, bem como promover e desenvolver formações continuadas que possibilitem a qualificação do professor.

Nesse aspecto, ao analisar os indicadores das avaliações externas do município de Flores da Cunha, observei que o rendimento escolar dos estudantes está acima da média estadual, entretanto, há vários indicadores que precisam ser melhorados. A partir desses dados, surgiram algumas hipóteses que podem contribuir para a análise do cenário atual e para que eu desempenhe, com excelência, a minha função de coordenadora da Rede Municipal de Ensino.

Uma das hipóteses é que existe uma grande evolução dos estudantes quando constroem os conceitos a partir de metodologias ativas e do seu protagonismo no processo de aprender, porém o que se observa é que na maioria das vezes o professor apresenta atividades em que os problemas já são pré-definidos por ele, sem a participação do estudante no processo de construção, não fazem parte do contexto do aluno e a resolução ocorre de forma mecânica.

A partir dos relatos das coordenadoras pedagógicas que atuam nas escolas da Rede Municipal de Ensino é possível refletir sobre outros aspectos relevantes que podem influenciar nos índices de rendimento escolar, tais como a escassez de atividades que estimulem o desenvolvimento do raciocínio lógico e o despreparo dos



estudantes em relação às competências socioemocionais, as quais são exigidas no momento da realização das avaliações externas. Tal fato vai ao encontro da hipótese de que existe um grande percentual de professores de Matemática que demonstram estar despreparados para construir os conceitos com seus estudantes, que não constituem seus planejamentos a partir da realidade e do contexto em que estão inseridos e nem colocam o estudante como protagonista do processo, demonstrando-se acomodados com uma forma tradicional de ensinar. Além disso, muitos desses profissionais não autoavaliam sua prática pedagógica.

Tendo em vista a importância do planejamento, do uso de métodos e estratégias de ensino, da construção dos conceitos matemáticos, da utilização de materiais concretos e do processo de avaliação das aprendizagens, é possível constatar que há uma lacuna entre as práticas pedagógicas aplicadas no dia a dia e as exigências propostas nas avaliações externas. Do meu ponto de vista, essa lacuna tornou-se ainda mais notória com a implementação da Base Nacional Comum Curricular – BNCC (Brasil, 2018), implementada na rede no ano de 2020. O que fica evidente, também, é o despreparo dos professores com relação ao desenvolvimento das competências e habilidades sugeridas na BNCC (2018), o que demonstra a necessidade de qualificação desses profissionais.

## **Eu, doutoranda em Educação**

Na função em que ocupo atualmente, e por estar constantemente constituindo minha identidade profissional como professora de Matemática, no ano de 2022 ingressei no Doutorado e tornei-me uma **doutoranda em Educação**. Diante das hipóteses e reflexões, senti a

necessidade de pensar, planejar, implementar e avaliar um Programa de Formação Continuada para professores de Matemática, visando sanar as lacunas que se apresentam na Rede Municipal, mas que também existem na Educação Básica brasileira. Além disso, tenho a pretensão de olhar para os indicadores das avaliações externas, realizando um comparativo entre os dados atuais e os dados obtidos após a implantação de Programa de Formação Continuada, tendo em vista que a formação continuada irá propor a elaboração e aplicação de novas práticas pedagógicas, de modo a avaliar se essas práticas se constituem em práticas pedagógica inovadoras.

Assim como a tese reconhecida e premiada pela CAPES em 2020 na área da Educação (Eiras, 2020), que evidenciou por inúmeras vezes a importância e o privilégio de realizar uma investigação no chão da escola, me senti desafiada a investigar os professores da Educação Básica, no contexto da Rede Pública Municipal de Ensino. Esse estudo contribuiu para que eu pudesse observar a realidade em que atuo para conhecê-la, interpretá-la, identificar características a partir do que já conheço e do que estou procurando, buscando incluir as minhas concepções, as minhas experiências, o meu contexto histórico e as minhas implicações afetivas. E aqui aproveito a oportunidade para agradecer pela indicação do estudo proposto no Seminário de Tese III. O que ressalto é que esse seminário cumpriu sua missão, pois segundo Ramos (2019, p. 30):

No seminário, trata-se de constituir e manter um ambiente marcado pelo diálogo em que cada um exprime a sua própria reflexão com base na análise de elementos que lhe parecem úteis e pertinentes para a sua própria investigação em curso.

Além disso, o estudo da tese premiada me possibilitou aprender mais sobre essa experiência, com foco na observação do cotidiano, justamente o que sugere Stecanela (2012, p. 25):

A pesquisa *com e sobre* o cotidiano se faz com a observação e, principalmente, com as palavras, sendo elas originárias dos interlocutores empíricos e/ou da descrição densa do pesquisador sobre seu campo de pesquisa, considerando também as palavras dos interlocutores teóricos.

Assim como afirma Almeida (2010), as nossas escolhas evidenciam nossa identidade. Desse modo, o meu projeto irá propor a realização de um Programa de Formação Continuada para professores de Matemática para que os professores participantes sejam capacitados a desenvolver no estudante as competências e habilidades mínimas sugeridas pela BNCC (2018) e pelos referenciais curriculares da Rede Municipal de Ensino de Flores da Cunha, o que vai ao encontro da possibilidade de construir o meu objeto de pesquisa fundamentado em uma das minhas paixões, que é atuar na Educação Básica.

Nessas condições, estimo que a formação continuada que será proposta trará contribuições no campo da educação municipal, com potencial de trazer contribuições nos índices regionais e nacionais e, por conseguinte, nos indicadores de nível internacional.

De acordo com Almeida (2010, p. 35-36), “nossas pesquisas são frutos da nossa trajetória” e “nossa subjetividade permeia a atividade da pesquisa”. Portanto, a pesquisa que estou intencionando demonstra sua originalidade ao propor a realização de uma pesquisa-ação, que irá combinar a pesquisa com a prática, com o objetivo de construir conhecimento teórico e prática

pensando na realidade da Rede Municipal de Ensino. Dessa forma, tem-se a intenção de possibilitar que os professores em formação analisem e reflitam sobre suas próprias práticas pedagógicas e identifiquem problemas que precisam ser resolvidos, de modo a promover processo de aprendizagem.

À luz dos referenciais teóricos Freire (1996), Nóvoa (2019), Imbernón (2009), alinhados às concepções epistemológicas de Becker (2012), a pesquisa busca constituir uma formação por pares, de professor para professor, que potencialize trocas de experiências, que incentive o uso de (novos) métodos e estratégias, com o uso de recursos pedagógicos e tecnológicos, que possibilite ao professor a tomada de decisão com base nos indicadores de avaliações externas, no olhar do estudante em sala de aula, na realidade, nas concepções prévias, na experiência e na vivência em sala de aula, justamente o que tenho buscado ao longo da minha trajetória. Para Nóvoa (2019), ninguém se integra na profissão sozinho, todos precisam de outros professores para se tornarem professores. Ressalto que tenho uma preocupação com a qualidade da Educação Básica, contexto no qual a pesquisa será inserida, principalmente por estarmos vivendo um cenário pós-pandêmico.

Acredito que a formação continuada de professores de Matemática pode tornar-se relevante por possibilitar o desenvolvimento de práticas pedagógicas que podem concretizar-se em práticas pedagógicas inovadoras e promotoras de novos estudos, pesquisas ou, ainda, servir de instrumentos para novas práticas docentes. Para tanto, as referências acerca da inovação pedagógica estarão alicerçadas nas concepções de Leite (2012) e Morés (2023). Além disso, o planejamento da formação continuada para professores de Matemática estará ali-

cerçado nas diretrizes propostas pela BNC – Formação Continuada (Brasil, 2020). Sendo assim, acredito que os dados desta pesquisa podem contribuir para a implementação de políticas públicas, em diferentes esferas.

Como diria Nóvoa (2015, p. 16), “As ideias novas estão na fronteira, porque esse é o lugar do diálogo e dos encontros”. Portanto, a pesquisa aqui proposta demonstra seu ineditismo por se tratar de uma investigação ousada, uma vez que intenciona realizar um diagnóstico da Rede Municipal de Ensino, identificar os problemas que precisam ser resolvidos, desenvolver um Programa de Formação Continuada para professores de Matemática, implementar a formação e avaliar se os resultados da implementação surtiram efeito para a qualificação do ensino visando à aprendizagem dos estudantes na área da Matemática.

A pesquisa será realizada a partir de uma abordagem quanti-qualitativa, pois tem a pretensão de analisar um cenário de características educacionais, tanto nas percepções, compreensões e subjetividade dos participantes quanto em resultados tangíveis do ponto de vista estatístico e percentual. Terá a intenção de explorar as variáveis e fatores determinantes relacionados à formação continuada de professores, portanto, será de cunho exploratório. Quanto aos procedimentos, a pesquisa será do tipo pesquisa-ação, uma vez que pretende explorar hipóteses relacionadas à formação continuada de professores de Matemática, buscando testar um Programa de Formação que pode resultar em práticas pedagógicas inovadoras e em melhorias no processo de ensino e de aprendizagem.

Para realizar o levantamento dos dados, a pesquisa prevê a utilização de entrevistas, questionários, diário de bordo, observações, grupo focal e análise das avaliações

externas, prevendo construir uma síntese convalidada no processo do conhecimento. Para compor a amostra dessa investigação serão convidados quinze professores nomeados para o cargo de professor de Matemática da Rede Municipal de Ensino.

Por se tratar de uma pesquisa que envolve dilemas éticos, com seres humanos, a abordagem dos entrevistados ou a divulgação dos resultados terá um cuidado e o respeito próprio do fazer educacional. Estarei atenta à postura dos sujeitos pesquisados em sua plenitude, de forma a desprender-me de preconceitos e suspender juízos, mediante uma postura ética, a fim de que as minhas concepções como pesquisadora não atrapalhem o andamento e o resultado do trabalho. O respeito ao sigilo das informações vinculado à privacidade e ao respeito dos direitos dos seres humanos será prioridade ao longo da pesquisa, bem como a minha idoneidade nas entrevistas, grupos de trabalho, grupo focal, observações e em diversas questões de caráter pessoal que surgirão no processo.

Os dados serão analisados a partir dos referenciais teóricos da Análise Textual Discursiva. Dessa maneira, os resultados serão comunicados de forma discursiva como uma ferramenta para o diálogo em três dimensões, descrever, analisar e interpretar o conteúdo latente das palavras descritas pelo olhar, compondo o *corpus* da investigação. Assim como sugere Stecanela (2012, p. 28):

Assim, o texto que comunica os resultados de nossas pesquisas carrega consigo um tanto de nossas descobertas, um tanto de nossos caminhos interpretativos e um tanto também de nossas incompletudes, tendo em vista que uma metanarrativa envolve não somente a identidade do leitor, mas, também, a do seu autor.

Por estar imersa em uma pesquisa relacionada à vida cotidiana e ao tempo presente, estou diante da construção da minha identidade docente e, ao mesmo tempo, estou construindo a minha identidade de pesquisadora, pois pretendo narrar as experiências vivenciadas e essas narrativas irão cumprir a função de definir fronteiras e manter a continuidade do *eu*. Desta forma, estimo que esse projeto possa vir a incentivar mudanças na prática pedagógica dos professores de Matemática da Rede Municipal de Ensino em que atuo, com o propósito de desenvolver um plano organizacional de dinâmicas inovadoras que serão desenvolvidas pelos professores participantes da pesquisa. Sendo assim, acredito que a pesquisa irá trazer elementos cotidianos do estudante para dentro da sala de aula, possibilitando a aplicação dos conceitos matemáticos de forma prática, estratégica, criativa, autônoma e agregando valor aos processos de ensino e de aprendizagem, diferenciando-se das pesquisas que apresentam apenas suposições teóricas.

## Referências

ALMEIDA, Dóris B. Itinerários de uma pesquisadora: escolhas, intuições e encantamentos. In: GRAZZIOTIN, Luciane S. S.; COSTA, Gisele (Orgs.). *Experiências de quem pesquisa: reflexões e percursos*. Caxias do Sul: EDUCS, 2010.

BECKER, Fernando. *Epistemologia do professor de matemática*. Petrópolis: Vozes, 2012.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília, DF: MEC, 2018.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Institui Base Nacional Comum para a Formação Continuada de Professores da Educação Básica –

BNC-Formação Continuada. *Diário Oficial da União*: seção 1, Brasília, DF, p. 103-106, 29 out. 2020.

EIRAS, Wagner da Cruz Seabra. Protagonismo Autônomo de crianças por meio de brincadeiras científicas investigativas (BCI). *In*: SIMPÓSIO DE PESQUISA, INOVAÇÃO E TECNOLOGIA, 3., 2019, Juiz de Fora. *Anais [...]*. Juiz de Fora: IF Sudeste MG, 2019.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

IMBERNÓN, Francisco. *Formação permanente do professorado: novas tendências*. São Paulo: Cortez Editora, 2009.

LEITE, Denise. Desafios para a inovação pedagógica na universidade do século 21. *Revista da FAAEBA: Educação e Contemporaneidade*, Salvador, v. 21, n. 38, p. 29-39, jul./dez. 2012.

MORÉS, Andréia. *Ensinar e aprender na universidade: inovações pedagógicas, científicas e tecnológicas*. EDUCS, 2023.

NÓVOA, Antônio. Carta a um jovem investigador em Educação. *Investigar em Educação*, Porto, v. 2, n. 3, jun. 2015.

NÓVOA, Antônio. Os professores e a sua formação num tempo de metamorfose da escola. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 44, n. 3, 2019.

RAMOS do Ó, Jorge. Na partida: os problemas, a partida e os desafios. *In*: RAMOS do Ó, Jorge. *Fazer a mão: por uma escrita inventiva na universidade*. Lisboa: Edições do Saguão, 2019.

SOARES, Magda. Discurso na solenidade de recebimento do prêmio Almirante Álvaro Alberto, 2015. Disponível em: <https://www.anped.org.br/news/magda-soares-e-primeira-educadora-receber-o-premio-almirante-alvaro-alberto>. Acesso em: 29 abr. 2023.

STECANELA, Nilda. A escolha do método e a identidade do pesquisador. *In*: STECANELA, Nilda. (Org.). *Diálogos com a educação: a escolha do método e a identidade do pesquisador*. Caxias do Sul: EDUCS, 2012. p. 15-32. Disponível em: <https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/ebook-dialogos-identidade-pesq.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2023. E-book.



## Percurso de investigador: escolhas, ações e inquietações

*Leonardo Poloni<sup>14</sup>*

Ao olhar para meu percurso como investigador, identifico vivências que contribuíram para moldar ou estimular esse meu perfil. Da minha infância, resgato diversas situações em que a curiosidade, a vontade de descobrir como as coisas funcionavam, como haviam sido projetadas e, ainda, para entender o que estava acontecendo quando não estavam mais funcionando, me levavam a abrir, desmontar, tentar encontrar a causa e uma possível correção. Nesse período da infância, os brinquedos eram poucos e com valor elevado, por isso fui educado para cuidar e valorizar os brinquedos e demais itens que possuía. Atualmente, perdeu-se um pouco dessa possibilidade de consertar os brinquedos, pois são feitos para durarem pouco, para serem descartados e novos serem adquiridos, movimentando com isso a indústria e a economia.

Conforme fui crescendo, veio a fase da bicicleta, que envolvia conhecer, regular, fazer reparos e testes. Gostava muito também de mexer e explorar o funcionamento de lanternas movidas a pilha ou bateria – a eletricidade sempre me intrigou e fascinou, mesmo quando em perigo me colocou. Com quatro anos, inseri duas chaves de porta na tomada, provocando um grande estouro, derretendo as chaves e eu sendo jogado longe. Minha salvação foi ter minha mãe enfermeira por perto.

---

<sup>14</sup> Mestre e doutorando em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Professor do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), contemplado com fomento para afastamento para qualificação. E-mail: lpoloni@ucs.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5628-4052>.

Ainda guardo na lembrança os momentos que antecederam essa insana experiência.

Minha mãe, além de enfermeira, era professora de enfermagem, e esse lado professora também motivava meu interesse pela docência e levantava indagações. Lembro de minha mãe trabalhando muito, fazendo mil coisas ao mesmo tempo. Era uma rotina cansativa mas de que ela gostava e fazia com paixão. O trabalho demandava tempo em muitos finais de semana também, seja estudando, preparando aulas, montando lâminas para retroprojektor ou corrigindo provas e trabalhos. Nas correções, sempre que tinha alguma questão de assinalar, pedia para ela me deixar colocar o certo ou o errado com a caneta vermelha – era uma alegria poder fazer isso.

Outra questão que aguçava minha curiosidade e meu interesse era em relação aos carros. Sempre observava meu pai dirigir com muita atenção, buscando compreender as dinâmicas envolvidas, as implicações dos movimentos nos pedais, a relação com a velocidade e com os sons produzidos pelo motor. Isso me levou a cursar mecânica automotiva no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI, concomitantemente ao Ensino Médio.

As experiências advindas desse curso do SENAI, aliado ao gosto por carros e mecânica, fizeram com que eu ingressasse no curso de Engenharia Mecânica. Nesse curso tive contato com as disciplinas de Algoritmos e Programação, as quais estão relacionadas à área da Computação. Identifiquei-me com essas disciplinas e, ao mesmo tempo, tamanha foi minha frustração com os professores de Física e Química, que me levaram a desistir do curso, fazer novo vestibular e ingressar no curso de Ciência da Computação.

Desde o ingresso nesse curso, sou motivado a conhecer e aprender a utilizar as tecnologias digitais. Durante a Graduação, tive a oportunidade de estagiar junto ao Núcleo de Processamento de Dados – NPD da Universidade de Caxias do Sul, o que fez aumentar meus conhecimentos e fascínio pela tecnologia, pois nessa época estavam difundindo o uso dos computadores pessoais. A própria Universidade estava começando a trocar os poucos e antigos computadores, exclusivos até então a alguns setores, e iniciando a expansão do uso dos computadores nos mais diversos centros e departamentos.

A maioria dos usuários tinha um conhecimento muito restrito quanto ao uso dos recursos tecnológicos. Cabia ao grupo de suporte do NPD – do qual eu fazia parte – instalar, configurar, fazer manutenção de hardware e software, instruir e auxiliar os usuários no uso dos recursos tecnológicos. Todas essas atividades, em especial o auxílio ao usuário, contribuíram para aumentar meu interesse por ensinar, por ajudar os outros a utilizar as tecnologias – sempre foi algo muito gratificante.

Como consequência desse período de estágio, tive a oportunidade de iniciar meu percurso na docência, atuando como instrutor de Informática. Trabalhei em diversas escolas e instituições, nas quais tive a possibilidade de atuar com todas as faixas etárias, desde crianças até adultos, além de grupos da terceira idade e turmas de professores. Após concluir minha Graduação, optei por fazer uma Especialização em Redes de Computadores na Universidade Federal do Paraná – UFPR.

Em Curitiba, trabalhei com desenvolvimento de software, além de atuar concomitantemente como instrutor de informática no Serviço Nacional de Aprendizagem

Comercial – SENAC. Sempre gostei de trabalhar nas duas áreas: com desenvolvimento de software e com a atuação no ensino. O desenvolvimento lida com ideias, com a criação, de forma mais individual e reservada, em uma relação prioritariamente homem versus máquina. Já na parte do ensino sobressai o lado humano, os diálogos, as interações, além do movimento, não ficando sentado, parado por horas na frente do computador. Essas duas áreas são, ao mesmo tempo, opostas e complementares.

Em 2008, depois de seis anos em Curitiba, retornei à Caxias. Após um período trabalhando com desenvolvimento de software, ingressei no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – IFRS, onde atuo, desde 2013, como professor de Informática em diferentes níveis de ensino, além de desenvolver projetos de ensino, pesquisa e extensão.

No início de 2014, ingressei no Programa Especial de Formação Pedagógica, a fim de habilitar o trabalho com alunos do Ensino Médio. Foi muito importante fazer esse curso, pois ampliou minha visão sobre a escola, sobre os alunos e principalmente sobre didática e o fazer pedagógico. Desafiei-me a mudar minha forma de dar aula, a tentar outras estratégias e aplicar na prática o que estava aprendendo nas disciplinas do curso.

Ao observar as turmas para as quais lecionei, percebi que essas eram muito heterogêneas, mas que a maioria dos alunos já possuía habilidades natas com o uso da tecnologia. Esses alunos já nasceram numa outra época, na qual a tecnologia está muito mais acessível e presente em todos os ambientes. Vivemos numa sociedade interconectada, com acesso simples e rápido aos mais diferentes conteúdos e informações, em que praticamente todos os alunos possuem seu celular (e geralmente com acesso à internet), além de conhece-

rem e possuírem diversos outros recursos tecnológicos – salvo algumas exceções.

Essas questões me motivaram a ingressar no Mestrado em Educação da Universidade de Caxias do Sul, no ano de 2016. O Mestrado demandou bastante empenho e dedicação, fazendo-me sair da zona de conforto e ingressando num mundo de autores e conceitos até então desconhecidos. A interação com os professores e colegas proporcionou muitas trocas e momentos de reflexões, instigando a pensar a educação por outras perspectivas, buscando soluções para alguns problemas e abrindo meus olhos para pesquisas nessa área.

Minha formação em Ciência da Computação foi direcionada a aspectos relacionados ao conhecimento técnico, ao saber fazer, ao emprego da tecnologia. O curso não preparou para ser professor, nenhuma disciplina abordou aspectos didáticos ou práticas pedagógicas, pois não faziam parte dos objetivos. A forma de atuar dos professores, sua postura e dinâmicas é que serviram de exemplo e inspiração para minha posterior atuação em sala de aula. Foi durante o Mestrado que tive a oportunidade de ver o ensino e a aprendizagem com outros olhos e, com isso, comecei a buscar novas formas de ensinar e trabalhar com os alunos.

Ao conhecer a teoria vigotskiana e utilizá-la em minha dissertação, passei a repensar minhas práticas, procurando observar atentamente minha forma de atuação para ser um professor mais mediador. Nesse sentido, em vez de dar todas as respostas prontas para os alunos, buscava instigá-los por meio da problematização da situação, dando dicas e fazendo-os parar e refletir sobre o que estava acontecendo, revendo as dúvidas ou erros que estivessem atrapalhando sua atividade, a fim

de que pudessem identificar possíveis caminhos para a solução almejada.

Outra reverberação da teoria vigotskiana nas minhas práticas foi com relação à dimensão social e cultural dos alunos, a partir da qual passei a olhar com mais atenção às suas realidades, inserindo-os em práticas mais colaborativas e interacionistas. Também ingressei na Comissão de Assistência Estudantil da Instituição a fim de ter um panorama dos estudantes e, quando possível, contribuir na promoção de atividades e ações em prol dos estudantes, em especial dos em maior vulnerabilidade econômica e social.

Não é uma tarefa simples, geralmente é desafiador, exigindo empenho e deslocamento da zona de conforto, principalmente com relação à mediação. As grandes diferenças econômicas, sociais e culturais também se apresentam como um desafio a ser pensado e articulado pelo professor. Entretanto, é muito gratificante conseguir estabelecer vínculos e articular saberes com alunos de diferentes perfis, vindos de realidades distintas, e, ao final, desencadear algum tipo de mudança, contribuindo de alguma maneira para a formação desse aluno. Uma formação para além do conteúdo, que perpassa a formação acadêmica e que englobe os aspectos humanos, olhando o aluno como pessoa cidadã, e com isso perceber que foi possível fazer um movimento, mesmo que modesto, rumo à evolução da educação.

Nesse sentido, quem passa por algum curso que abra seus olhos e mente para uma nova forma de atuar e interagir no meio educacional acaba se tornando um elemento multiplicador de mudanças, se torna esperança de avanços e melhorias na educação. Para isso é preciso sair da sua zona de conforto, estar aberto a mudanças, pesquisar e experienciar.

A pesquisa desenvolvida no Mestrado desencadeou mudanças na forma como atuo em todos os níveis de ensino. As reverberações da pesquisa aconteceram durante o processo de construção da dissertação e continuaram após a conclusão da pesquisa, influenciando a continuidade dos estudos e novas pesquisas, culminando com o ingresso no curso de Doutorado em Educação da Universidade de Caxias do Sul – UCS.

Um dos principais aspectos que emergiram com a pesquisa do Mestrado foi a importância da ressignificação do papel do professor, o qual precisa considerar as mudanças ocorridas na sociedade nos últimos anos, em especial com relação ao contexto das tecnologias digitais e o perfil dos estudantes que nasceram num cenário permeado pelas tecnologias. Nesse contexto, Soares e Maschio (2017) apontam que o desafio das práticas pedagógicas é dar autonomia ao estudante para que ele seja capaz de colocar em movimento seus instrumentos internos.

Para que isso aconteça, o professor necessita atuar como um agente transformador, como propõe a teoria sociointeracionista de Vigotski (2007), ou seja, incentivando a participação ativa do estudante em seu processo de aprender, realizando intervenções mediadoras, explorando seu potencial criativo, conhecendo e atuando em sua zona de desenvolvimento proximal.

Esse cenário indica a importância da forma de atuação do professor, redimensionando seu papel a fim de deixar o lugar do discurso e atuar como mediador, promovendo atividades que possibilitem aos alunos desenvolverem sua criatividade com autonomia, além de incentivar e propiciar momentos de atuação compartilhada e colaborativa. Essa perspectiva está relacionada à proposta de aprendizagem criativa elaborada por Mitchel

Resnick (2006). Para construir o conceito de aprendizagem criativa, Resnick se baseou principalmente no construcionismo de Seymour Papert, além das ideias de Piaget, Paulo Freire, Maria Montessori e outros grandes pensadores da educação.

No contexto da aprendizagem criativa, o professor tem o papel de criar um ambiente colaborativo, no qual os alunos estão ativamente envolvidos em sua própria aprendizagem. Os professores são vistos mais como facilitadores da aprendizagem do que como instrutores e transmissores de informações, propondo trabalhos em grupos, atividades colaborativas e interativas, apresentando desafios, incentivando e instigando os alunos a buscarem soluções para os problemas propostos, mediando e apoiando os alunos em suas necessidades.

Inspirado nos resultados da pesquisa de Mestrado que desenvolvi e nas ideias de Resnick (2006; 2009; 2020; 2022), busquei formas de promover transformações na minha área de atuação. Iniciei redimensionando o planejamento das disciplinas nas quais atuo a fim de inserir conceitos e algumas práticas relacionadas ao desenvolvimento do Pensamento Computacional. Nos cursos de Licenciatura em Matemática e Especialização na Docência procuro trazer para o debate a inserção do Pensamento Computacional no currículo da Educação Básica, bem como a necessidade de evoluir e repensar a formação dos estudantes para atuarem na sociedade tecnológica. Também busco ressaltar a importância de mudar o perfil de atuação do professor, deixando de lado o sujeito conteudista e assumindo um papel de mediador do processo de aprendizagem.

No Doutorado, apresento o conceito de Letramento Computacional como sendo uma ampliação do conceito de Pensamento Computacional, um conceito para além



dos sujeitos da área da Computação. Nesse sentido, todos deveriam ter a oportunidade de conhecer e desenvolver tais habilidades. Um caminho para possibilitar que os alunos tenham acesso a esses conceitos e possam experienciar tais habilidades é formar professores, para que, ao se apropriarem desses conceitos, possam incorporá-los em suas práticas pedagógicas. Assim, sigo meu percurso investigativo e, ao mesmo tempo, vou incrementando e aperfeiçoando minha constituição como pesquisador.

## Referências

RESNICK, Mitchel. *Jardim de Infância para a Vida Toda*: por uma aprendizagem criativa, mão na massa e relevante para todos. Trad. Mariana Casetto Cruz. Porto Alegre: Penso, 2020.

RESNICK, Mitchel. O computador como pincel. *Veja*, São Paulo, Abril Cultural, n. 41, Especial: um guia do mundo digital, out. 2006.

RESNICK, Mitchel. Qual é o lugar da criatividade, da arte e das boas perguntas na educação? *In*: VI JORNADA DE EDUCAÇÃO INFANTIL, 6., 2022, São Leopoldo. *Proceedings [...]*. Disponível em: <https://youtu.be/kNIdRbfuPbk>. Acesso em: 03 out. 2022.

RESNICK, Mitchel *et al.* Scratch: programming for all. *Communications of the ACM*, v. 52, n. 11, p. 60-67, nov. 2009.

SOARES, Eliana Maria do Sacramento; MASCHIO, Elaine Cátia Falcade. Práticas, representações e mediação: o uso dos laptops educacionais e as intervenções docentes no processo de aprendizagem da Educação Básica. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. 12, n. 2, p. 1372-1390, abr./jun. 2017.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

## “Viver para contar”: percurso de uma investigadora em Educação

Manuela Damiani Poletti<sup>15</sup>

*“A vida não é o que a gente viveu,  
e sim o que a gente recorda  
e como a gente recorda para contá-la”  
(Gabriel García Márquez)*

Tomei a liberdade de utilizar parte do título de uma obra que gosto muito para nomear este exercício de escrita a que aqui me proponho. Trata-se do título do livro de memórias do grande Gabriel García Márquez, *Viver para Contar*. Tive um encantamento e uma identificação instantânea desde a primeira vez que li este título. Poder viver para contar significa dizer que a vida valeu a pena; que a vida foi e é repleta de histórias, de memórias. Ser convidada a escrever sobre meu percurso como investigadora ofereceu-me a oportunidade de visitar a minha trajetória e de perceber que tenho muitas coisas para contar. Olhar para trás a fim de traçar um percurso é, sem dúvida, uma oportunidade única e extremamente significativa. É, também, um movimento complexo, difícil, pois trata-se de um lembrar, de um reviver e, muitas vezes, de um resignificar.

A palavra que norteia este trabalho é “percurso” e o seu significado torna-se ainda mais amplo quando a palavra aparece combinada com a locução adjetiva “da investigadora”. Nesse sentido, nada há de passivo e de

---

<sup>15</sup> Mestra em Letras, Cultura e Regionalidade e doutoranda em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Professora de Língua Inglesa e Língua Portuguesa no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), contemplada com fomento para afastamento para qualificação. E-mail: manuela.silva@caxias.ifrs.edu.br.

estático. O sentido de “movimento” ganha muito mais força e peso. O percurso passa a estar a serviço daquele que o percorre. E este(a) não apenas atravessa este percurso, mas é sim, muitas vezes, atravessado por ele, numa simbiose de causa/efeito. Seguir um percurso como investigadora é mais do que percorrer um itinerário de pesquisa, é ser e fazer-se caminho.

Conforme afirma Nilda Stecanela (2012, p. 21), “muito mais do que o ponto de chegada, a importância do caminho, do processo, das relações que se estabelecem, das hipóteses que se formulam, das narrativas que são elaboradas, das novas perguntas que emergem.” O caminho que se coloca à nossa frente nos direciona, nos revela e nos constitui. São os lugares que habitamos, as pessoas com que cruzamos, as experiências que vivemos, que nos constituem como pessoas, que nos inquietam, que fazem emergir perguntas e que nos orientam às respostas. Assim sendo, recapitular nossa trajetória nos torna ainda mais conscientes de quem somos, de onde estamos e para onde desejamos nos direcionar. Difícil não produzir novos sentidos a partir dela. E nessa aventura de olhar para o caminho que até aqui percorri, vejo o quanto ele foi rico.

Antes de mais nada, quero me apresentar. Meu nome é Manuela. Sou mãe do João Pedro e da Maria Antônia, que são meu melhor e mais importante projeto, fonte de amor e inspiração todos os dias. E sou “mãe” da Sol: uma verdadeira luz, que me ilumina e me faz bem. Sou apaixonada pela vida e profundamente grata pela alegria que é estar aqui neste mundo.

Figura 1 – Foto de família



Fonte: Arquivo Pessoal (2020)

Dito isso, passo a traçar meu percurso, tomando como ponto de partida o lugar onde nasci, ou melhor, o lar em que nasci. Sou filha de uma mãe extremamente comunicativa e encantada pelas pessoas e de um pai apaixonado por ler e saber. Dessa mistura, nasceu uma mulher que ama estar com as gentes e que segue curiosa pelas coisas do mundo.

Figura 2 – Foto de família



Fonte: Arquivo pessoal (2015)

É assim que me enxergo: alguém que sabe que aprende e ensina e que ainda tem muito por viver e conhecer. E tenho um irmão, Leonardo, que é minha fonte de sensatez e lucidez. Na minha família, há ainda três primas-irmãs mais velhas, todas professoras. E muito embora resistente à ideia de me tornar a quarta, assim aconteceu: me tornei uma professora de Língua Portuguesa e Inglesa muito realizada naquilo que faz.

Aos 23 anos, concluí o curso de Licenciatura em Letras pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Mas antes disso, desde os 19 anos, já atuava

como professora de Língua Inglesa para Anos Iniciais do Ensino Fundamental de uma escola particular aqui de Caxias do Sul. Sobre o meu curso de Graduação, posso dizer que foi um período muito feliz, de grandes amizades e de muito aprendizado. Fui monitora de alguns professores que foram extremamente generosos e com os quais aprendi muito além de conteúdos. Fui bolsista de iniciação científica, aqui

Figura 3 – Foto de família



Fonte: Acervo Pessoal (2019)

a gênese do eu pesquisadora, em dois projetos muito interessantes e tive a oportunidade de falar sobre eles em eventos como o II Encontro Nacional de Ensino de Línguas, promovido pela UCS e o XV Salão de Iniciação Científica da UFRGS.

Fiz meu primeiro concurso público em 2005 e, no ano de 2007, fui nomeada professora de Língua Portuguesa em uma escola de Ensino Fundamental da Zona Norte de Caxias. Foi uma experiência bem complicada... Recém-formada, iniciei “cheia de sonhos”. Porém, logo conheci a dureza de uma escola pública inserida em uma comunidade carente e, de certa forma, “violenta”. Meus alunos careciam de muito mais do que aprender português. Eram raros os dias em que uma aula transcorria sem algum tipo de episódio de indisciplina grave. Aquilo me frustrava demais. Eu tentava, tentava, mas a sensação era de que o que eu fazia não cumpria seu objetivo. Fiquei triste, esgotada e desanimada. Usava o trajeto da escola até a minha casa para poder me acalmar, voltar a respirar. Não foram poucas as vezes que

chorei... Em casa, esperando no portão estava meu filho de um ano e pouco... No final desse mesmo ano, depois de uma situação envolvendo a Coordenação de Ensino da escola, que fez com que eu me sentisse totalmente desautorizada frente aos alunos, decidi me exonerar. Segui atuando na escola particular e retornei ao ensino público por meio de um novo concurso, agora para Língua Inglesa, dois anos depois.

Fui nomeada para uma escola do interior de Caxias do Sul, em Fazenda Souza. Foi um ano de calmaria, de afeto por parte de colegas e alunos. Nesse ano de 2011, concluí meu Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade, tendo sido orientada pela Profa. Dra. Vitalina Maria Frosi, com quem pude aprender muito e por quem tenho um profundo afeto e gratidão. Minha trajetória como “investigadora formal” voltou a acontecer. Minha pesquisa se deu na área da Pragmática, mais especificamente sobre Onomástica, área de pesquisa da minha orientadora. Muito embora voltar a fazer pesquisa tenha sido algo muito importante, a pesquisa sobre nomes de ruas não me “encantou” num primeiro momento.

Foram muitas as conversas com a orientadora, várias leituras, escritas e reescritas até que eu pudesse me sentir motivada com o tema de pesquisa: a troca dos nomes de origem italiana por nomes brasileiros de logradouros da cidade de Caxias do Sul durante o período do Estado Novo. Nesse ponto cito a professora Dóris Bittencourt Almeida (2010, p. 13), que, ao tratar das escolhas, intuições e encantamentos como pesquisadora, afirma que “as escolhas que fazemos se identificam com nossa identidade.” Foi apenas quando pude me identificar com a temática da minha dissertação que a pesquisa fluiu e atingiu seu propósito. Ter me

tornado mestre fez com que eu me sentisse mais confiante enquanto profissional. Mais fortalecida, voltei a atuar na mesma escola da zona norte, quebrando turno com mais uma outra escola vizinha. Assim permaneci por três anos, até migrar para uma escola na zona leste em que cumpria toda a carga horária. Nessa escola, fui muito bem recebida e, apesar do número excessivo de turmas e de alunos, o que é algo comum para os professores de línguas estrangeiras, sentia que realizava um bom trabalho. Motivada por essa confiança, prestei concurso público para o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFRS). Embora tenha sido aprovada, a nomeação demorou pouco mais de dois anos para acontecer.

Figura 4 – Alunos do IFRS (*Campus Caxias do Sul*)



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

Em fevereiro de 2016, fui nomeada professora de Língua Portuguesa e Inglesa do IFRS – *Campus Caxias do Sul*. Desde o primeiro contato com o projeto do Instituto me senti realizada. Sentia que o projeto dos IFs reunia em si aquilo que havia de melhor da escola particular e o melhor da escola pública: a estrutura era fantástica (salas de aula equipadas, organizadas, laboratórios de química, mecânica, de informática...), o corpo docente capacitado, motivado e, acima de tudo,

imbuído de um desejo profundo de fazer uma educação “pública, gratuita e de qualidade”, bem como o objetivo de criação dos IFs se propõe. Estava no lugar certo e na hora certa. Desde a minha nomeação, trabalhar no IFRS – *Campus* Caxias do Sul tem sido uma soma constante, não só como profissional, mas também como pessoa. Aprendo todos os dias com meus colegas e sobretudo com meus alunos. Muitas das minhas concepções em relação a temas pertinentes como educação pública, sistema de cotas, políticas educacionais e linguísticas foram profundamente impactadas e transformadas. Muito aprendi também sobre os anseios atuais dos nossos jovens, sobre os sonhos e sobre a crença deles no poder da educação.

Figura 5 – Alunos do IFRS (*Campus* Caxias do Sul) em visita ao Hospital Geral



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

Em um curto espaço de tempo, tive a oportunidade de dar um grande salto na minha vida profissional. Em janeiro de 2017, parti para Woodbridge, no estado da Virgínia, Estados Unidos, integrando um grupo de 74 professores de Língua Inglesa de vários Institutos Federais do Brasil. Fomos selecionados em um programa da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica (SETEC) em parceria com a *Northern Virginia Community College* (NOVA). Durante quase três meses, frequen-



tamos um curso sobre Metodologias para Ensino de Língua Inglesa como Língua Adicional. Além disso, fizemos observações de campo em instituições de ensino americanas (*Elementary School, High School, College e University*). Tivemos também a oportunidade de atuar em aulas de Língua Inglesa para alunos estrangeiros, atuando de forma colaborativa com os professores titulares. Fizemos visitas culturais e experimentamos o modo de viver americano. Foi uma vivência única, que se mostrou uma experiência de vida. Tive a oportunidade de compreender e de valorizar a minha prática enquanto docente, de avaliar e identificar algumas das minhas maiores limitações e de entender que educação de qualidade só acontece quando há disposição para estar sempre aprendendo. A leitura do texto *Carta a um jovem investigador em Educação* (2012), de António Nóvoa, durante o Seminário de Tese III, teria sido de grande valia naquele momento. Hoje reitero as palavras do autor quando ele reforça a importância de conhecer em ligação com os outros; conhecer com a responsabilidade da ação; e conhecer com os olhos no país.

Figura 6 – Grupo de professores brasileiros participantes do curso de capacitação (SETEC/CAPES/INOVA)



Fonte: Arquivo pessoal (2017)

Ao retornar ao Brasil, estava motivada e desejava de colocar em prática tudo aquilo que aprendi durante o

curso e na troca com colegas professores dos outros institutos. Minha atuação enquanto professora de Língua Inglesa foi muito enriquecida. Passei a buscar estar sempre atualizada, a visitar minhas ações, repensar minhas avaliações e reconsiderar minhas práticas. Acredito que meus alunos, tanto os de Ensino Médio Técnico Integrado e Proeja quanto os das turmas de Inglês Instrumental do Ensino Superior, são testemunhas disso. Busco qualificar minha atuação como professora e estar atenta às necessidades e demandas de cada grupo, ciente da diversidade que os caracteriza.

Dentro do IFRS, tive a oportunidade de atuar, durante 11 meses, como coordenadora pedagógica. Foi uma experiência muito interessante e bastante trabalhosa. Eram muitas as atribuições: estar em contato com os docentes estimulando-os a qualificarem-se e qualificarem suas aulas; atuar junto às pedagogas revisando e repensando os Planos Políticos Pedagógicos dos Cursos (PPCs); manter contato com os pais/responsáveis dos alunos informando-os sobre a situação escolar dos filhos; atuar junto ao setor de Assistência buscando conhecer e suprir as carências de várias ordens dos alunos. Aprendi muito durante esse tempo. Acredito que todo docente deveria experimentar estar em um cargo de chefia. Não tem como seguir enxergando a educação e prática docente da mesma forma após uma vivência desse tipo

Outra grande oportunidade que ser professora do IFRS me proporcionou foi atuar em diferentes tipos de comissões e colegiados. Aprendi muito sobre Pesquisa, Ensino e Extensão (tripé base dos Institutos) e, também sobre a vida funcional de um servidor público. Entre 2016 e 2018, me dediquei a ofertar, com o auxílio de bolsistas, um curso de Inglês para a comunidade interna

e externa do *campus*. O curso, intitulado “Move On! Inglês para a Comunidade”, cresceu e rendeu frutos. E, em 2018, passou a integrar um programa de Extensão, o qual coordenei até meu afastamento para o Doutorado em abril de 2022. O “Núcleo de Línguas em Extensão do *Campus* Caxias do Sul”, ou NELE, como é carinhosamente chamado, oferta cursos de Língua Inglesa, Língua Espanhola, Libras, Clube de Leitura e Clube de Inglês para toda a comunidade. A cada ano, uma nova equipe é montada e novos bolsistas, todos oriundos de cursos de Ensino Médio do *campus*, são chamados a integrar a equipe. Os resultados alcançados até então foram muito bons e passam não apenas pelo reconhecimento da comunidade, mas por relatos que emocionam. Por meio do programa, é possível perceber o quanto a educação é poderosa e quanto ela impacta e transforma a vida das pessoas.

No ano de 2021, mesmo em meio à pandemia, muitas coisas boas aconteceram. Atuei como assessora internacional do IFRS por sete meses. O NELE cresceu e se fortaleceu em ambiente virtual. As aulas dos cursos regulares aconteceram de forma mais tranquila, com os alunos mais ambientados ao formato remoto e tendo dado boas respostas às novas práticas e metodologias que se impuseram e sobre as quais procurei me inteirar

Figura 7 – Grupo de alunas bolsistas do IFRS (*Campus* de Caxias do Sul) em apresentação da Mostra Científica do *Campus* Osório (IFRS)



Fonte: Acervo Pessoal (2018)

por meio de cursos de capacitação. Minha experiência nos EUA rendeu ainda mais frutos: um livro relatando os projetos que executamos por lá e que foi lançado no último semestre de 2021, o *Takeaway experiences: projetos de língua inglesa para a educação profissional e tecnológica*. O final do ano de 2021 trouxe como fechamento o processo de seleção para o Programa de Doutorado em Educação (PPGEdu) da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Embora retomar meus estudos fosse um sonho antigo, só pude concretizá-lo em um momento em que a minha vida pessoal e a profissional entraram em sintonia. Tive e tenho a alegria de trabalhar em uma Instituição de Ensino que de fato incentiva a formação dos seus servidores, concedendo não apenas incentivo financeiro, mas também a possibilidade de se afastar das atividades regulares para dedicar-se exclusivamente aos estudos. Foi com o incentivo da minha família e do IFRS que voltei a ser estudante e pesquisadora.

No dia 8 de março de 2022, um novo mundo se abriu para mim. Com Graduação e Mestrado em Letras, aventurei-me para a área da Educação. A escolha não foi apenas prática, foi uma escolha de coração. Meu desejo, minha força motriz foi retornar à universidade dentro de um Programa de Educação para poder pesquisar sobre uma demanda que trago como docente, que é potencializar a aprendizagem dos meus alunos de Ensino Médio quanto ao meu objeto de trabalho e investigação, o ensino da Língua Inglesa. Para minha sorte, minha orientadora, a professora Dra. Tânia Maris de Azevedo, não apenas acolheu minha motivação, como me fez ainda mais consciente da importância dela e me apontou caminhos para utilizar uma teoria linguística para embasar minha tese, sinalizando ainda

seu potencial real de aplicação. Tive alegria de me sentir motivada e enriquecida pelas muitas leituras e discussões profundas realizadas nas treze disciplinas que cursei até aqui. Além disso, tive a oportunidade de apresentar parte da minha investigação em três eventos científicos da área: o V Seminário Internacional de Língua, Literatura e Processos Culturais (V SILLPRO), o IV Seminário Internacional da Associação Brasileira de Professores de Língua Inglesa da Rede Federal de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (IV SIABRALITEC) e o 5º Seminário Internacional de Estudos sobre Discurso e Argumentação (SEDiAr), o que serviu para problematizar pontos da minha investigação e ampliar meus horizontes de investigação.

Figura 8 – Grupo de apresentadores do IV SIABRALITEC



Fonte: Acervo pessoal (2022)

Chego então ao momento presente. Neste início de maio de 2023, vivo um momento muito peculiar. Estou encerrando as disciplinas obrigatórias e início a parte mais “solitária” do processo, que é a escrita do projeto final com vistas à qualificação que ocorrerá em novembro deste ano. No presente, sinto um misto de alegria, alívio e, também, preocupação e angústia. Gosto de estar com as pessoas, me sinto enriquecida com as falas e as contribuições dos colegas e professores. Consola

e conforta saber que tenho perto de mim parceiras de orientação que são meu ponto de apoio, com quem tiro dúvidas e divido meus temores e minhas esperanças. E posso contar com o pulso firme e a segurança e generosidade intelectual da minha orientadora. E assim sigo meu percurso, que ainda parece longe de acabar. Na verdade, sendo professora sei que meu percurso como investigadora seguirá por muitos anos. O caminho segue à minha frente, me dando coordenadas e direções, me conduzindo e me constituindo. Afinal de contas, como dizia Leonardo da Vinci, “Aprender é a única coisa de que a mente nunca se cansa e nunca se arrepende.”

Figura 9 –  
Apresentação de  
trabalho no V SEDIAR



Fonte: Acervo Pessoal  
(2023)

Figura 10 – Colegas de doutorado no V SEDIAR



Fonte: Arquivo pessoal (2023)

## Referências

ALMEIDA, Dóris B. Itinerários de uma pesquisadora: escolhas, intuições e encantamentos. *In: GRAZZIOTIN, Luciane S. S.; COSTA, Gisele (Orgs.). Experiências de quem pesquisa: reflexões e percursos.* Caxias do Sul: EDUCS, 2010.

NÓVOA, Antônio. Carta a um jovem investigador em Educação. *In: CONGRESSO DA SOCIEDADE PORTUGUESA DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO, 12., 2014, Vila Real. Anais [...] São Paulo: Cortez, 2012.*

STECANELA, Nilda. A escolha do método e a identidade do pesquisador. *In: Stecanela, Nilda (Org.). Diálogos com a educação: a escolha do método e a identidade do pesquisador.* Caxias do Sul: EDUCS, 2012. p. 15-32. Disponível em: <https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/ebook-dialogos-identidade-pesq.pdf>.

MACIEL, Alda Maria Coimbra Aguilar *et al.* *Takeaway experiences: projetos de língua inglesa para a educação profissional e tecnológica.* Porto Alegre: Pragmatha, 2021.

# Ófio que tece a trajetória da pesquisadora

*Maria de Fátima Fagherazzi Pizzoli<sup>16</sup>*

Tenho a sensação que existe na minha vida um fio invisível que vem tecendo a minha trajetória desde a infância até os dias de hoje. Uma ideia que só agora me arrisco a expressar pela escrita, trazendo comigo o conselho de Nóvoa (2015) de que é preciso ter coragem, porque sem coragem não há conhecimento.

## **A felicidade de uma infância simples**

Na corrida da vida, acredito que saí em vantagem em relação a uma grande parcela da população brasileira. Não por questões financeiras ou recursos outros, mas pela família que o universo me concedeu, e quem sabe por que um certo fio uniu... Sou a filha mais nova de uma família com cinco filhos e, quando nasci, meus irmãos tinham, respectivamente, quinze, treze, nove anos e quarenta minutos (tenho uma irmã gêmea), meu pai, quarenta e sete, e minha mãe, trinta e oito anos. Então, num país com tantas desigualdades, vulnerabilidades e violências a que as famílias pobres são submetidas, me considero uma pessoa afortunada.

Meus pais eram pessoas simples e muito amorosas. Meu pai nasceu em 1923 e minha mãe em 1932. Ele perdeu a mãe aos nove anos, e já aos treze saiu de casa para trabalhar na agricultura. A situação era difícil, seu pai bebia, outros irmãos já tinham saído de casa também. Estudou até a 2ª série, e trazia consigo o

---

<sup>16</sup> Doutoranda em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Docente do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Caxias do Sul, contemplada com fomento para afastamento para qualificação. E-mail: maria.pizzoli@caxias.ifrs.edu.br. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-9571-4115>.



sentimento de tristeza por não ter podido estudar, falava de como o avô paterno tinha montado uma escola em sua casa para a educação dos filhos e como seu pai havia desperdiçado as oportunidades e privado a ele e seus irmãos e irmãs de comida, carinho e do que mais lhe doía: a escola. Meu pai foi um incentivador dos estudos dos filhos e das filhas, mesmo tendo sido operário a vida inteira, recebendo salário mínimo. Era um homem à frente da sua geração, queria que estudássemos, dizia que a vida era melhor para quem estudava, sem fazer distinção entre os filhos homens e as filhas mulheres. Jamais interferiu nas nossas escolhas sobre qual carreira seguir, apenas queria que estudássemos e não mediu esforços para isso. Com ele aprendi o valor dos estudos, da busca da autonomia e da independência por meio do trabalho, da retidão, do fazer as coisas de forma correta. Era um homem rígido na palavra e extremamente carinhoso nos gestos, jamais saiu ou entrou em casa sem nos dar um beijo.

Minha mãe foi mais feliz com a família. Dizia que a infância fora pobre, mas nunca havia faltado o básico. Teve os pais presentes e os irmãos e irmãs também. Estudou até a 4ª série e depois foi também professora numa época em que os que sabiam um pouco mais ajudavam no desenvolvimento dos demais. Era, sem dúvida, uma mulher muito inteligente, a pessoa mais habilidosa que conheci, características que a modéstia nunca lhe deixou reconhecer. Dona de uma fé inabalável, que pude testemunhar desde a minha infância até o entardecer da sua vida, aos 86 anos. Com ela aprendi que é preciso ter fé e colocar paciência e amor em tudo o que fazemos. Não era dada a manifestações explícitas de carinho, mas ele se manifestava na capacidade de ouvir e calar, na compaixão e no exercício

do perdão. Foi minha primeira contadora de histórias. Nossa condição humilde não nos permitia ter livros em casa, mas as horas da soneca eram sempre acompanhadas das histórias da Bíblia, dos santos da Igreja Católica e das aparições de Nossa Senhora. Foi também minha primeira professora, não para as letras, mas ensinando o catecismo, os trabalhos manuais e os afazeres domésticos, num tempo em que ter televisão era um luxo e as brincadeiras eram liberadas somente após a realização das tarefas da escola e da casa.

Lembro de ter sido uma criança muito curiosa, atenta às histórias dos adultos, mesmo as que chegavam em fragmentos que eles deixavam escapar como se a pensar em voz alta, e também uma criança muito preocupada com os outros, fossem amigos, irmãos, conhecidos ou não.

## A escola

Ingressei na escola aos seis anos, na companhia da minha irmã gêmea, uma escola particular, que oferecia da 1ª à 4ª série, mantida por uma congregação de freiras, próxima da nossa casa. Nós já havíamos sido alfabetizadas por um irmão, que, para conseguir realizar as atividades do Ensino Médio, enchia de tarefas as irmãs de cinco anos, única forma de fazê-las sossegar, já que ficavam sempre ao seu redor, a tagarelar e tentar entender o mundo dos seus livros e cadernos.

Ir para a escola sempre foi um objetivo e uma prioridade na nossa casa, e eu gostava muito. Meu pai pagava a escola com sacrifício, por entender que o ensino ali seria melhor. Penso que ele depositava na escola a esperança de um futuro mais promissor para os filhos e uma vida com menos sacrifícios e privações do que era a sua.

Era uma escola católica, então o modelo pedagógico tinha total influência religiosa.

Ao ingressar na 5ª série, continuei os estudos numa escola da mesma congregação, localizada no centro da cidade. No entanto, ao contrário da anterior, ali os filhos da classe operária eram uma exceção, o que exigia visitas e pedidos encarecidos antes da matrícula, visando a aceitação das filhas e concessão de descontos, além de um comportamento impecável das estudantes durante o ano letivo. Nela, concluí o Ensino Fundamental e, por querer continuar ali, arranjei um emprego para poder cursar o Magistério. Aos quatorze anos, tinha certeza de que queria ser professora; já aos dezesseis, a única certeza que tinha é que jamais o seria.

A minha passagem pelo Ensino Fundamental foi muito boa. Guardo na memória excelentes professores, o convívio com os colegas e o ambiente da escola. O Ensino Médio não teve o mesmo sabor. Talvez tenha sido em virtude do meu ingresso prematuro no mundo do trabalho, o que significou estudar pela manhã, trabalhar tardes, vespertinos e finais de semana, restando as noites e madrugadas para as tarefas escolares. Ou talvez tenha sido a adolescência que chegava e trazia consigo muitos questionamentos, descortinando uma violência simbólica que mostrava qual o lugar se destinava à filha do operário que estudava com desconto na escola particular e de quem não se esperava menos do que um desempenho exemplar. Avalio hoje que faltou à escola sensibilidade para acolher os medos daquela adolescente que concluiu o Magistério sem desejar fazer o estágio, o que de fato escondia o medo do fracasso diante de uma turma de crianças.

Olhando para trás, percebo que, apesar de ter tido uma ótima formação, ela não foi uma formação críti-

ca, politizada. De fato, pude construir uma vida muito melhor que a de meus pais, resultado da formação acadêmica e do meu trabalho. Porém, por ter estudado na rede privada e de confissão religiosa, avalio que os questionamentos e as reflexões políticas não estiveram presentes, o que certamente impactou toda a minha formação posterior, ou pelo menos até o meu ingresso como docente da Rede Pública.

Mas o meu desencanto foi com a escola, não com os estudos, e eu continuava com o objetivo de estudar, me formar, fazer Pós-Graduação. O estudo, assim como o trabalho, são fatores estruturantes na minha vida, andam juntos, entrelaçados, tecidos por um mesmo fio...

## **Estudar para trabalhar, trabalhar para estudar**

Concluí o Ensino Médio e ingressei no curso de Bacharelado em Ciência da Computação, que acabei interrompendo para seguir no curso de Administração. Era o final da década de 80 e vivíamos o auge da crise econômica e hiperinflação no Brasil. Segui trabalhando, para custear os estudos e buscar uma vida melhor, uma vez que cursar uma universidade federal não era uma possibilidade. Trabalhava durante o dia, estudava à noite na Universidade de Caxias do Sul.

O curso de Administração era um dos maiores da Universidade à época, formado essencialmente por trabalhadores estudantes. Não se falava em pesquisa, nem em extensão, pelo menos naquele curso. Os professores, em sua maioria, eram profissionais que atuavam nas empresas. Não havia exigência por número mínimo de mestres e doutores, bem como por professores de tempo integral, o que só ocorreria anos mais tarde. Não

lembro de existirem programas de incentivo, ou bolsas de iniciação científica, nem nada que se parecesse com as políticas de assistência estudantil que surgiram vinte anos depois.

Nesse contexto, a formação acadêmica se dava numa perspectiva utilitarista, meritocrática, com vistas a formar administradores com foco no capital, numa perspectiva neoliberalista. Não se trata aqui de desmerecer a minha formação, pelo contrário, no que se propunha à época, reconheço ter recebido uma formação sólida, a partir da qual consegui trilhar um bom caminho nas organizações em que atuei. Trata-se de situar tal formação, que, a exemplo do que ocorreu na minha formação básica, também não contemplou os aspectos fundamentais de uma formação política e crítica na formação dos sujeitos e do papel que as organizações, o capital e o Estado precisam ter para a constituição de uma sociedade mais justa. Mesmo assim, tive uma atuação ativa no Diretório Acadêmico do curso.

Minha atuação profissional foi se desenhando pela área de serviços, no contato direto com as pessoas, aspecto que sempre me foi e é fundamental. Hoje percebo que a minha prática esteve permeada pelo olhar para o outro, fosse ele colega, líder, liderado, cliente. Gosto de gente, gosto de estar entre gente, gosto de ser gente. Ah, aquele fio...

Em 1994, tendo concluído a Graduação, ingressei no curso de Especialização em Marketing, área em que eu atuava em uma empresa de tecnologia. Cursando a disciplina de Metodologia do Ensino Superior, obrigatória nos cursos à época, conheci a professora que mais marcou a minha vida: Ivonne Corteletti. Com ela aprendi de fato a acreditar num fazer pedagógico possível. Por ela fui desafiada a seguir como docente, ideia que

recusei prontamente, mas que alguns anos depois viria a se concretizar, como se aquele fio fizesse uma “laçada” e me puxasse para o pesponto que traçava a costura da educação.

## **Então, professora**

Em 1998, eu havia decidido que era hora de deixar a empresa em que trabalhava, pois já não havia encanto nos meus dias de trabalho. Surgiu a oportunidade de ministrar a disciplina de Administração para os alunos do Ensino Médio, no CETEC, escola da Universidade de Caxias do Sul. A proposta inicial era atuar em quatro turmas de 1º ano, mas um mês depois eu já tinha onze turmas em três unidades da escola. É possível perceber aquele fio?

Como bacharel, eu não tinha feito formação para docência do nível médio e minhas referências foram o que eu tinha aprendido no curso de Magistério, na disciplina da Pós-Graduação, na minha prática em treinamento nas empresas e na recordação das práticas dos professores que me haviam inspirado. Pobres adolescentes! A que riscos os expus... Mas o apoio e orientação da diretora da escola e da Coordenação Pedagógica, aliados à minha vontade de aprender, minha busca por conhecer e o meu olhar para os estudantes, foram fundamentais para potencializar os resultados e minimizar os danos. Foi um processo maravilhoso. Aprendi a gostar de trabalhar com adolescentes e, acima de tudo, a acreditar na capacidade deles e na minha.

Animada com a atuação na docência, abracei a oportunidade de realizar o Mestrado em Administração, iniciando em 1999. Ao mesmo tempo em que realizava o Mestrado, me envolvia cada vez mais com a escola,

assumi a coordenação de curso, coordenação de estágios, coordenação administrativa. Ricas vivências, que perduraram até 2014.

No Mestrado, tive a minha primeira experiência com a pesquisa, que ocorreu no processo de elaboração da dissertação, com tema na área de Marketing. O delineamento metodológico foi quantitativo, com análises estatísticas, aplicando a escala de valores do psicólogo social Milton Rokeach para estados preferidos de ser/estar e modos preferidos de conduta social, visando compreender o comportamento do consumidor em supermercados (Pizzoli, 2002).

O sonho de continuar estudando, fazer o Doutorado continuava lá e, junto com ele, a possibilidade de ingressar na pesquisa. Com a conclusão do Mestrado, isso parecia mais próximo, mas eu logo saberia que antes aquele fio teceria costuras diferentes...

## **Docente da Graduação**

Em 2003, ao realizar concurso para ingresso na docência de Graduação, reencontrei a professora Ivonne, que fazia parte da banca avaliadora e me disse: *“Maria de Fátima, que prazer te encontrar aqui. Lembre sempre, amada, que a gente não nasce professora, a gente se faz professora a cada aula que a gente dá”*. Essa frase me acompanha desde então, como um mantra, nos momentos bons e nas dificuldades, me incentivando a aprender e reaprender sempre.

Ingressei como docente no curso de Administração da UCS em março de 2003, no qual atuei até dezembro de 2017. Em 2004, fui selecionada para o Doutorado em Administração, quando estava no final da gestação do meu único filho, e achei melhor adiar o projeto. Mas

não parei de estudar, a chama pela busca por aprender, que aquele pai acendeu lá na infância, nunca se apagou.

Na Instituição, tive a oportunidade de atuar em outras áreas além da sala de aula, como na extensão e na assessoria de planejamento. Namorei de longe a pesquisa, mas as ações e trabalhos foram tímidos. O desejo de pesquisar era latente, mas ficava em segundo plano, seja por não ter Doutorado, pela dificuldade de ingressar em grupos já constituídos ou quem sabe por não me achar apta para isso. Talvez tenha me faltado um tanto de ousadia, é bem verdade, para tecer o fio por outros traçados...

A sala de aula sempre me encantou e desafiou. Em 2014, ingressei na Especialização em Dinâmica dos Grupos para qualificar a minha prática pedagógica e a relação com os estudantes. Foi um divisor de águas, um processo de autoconhecimento e de mudança de perspectiva em relação aos grupos. Aprendi a apurar meu olhar para o outro, sobre como se constroem as relações e os papéis de cada um em um grupo. O trabalho de conclusão foi uma pesquisa sobre o estrangeiro e o grupo e envolveu ir a campo conversar com imigrantes senegaleses em atuação em duas unidades de uma indústria no RS. Essa foi minha segunda experiência estruturada com a pesquisa e teve delineamento metodológico qualitativo, com o olhar para como se dão as relações entre os indivíduos.

Em 2017, após trinta e quatro anos de trabalho, dos quais dezoito na área da Educação, eu já havia assumido a docência como profissão. A administradora cederia o lugar de protagonista à professora. Mas, como acontecera diversas vezes na minha trajetória, comecei a sentir no fundo da alma que algo precisava mudar. Fiz novamente a seleção para o Doutorado em Administração,



sendo aprovada para ingresso em 2018. Finalmente eu iria retomar o meu sonho de realizar o Doutorado e me aventurar na pesquisa. Porém, na mesma época, fui chamada para assumir a vaga de docente no IFRS. A oportunidade da mudança chegara. E resolvi abraçá-la, com o fio me fazendo tecer a vida de forma diferente. Mais uma vez, o projeto do Doutorado foi adiado.

## **Atuação na Educação pública – saindo da bolha**

O ingresso na área pública foi um grande desafio, mudar aos quarenta e sete anos e depois de atuar por tanto tempo na área privada me desacomodou. Mas foi uma grata satisfação a forma como fui recebida por colegas e estudantes. O Campus Caxias do Sul do IFRS oferece cursos técnicos e cursos superiores. Por ser bacharel, meu concurso exigia que eu fizesse a formação para docência do Ensino Técnico. Para cumprir tal exigência, ingressei no curso de Especialização em Docência para o Ensino Técnico, na modalidade EAD, pelo Senac-SP.

Além dos cursos superiores, minha atuação docente se deu no Curso Técnico em Administração – Proeja<sup>17</sup>, do qual fui coordenadora por dois anos e, ao assumir a coordenação, senti a necessidade de estudar sobre essa modalidade e acerca da formação do estudante jovem e adulto. Por isso, me inscrevi no curso de Especialização em Práticas Assertivas para o Proeja, oferecido pelo IFRN, na modalidade EAD. E lá fui eu, me aventurar novamente nos estudos.

Durante um período fiz duas formações simultaneamente, uma para a docência do Ensino Técnico e outra para o Proeja. Para além de uma rotina de estudos in-

---

<sup>17</sup> Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos.

tensa, pude perceber a diferença entre as propostas de cada curso e instituição. Enquanto a primeira tinha uma perspectiva mais instrumental, a segunda tinha o foco em uma formação mais crítica, que contribuiu significativamente para a minha atuação como coordenadora e, em especial, como professora. Amo trabalhar com jovens e adultos, é um processo que me motiva a ser uma docente e uma pessoa melhor, a acolher, a atuar por uma escola de todos e para todos.

No Ensino Superior, ao ministrar a disciplina de Gestão de Pessoas aos estudantes de Engenharia, abordei o papel da gestão de pessoas frente a questões como demissões, pessoas com deficiência, convivência intergeracional, estrangeiros, assédio moral e sexual, racismo, gênero e sexualidade. O *feedback* recebido dos estudantes sobre as práticas em muitas organizações me preocupou e me incentivou a participar no *campus* dos Núcleos de Estudos Afrobrasileiros e Indígenas (NEABI) e de Gênero e Sexualidade (NEPGS). Também me mobilizou a atuar na extensão, criando o projeto Origens, Histórias e Trajetórias LGBTQIA+.

Eu considero que me tornei uma pessoa melhor depois de ingressar na Educação pública. É como se eu tivesse vivido em uma bolha durante muito tempo, que me permitia ver o que acontecia fora dela, mas de uma forma embaçada e restrita, e então, a bolha se rompeu e consigo ver a relevância de uma educação para aqueles que só têm o poder público como alternativa, que necessitam das ações afirmativas e assistência estudantil para seguir nos estudos, e a diferença que uma educação de qualidade pode fazer em suas vidas.

Em 2021, surgiu a possibilidade de retomar o projeto de Doutorado. Inscrevi-me no edital de afastamento do IFRS para qualificação e fui classificada.

## A opção pela diferença e o Doutorado em Educação

Eu já não era a mesma pessoa, como de fato não o somos depois de passar por mudanças. A minha visão sobre a educação e sobre as diferenças havia mudado significativamente. Eu estava saindo da bolha em que estivera por muitos anos e as demandas por uma educação mais justa e equitativa geravam um desconforto diário. É semelhante a um fio que repuxa e você precisa dar atenção para o que está tecendo, como me ensinou minha mãe: desmanchar, refazer e acertar...

*Fui demitido da empresa onde eu trabalhava, meu chefe me disse que era redução de custos, mas eu sei que foi porque sou gay. Na empresa em que estou agora, já faz cinco anos, está tudo bem, eles sabem que tenho um companheiro, mas tudo bem. (Estudante A)*

*Sabe, profe, quando vejo aqueles casos em que os meninos entram na escola e matam os colegas porque sofreram bullying eu entendo. Quando tinha 12 anos, levei uma surra de uns alunos mais velhos no banheiro da escola onde eu estudava, lá na minha cidade. Naquele dia, profe, se eu tivesse um revólver, eu tinha atirado. Eu só queria ser igual a todo mundo, dançar no CTG com as minhas amigas, estava apanhando por ser diferente. (Estudante B)*

*Hoje sofri homofobia no trabalho, profe. Me disse ele, sentando-se ao meu lado, no gabinete onde fico no campus. Levantei e lhe servi um chazinho, enquanto ele me contava o que havia acontecido, as palavras pronunciadas pelos colegas (que não me permito reproduzir aqui), o silêncio do seu chefe, e a resposta aparentemente calma a quem o ofendia... Além do chá, só pude oferecer minha escuta, e ao término do seu relato, encolhido na cadeira, ele me diz: Me senti de novo com treze anos, de novo tive vontade de me matar... (Estudante C)*

Os relatos citados são de estudantes dos cursos superiores e ocorreram durante debates em aula (estudantes A e B) e conversa informal (estudante C), e me sensibilizaram profundamente. Ao meu desconforto, so-

maram-se vários questionamentos: como é possível que a sexualidade seja motivo para tantas agressões? Qual, de fato, foi a evolução da gestão de pessoas nas empresas? Qual o meu papel, enquanto docente, na formação desses estudantes, para que se tornem profissionais que atuem para a diminuição e não para perpetuar o preconceito de gênero e sexualidade? O que me garante que daqui a alguns anos não estará sentado na minha frente um novo estudante a reclamar do preconceito de uma liderança que ajudei a formar? (Nada me garante, eu sei...).

Todos esses relatos tiveram um ponto em comum: a abordagem em aula sobre o tema e o vínculo de confiança estabelecido a partir daí para que os estudantes fizessem entregas tão significativas. Eu não conseguia ignorar isso. Passamos pelo Ensino Superior alimentando silêncios e entrevidas? Os nossos silêncios docentes, as piadas sobre gênero e sexualidade que parecem inofensivas quando estamos nos nossos gabinetes, o nosso “fazer de conta” de que todos são iguais, quando todos somos diferentes, está promovendo a formação de sujeitos capazes de enxergar o outro ou simplesmente formamos para o mercado e não para o mundo?

Assim surgiu o tema que me trouxe ao Doutorado: dissidências sexuais e de gênero na Educação Superior. O caminho que pareceu mais acertado foi o da Educação. Não se trata de desmerecer a área de Administração, mas entendi que as dúvidas, as perguntas e as respostas devem estar antes dela, pois antes de atuar profissionalmente os estudantes vivenciam a sua formação na Educação Superior. Hoje percebo que foi uma decisão acertada, mas ousada. Retornar à Pós-Graduação *stricto sensu* numa área distinta da minha formação acadêmica, após duas décadas, foi difícil, mesmo tendo sido

uma decisão muito pensada. Procurei “mergulhar” no Doutorado, buscando me impregnar da área de Educação e da Filosofia da Educação.

Em sala de aula, quase a totalidade dos colegas é mais jovem do que eu, também o interstício entre o Mestrado e o Doutorado dos meus colegas é bem menor. Isso fez e faz com que em diversas ocasiões eu me sinta “um peixe fora d’água”. Mesmo com o afastamento para dedicação exclusiva ao Doutorado, os desafios foram e são grandes. O objeto de estudo vai se tornando mais próximo, então posso afirmar que me sinto satisfeita com o meu caminho percorrido até aqui. O delineamento metodológico da tese está sendo desenhado, certamente passará pela escuta no campo, de estudantes e professores do Ensino Superior.

### **Que pesquisadora é essa? E que voz ela tem?**

Olhando para a minha trajetória de vida, e de vida na educação, posso afirmar que meu processo como pesquisadora começa a tomar forma agora. Sinto aquele fio invisível que veio tecendo as minhas ações, desde as perguntas que aquela menina simples fazia aos seus pais sobre as histórias de suas infâncias, que a fazia escutar com atenção a conversa dos adultos quando recordavam suas memórias ou expressavam seus sentimentos, bordando os encantos e desencantos que traçaram os passos daquela adolescente que sonhou ser professora, desejo que o fio da vida só arrematou bem mais tarde, quase sorratamente, trazendo-a para outras paragens da educação.

Na dissertação do Mestrado, querendo entender os consumidores em seus comportamentos de compra, na pesquisa sobre os estrangeiros e o grupo, em cada

orientação de TCC, nos estudos para a docência do Ensino Técnico e na escrita de um memorial descritivo para a conclusão dos estudos sobre o Proeja, enxergo que o fio vinha alinhavando a costura a ser realizada no processo de tese, para que eu, uma mulher cisgênero, branca, heterossexual, me aventure na pesquisa sobre a Educação Superior e os dissidentes sexuais e de gênero. Isso pode gerar estranheza; causou a mim também, confesso. Perguntei-me muitas vezes se teria esse direito e a resposta me leva sempre ao meu lugar de fala: o de professora, que na pesquisa quer olhar o outro em suas possibilidades no contexto da educação, como o percebemos, que educação permitimos, que educação construímos.

Como nos lembra Magda Soares (2015), na educação pesquisamos para compreender, empreender e intervir. Então: educação para quem? Para quê? Me enxergo como aquela narradora definida por Benjamin (1994) na figura do camponês sedentário, que mesmo não sendo um viajante, conhece as histórias e tradições. Talvez seja uma maneira *sui generis* de me entender e tecer o meu caminho como pesquisadora, um tanto tardiamente, mas no tempo possível.

Encontro nas palavras de Charlot (2019, p. 178), “o antônimo de barbárie é educação, com os valores de solidariedade e de dignidade que possibilitam a aventura humana, nas suas formas universais, culturais e singulares”, uma possível definição para a pesquisadora que está se constituindo em mim. Busco ser uma pesquisadora contra a barbárie, que visa compreender a trajetória de estudantes e docentes na formação superior, em especial de dissidentes da cisheteronormatividade compulsória, instituída na sociedade e que interfere no

nosso olhar para o outro, nas perguntas que fazemos, nos direitos que se constituem.

Quem lê este texto se dá conta das minhas origens simples, da minha formação carente de aspectos políticos e críticos, que hoje busco retomar. Também não houve uma formação rica nas artes, ou em viagens por diferentes territórios, e em tudo o que delas pode aflorar. Mas, mesmo assim, talvez à revelia do pragmatismo da vida, busco desenvolver o olhar sensível, como narradora – e com aquele fio condutor de que falei, vou costurando e bordando estilos mais simples, começando a evidenciar a minha voz, que pela primeira vez se sente feliz em sair detrás da impessoalidade da terceira pessoa, para pesquisar, ouvir e falar sobre as diferenças que ousam ser e estar.

E assim, na minha tecitura de professora pesquisadora, encerro como iniciei, acompanhada do conselho de Nóvoa (2015), que, ao se dirigir ao jovem investigador, diz que é preciso ter dúvidas, ter coragem de partir e de partir-se.

## Referências

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994, p. 197-221.

CHARLOT, Bernard. A questão antropológica na Educação quando o tempo da barbárie está de volta. *Educar em Revista*, Curitiba, v. 35, n. 73, p. 161-180, abr. 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/62350/37913>. Acesso em: 08 maio 2023.

NÓVOA, António. Carta a um jovem investigador em Educação. *Investigar em Educação*, Porto, v. 2, n. 3, jun. 2015. Disponível em: <https://rosaurasoligo.files.wordpress.com/2015/06/antc3b3nio-nc3b3voa-carta-a-um-jovem-investigador.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2023.

PIZZOLI, Maria de Fátima Fagherazzi. Semelhanças e diferenças de valores pessoais dos consumidores supermercadistas caxienses de marca própria e de marca do fabricante. 2002. 86f. Dissertação (Mestrado em Administração) –Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2002. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/3521>. Acesso em: 06 mar. 2023.

SOARES, Magda. Discurso de Magda Soares. *Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita – Ceale*, 8 maio 2015. Disponível em: <https://www.ceale.fae.ufmg.br/pages/view/discorso-de-magda-soares.html>. Acesso em: 06 mar. 2023.



# Um olhar sobre mim: pesquisadora, bibliotecária e professora

Michele Marques Baptista<sup>18</sup>

O bibliotecário é um profissional liberal, bacharel, podem ser especialistas, mestres ou doutores. E seu trabalho é tratar a informação, tornando-a acessível em qualquer suporte informatizado. As áreas de atuação dos bibliotecários abrangem unidades de informação, bibliotecas de todos os tipos, centros de informação, redes de dados e sistemas de informações da iniciativa pública ou privada. A regulamentação da profissão é disposto [sic] pela Lei 4084 de 1962. (Conselho Federal de Biblioteconomia)

## O “Eu” de “Mim”: a infância

Lembranças riograndinas. Nasci e cresci na cidade de Rio Grande/RS. Sou filha caçula. Minha irmã mais velha (seis anos a mais) foi quem me cuidou e educou, enquanto minha mãe trabalhava duro em uma padaria por ser confeiteira e trazia a maior parte do sustento da casa.

Até minha adolescência morei nos fundos da casa da minha avó e de frente à Lagoa dos Patos. E é lembrando da vista da lagoa, dos passeios de barco, dos pescadores, da Ilha dos Marinheiros e do cheiro da marésia que me remeto ao poema de Carlos Drummond de Andrade “Lagoa”:

---

<sup>18</sup> Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade de Caxias do Sul (UCS) na linha de pesquisa Processos Educacionais, Linguagem, Tecnologia e Inclusão. Membro do Grupo de Pesquisa Observatório de Leitura e Literatura (OLLI) com a linha de pesquisa Mediação Cultural. Coordenadora do Sistema de Bibliotecas e do Arquivo Central e professora do curso de Graduação em Biblioteconomia EAD da UCS. E-mail: [mmbaptis@ucs.br](mailto:mmbaptis@ucs.br). CV: <http://lattes.cnpq.br/3663949364283077>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4652-6038>.

[...] Eu vi a lagoa.

A lagoa, sim.

A lagoa é grande  
e calma também.

Na chuva de cores  
da tarde que explode  
a lagoa brilha

*a lagoa se pinta  
de todas as cores [...]*

(Andrade, 1999, p. 29)

Tive uma infância com muitos amigos e com muitas brincadeiras, bem longe da tecnologia de videogames e *smartphones*. Meu local de atividades na infância era o famoso “beco” (rua sem saída) atrás da minha rua. Mas para mim não era um “beco” qualquer. Era o “beco” da amizade e das brincadeiras. Foi nesse local que se desenvolviam as melhores brincadeiras de rua, tais como: vôlei, pega-pega, esconde-esconde, amarelinha, pular corda, brincadeiras com bambolê, entre outras que muitas crianças não conhecem ou que a modernidade não as deixam vivenciar.

## Lembranças da infância e da educação

A minha educação foi precoce, pois entrei com a idade de quatro anos no Jardim de Infância, no ano de 1985. Como era muito nova para começar a 1ª série, fiz novamente o Jardim de Infância no ano de 1986 e, com seis anos, comecei a 1ª série. Como dizia Manuel António Pina, em seu poema “Lugares da infância”,

Lugares da infância onde sem palavras e sem memória alguém, talvez eu, brincou já lá não estão nem lá estou.

Onde? Diante de que mistério em que, como num espelho hesitante, o meu rosto, outro rosto, se reflete?

Venderam a casa, as flores do jardim, se lhes toco, põem-se hirtas e geladas, e sob os meus passos desfazem-se imateriais as rosas e as recordações [...]  
(Pina, 2012, p. 34)

Minha alfabetização foi muito rápida, já que morava muito perto da escola, o que facilitava por estar sempre presente nas atividades. Sem contar a ajuda que tive da minha irmã em casa. Na metade da 1ª série, já sabia ler fluentemente. Muitas lembranças boas da minha infância, mas vou resumir e passar essa parte.

## **Caminhos que levam além das minhas raízes**

Agora, o que contar sobre minha trajetória para chegar à pesquisadora? Vou “cortar caminho” pelo Ensino Fundamental.

Ao recordar alguns momentos da minha trajetória escolar a partir do Ensino Fundamental, lembro que sentia um afeto muito grande pela área da Educação e foi isso que despertou em mim o desejo de cursar, no Ensino Médio, o curso de Magistério. Então, no ano de 1995, ingressei no curso do Instituto Estadual Juvenal Miller de Rio Grande/RS, cidade em que nasci, cresci e me aventurei. Raízes da minha família que deixei para trás.

No ano de 1997, fiz meu estágio supervisionado do Magistério na Escola Estadual Marechal Emílio Luiz Mallet, também localizada em Rio Grande. O estágio foi realizado para uma turma de 3ª série do Ensino Fundamental.

No final do ano de 1998, terminei o estágio e o curso com o coração apertado de saudades da minha “turminha”. Logo após concluir o Ensino Médio, comecei a pensar no vestibular, mas não sabia ainda se seguiria a carreira de docente ou entraria em outra área de conhe-

cimento. Lembro-me de um trecho da poesia de Cecília Meireles, “Reinvenção”:

*A vida só é possível  
reinventada.*

*Anda o sol pelas campinas  
e passeia a mão dourada  
pelas águas, pelas folhas...  
Ah! tudo bolhas  
que vem de fundas piscinas  
de ilusionismo... – mais nada*

*Mas a vida, a vida, a vida,  
a vida só é possível  
reinventada [...]*

(Meireles, 2003, p. 94)

Foi quando vieram novamente outras lembranças da minha infância e de como eu queria ser professora ou de como eu gostava de ir à biblioteca da escola para ler e levar livros emprestados para casa. Tempos bons, momentos incríveis na biblioteca em meio ao acervo infantil e em busca de informações para realizar trabalhos escolares, sem internet, sem estar conectada virtualmente.

## **A biblioteca que habita em mim**

- Papai, me compra a Biblioteca Internacional de Obras Célebres. São só 24 volumes encadernados em percalina verde.
  - Meu filho, é livro demais para uma criança!...
  - Compra assim mesmo, pai, eu cresço logo.
  - Quando crescer, eu compro. Agora não.
  - Papai, me compra agora. É em percalina verde, só 24 volumes. Compra, compra, compra!...
  - Fica quieto, menino, eu vou comprar.
  - Rio de Janeiro? Aqui é o Coronel. Me mande urgente sua Biblioteca bem acondicionada, não quero defeito. Se vier com um arranhão, recuso. Já sabe: *Quero a devolução de meu dinheiro.*
  - *Está bem, Coronel, ordens são ordens [...]*
- (Carlos Drummond de Andrade)

Enquanto eu estava no Magistério, fiz muita pesquisa na biblioteca da escola e notei que havia uma bibliotecária para ajudar os alunos na busca pela informação. Naquele tempo, não sabia que era preciso formação superior para ser bibliotecária e que tinha curso superior sendo ofertado na Universidade Federal de Rio Grande (FURG). Eu pensava que para ser bibliotecária bastava ter formação como professor, pois, em algumas escolas, tinha professores nas bibliotecas. Com isso, fui pesquisar mais sobre o curso superior de Biblioteconomia que era oferecido pela FURG.

De início, participei da palestra de apresentação do curso e acabei interessada em cursá-lo. Verifiquei que, naquela época, o mercado de trabalho também era promissor para o profissional bibliotecário, embora eu sabia que na minha cidade não tinha campo de trabalho na área e que, futuramente, precisaria mudar de lugar e desbravar novas oportunidades.

Prestei vestibular para Biblioteconomia no ano de 2000 e fui aprovada. Comecei a cursar em março do mesmo ano. As disciplinas eram oferecidas somente no turno da tarde, sendo que no decorrer do curso, já no segundo semestre do primeiro ano, consegui um estágio na Biblioteca Central da FURG no turno da noite. Em 2001, ampliei meu estágio para o turno da manhã, então, realizava o estágio de manhã na biblioteca, de tarde tinha aula e de noite voltava para o estágio não curricular. Fiquei assim durante dois anos, que era o tempo máximo de estágio, passando todo o dia na Universidade e, com o dinheiro do estágio, conseguia comprar livros e viajar para eventos da área.

No ano de 2002, fiz estágio com uma professora da área de catalogação organizando a biblioteca pessoal dela. O estágio teve duração de um ano e foi um

aprendizado muito especial para mim, pois coloquei em prática as regras de catalogação somente vistas de forma teórica, trabalhando também com um sistema informatizado e me familiarizando com o formato MARC<sup>19</sup>.

Antes de me formar, no segundo semestre de 2003, precisei realizar estágio curricular, mas queria estagiar em uma biblioteca diferente, então consegui uma vaga de estágio na cidade de Horizontina/RS na biblioteca pública, organizando e informatizando ela.

Em abril de 2004, já formada e cheia de expectativa para atuar como bibliotecária, fui contratada pelo Colégio Franciscano Sant'Anna em Santa Maria/RS para trabalhar na biblioteca. Era a bibliotecária responsável pela biblioteca de Ensino Fundamental e Médio.

### **Biblioteca universitária: faz parte da minha vida!**

No mês de outubro de 2005, abriu uma vaga de bibliotecário na Universidade de Caxias do Sul (UCS) para a Biblioteca Central (BICE) e me candidatei. Fiz a entrevista e fui selecionada, mas somente comecei a trabalhar na UCS no dia 26 de janeiro de 2006, devido à troca da reitoria que ocorria no mesmo ano. Com isso, em janeiro de 2006, me mudei para a cidade de Caxias do Sul e comecei a trabalhar na BICE no setor de Processamento Técnico. Neste setor, desenvolvia atividades de tratamento da informação, tais como:

---

<sup>19</sup> No que se refere a essa estrutura dos dados, bibliotecas no mundo todo têm adotado o padrão Machine Readable Cataloging – MARC (ou Catalogação Legível por Máquina) para a descrição bibliográfica de recursos informacionais e para o intercâmbio de informações. O formato MARC surgiu na década de 1960, por uma iniciativa da Library of Congress – LC (Biblioteca do Congresso), nos Estados Unidos. Desde a sua criação, o MARC passou por diferentes versões ao longo dos anos, destacando-se, nos dias atuais, por sua ampla aceitação e utilização por parte das comunidades bibliotecárias (Dumer; Albuquerque, 2020, p. 11).

catalogação, classificação e indexação<sup>20</sup>, inserção de exemplares no sistema e organização de todos os materiais do Sistema de Bibliotecas da UCS (SiBUCS).

Logo, resolvi fazer uma Pós-Graduação para me aperfeiçoar e, no segundo semestre de 2006, ingressei na Especialização em Gestão de Pessoas da UCS, pois precisava aprimorar meus conhecimentos na área humana e de relacionamento pessoal. A conclusão do curso foi em 2008, quando nesse mesmo ano troquei de setor na biblioteca e comecei a trabalhar no setor de atendimento aos usuários e na liderança de equipes.

Em 2013, foi criado o curso de Biblioteconomia-EAD na UCS, e fui convidada a ministrar disciplinas. Comecei a ministrar as disciplinas de “Normalização I e II”. Foi nesse momento que verifiquei que precisava ampliar minha formação na docência, já que eu estava exercendo atividades técnicas e de docente, então pesquisei os mestrados da UCS. Fiquei interessada no Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade e me matriculei como aluna especial em 2013. Queria uma formação alinhada com a Biblioteconomia, com a biblioteca e com a área propriamente dita. Dessa forma, minha pesquisa era voltada ao vocabulário, já que conceitos relacionados à linguagem e ao vocabulário envolvem também a área de Biblioteconomia, uma vez que o bibliotecário trabalha diretamente com sistemas de informação e recuperação ligados à terminologia e à indexação. Sendo assim, no mesmo ano (2013), ingressei no Mestrado (atualmente

---

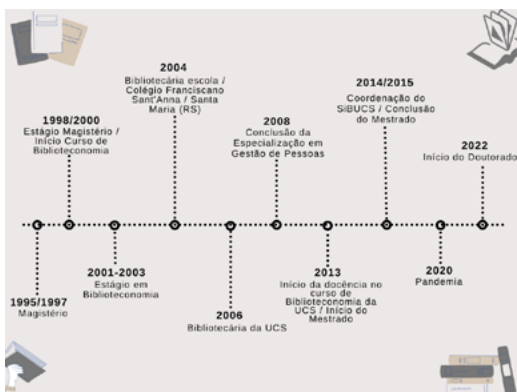
<sup>20</sup> Enquanto a catalogação descreve as características físicas de um item bibliográfico e a indexação preocupa-se com as questões que envolvem o conteúdo intelectual do documento, a classificação, como processo, envolve a atribuição ordenada e sistemática de cada entidade a apenas uma classe dentro de um sistema de classes mutuamente exclusivas e não sobrepostas, com base em semelhanças e diferenças (Lima; Campos, 2022, p. 6).

denominado Mestrado em Letras e Cultura), na linha de pesquisa Língua, Cultura e Regionalidade.

Durante o curso de Mestrado, no ano de 2014, comecei a atuar como Coordenadora Administrativa do SiBUCS (função atual). Também ministrei outras disciplinas no curso de Biblioteconomia, tais como Formação e Desenvolvimento de Coleções e Biblioteca Escolar e, em 2015, concluí o Mestrado. Nesse mesmo ano, além das bibliotecas, o Arquivo Central da UCS passou a ser coordenado por mim.

No ano de 2017, deixei de lecionar no curso de Biblioteconomia e fiquei somente com a função de coordenadora das bibliotecas e do Arquivo. Mas em 2019, fui convidada novamente a ingressar como professora no curso, para ministrar as disciplinas de Representação Temática II, Normalização I e II. Atualmente sou bibliotecária, Coordenadora Administrativa do SiBUCS e do Arquivo Central da UCS e professora do curso de Biblioteconomia-EAD da UCS. A Figura 1 traz a linha do tempo do meu percurso.

Figura 1 – Linha do tempo da pesquisadora



Fonte: elaboração da autora (2023).



## O que me levou à pesquisa

Ao vivenciar, no ambiente profissional e universitário em que a necessidade dos usuários pela busca de informações bibliográficas, pelo uso dos recursos, bem como por várias formas de leitura relacionadas ao lazer ou atividades curriculares, consegui verificar e presenciar o período de distanciamento social no ano de 2020 devido à pandemia e o retorno à normalidade (pós-pandemia). Então, foi por meio desse olhar profissional e de gestão que despertou em mim a necessidade de enxergar “o todo” dos processos e serviços das bibliotecas e de estar mais perto da comunidade acadêmica. Desse modo, o tema do meu projeto de Doutorado, assim como os objetivos propostos, se relacionam com a linha de pesquisa escolhida Processos Educacionais, Linguagem, Tecnologia e Inclusão do Programa de Pós-Graduação em Educação da UCS.

A investigação pelo tema proposto surgiu de observações do cenário e da busca de informação das pessoas, das estatísticas de uso dos materiais bibliográficos, dos dados de circulação (empréstimo, renovação, devolução), das reservas de livros, das solicitações de serviços, entre outros. Assim sendo, pude verificar de perto as alterações durante os meses/anos. Também, por meio de conversas com outras bibliotecas, principalmente as que fazem parte da rede de bibliotecas do COMUNG<sup>21</sup>, como forma de comparação e comprovação para saber de que maneira as pessoas

<sup>21</sup> Em 1993, um grupo de instituições comunitárias do Rio Grande do Sul firmou um Protocolo de Ação Conjunta, constituindo o Consórcio das Universidades Comunitárias Gaúchas – COMUNG. Implantado oficialmente em 27 de abril de 1996, o COMUNG é formado por 14 Instituições de Ensino que representam uma verdadeira rede de Educação, Ciência e Tecnologia, abrangendo quase todos os municípios do Estado e prestando relevantes serviços de interesse comunitário, com destaque para a educação e a saúde (COMUNG, 2023).

buscam a informação, como estão interagindo com a leitura e se os usuários estão mudando seus hábitos com o avanço de novas tecnologias ou de novos acessos às plataformas on-line de informações. Foi preciso ter um novo olhar para as questões relacionadas à competência informacional, suas manifestações e práticas atualmente e, com isso, percebi a necessidade de estudar como a busca por informações ocorrem/ocorreram durante esse período de isolamento e de cuidados com a saúde na BICE e como estão ocorrendo nos dias atuais.

Pesquisar as necessidades de fontes de informação e conhecer o comportamento informacional dos usuários tornou-se estratégia para entender suas perspectivas. Outrossim, é importante salientar que os materiais e as fontes bibliográficas apropriadas que os usuários geralmente consultam para suas pesquisas, leituras e elaboração de trabalhos acadêmicos diferem por critérios pessoais, profissionais, entre outros, e esses materiais e fontes precisam ser organizadas e adquiridas de acordo com necessidades específicas e de interesse das pessoas. Já a entrega bem-sucedida de informações por uma Biblioteca Universitária (BU) pode depender da escolha dos recursos ou das coleções, do conhecimento sobre o que o usuário procura para ler ou do comportamento pela busca de informação. Esses fatores conseguem permitir o oferecimento de serviços e acervos adequados, reduzindo o tempo para encontrar algo pertinente.

Pode-se dizer que, dentro do contexto pandêmico, muitas BUs ampliaram seus serviços e produtos incorporados a uma nova filosofia a fim de fazer com que o usuário conseguisse acesso às informações. Suas portas, por vezes, foram fechadas durante a pandemia, mas a informação permaneceu em cada uma delas. Entretanto,

convém salientar que a busca por informação e a forma de ler estão mudando, tornando-se mais virtuais, colaborativas, rápidas ou intensas. E tudo isso auxilia na reflexão de que a pandemia trouxe à luz deficiências das BUs em termos de gestão de tecnologias e de investimentos. Com isso, algumas precisaram redesenhar rapidamente seus processos para apoiar o usuário.

O surgimento e o desenvolvimento da Educação a Distância (EAD) e das bibliotecas on-line avançaram após a pandemia. Em um ambiente EAD, o compartilhamento de conhecimento requer uma facilidade de internet para a comunidade acadêmica. É um desafio para as universidades fornecer habilidades essenciais, conhecimento e avanço nos currículos dos cursos, assim como tecnologia por meio da educação tradicional ou no *campus*. Os produtos do *Google*, como *Google Meet*, *Gmail*, *Google Drive*, entre outros, foram essenciais para o processo de aprendizagem na Universidade de Caxias do Sul e ajudaram a instituição a mudar do ensino presencial para o on-line rapidamente.

Esse fato também foi percebido nas bibliotecas da UCS, fazendo com que muitos usuários, acostumados apenas com o uso dos recursos físicos disponíveis nos acervos das bibliotecas, começassem a utilizar mais os acervos digitais e o atendimento virtual. Também despertou na comunidade acadêmica a busca por alternativas e novas fontes de pesquisa para acompanhar as aulas oferecidas de forma síncrona.

As bibliotecas da UCS, durante o período pandêmico, criaram novos serviços relacionados à leitura, tecnologia, educação e informação, mas sempre tendo como base sua missão e a missão da Instituição. Sendo assim, a relevância dessa pesquisa será fundamental para as bibliotecas da UCS, para a comunidade acadê-

mica e principalmente para a própria Instituição. Já a temática foi escolhida para evidenciar como práticas informacionais e a busca por informação afetaram ou ainda afetam a vida das pessoas perante a mudança de comportamento causada pela pandemia e a reclusão, tornando-se importante a verificação do papel da BU como organismo de extrema transformação e modernização e o papel do bibliotecário como mediador da informação.

## Referências

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do mundo*. Ed. especial. Rio de Janeiro: Record, 1999.

CONSÓRCIO DAS UNIVERSIDADES COMUNITÁRIAS GAÚCHAS (COMUNG). *O maior sistema de educação superior do Rio Grande do Sul*. Disponível em: <https://comung.org.br/sobre/>. Acesso em: 10 maio 2023.

CONSELHO FEDERAL DE BIBLIOTECONOMIA. *Profissão*. Disponível em: <https://cfb.org.br/profissao/>. Acesso em: 17 maio 2023.

DUMER, Luciana; ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de. *MARC 21 e outros formatos de intercâmbio bibliográfico*. João Pessoa: Editora UFPB, 2020.

LIMA, Gercina Angela de; CAMPOS, Maria Luiza Almeida. Sistema de armazenamento e recuperação da Informação: uma análise do impacto das variáveis e medidas visando à organização e recuperação de informação centrado no usuário. *Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação*, v. 20, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdbci/a/p4CtsgSVQ5W9h7yYQVxmp6x/>. Acesso em: 10 maio 2023.

MEIRELES, Cecília. *Flor de poemas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

PINA, Manuel Antônio. *Poesia, saudade da prosa: uma antologia pessoal*. Porto: Assírio & Alvim, 2012.

## O percurso de uma investigadora: da menina que ousou desejar ser engenheira à professora inquieta

Monica Scotti<sup>22</sup>

Convidada a escrever sobre minha trajetória e como cheguei nessa etapa da vida acadêmica, minhas memórias retornam à 7ª série, na qual fui encantada (seria algum tipo de feitiço?) por uma professora de Matemática. Lembro que olhei para ela, ao final de uma aula, e pensei: quero ser assim! Mal sabia eu, no momento, que meu encanto não era pela professora, mas pela Matemática.

Sempre adorei Matemática, embora durante muito tempo sentia que não estava à altura das tais ciências duras. Era terreno dos gurus: quem eu era, ali, para ousar me declarar futura engenheira? Risos, né? Eu precisava encontrar espaço. Isso começou com pequenos exercícios de docência, explicando atividades para os colegas, organizando grupos de estudo para as avaliações, emprestando cadernos. Nesse movimento, de visitar as aulas, reexplicar o que havíamos estudado com os professores, buscar associações... meu encantamento pela disciplina só aumentava. E, assim, fui alimentando a vontade de cursar uma Graduação relacionada à área das Ciências Exatas. Meu plano, inicialmente, incluía a possibilidade de cursar Engenharia Civil, mas a vida me levou para a Licenciatura em Matemática. Engenharia

---

<sup>22</sup> Licenciada em Matemática e doutoranda em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Mestre em Matemática Aplicada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora da Área de Exatas na UCS e professora de Matemática na RME de Caxias do Sul. E-mail: mscotti@ucs.br. ORCID: 0000-0002-1878-9711.

só tinha em Porto Alegre e, sem condições financeiras para estudar fora, “que tal escolher uma opção aqui em Caxias?”, foi o que escutei de meus pais. Engenharia ficaria para a Pós-Graduação.

Iniciei a Licenciatura em 1995, ouvindo de muitas pessoas: “*mas vai ser professora? Tem certeza?*”. Então eu não podia ser engenheira e nem professora de Matemática? Que tal deixar que eu decida isso? Seguimos.

Confesso que, na época, não tinha a firmeza para responder o que hoje, depois de mais de vinte anos de docência, respondo: sim, tenho certeza! Cursei toda minha Licenciatura em Matemática na Universidade de Caxias do Sul. A Licenciatura também me proporcionou momentos de encantamento, dessa vez pelas aulas de duas professoras que me acolheram como monitora de suas disciplinas, me receberam como bolsista de iniciação científica e me inspiraram. Devagarinho, percebia que ensinar Matemática era muito mais interessante do que somente estudar Matemática. Minicursos, pequenas experiências com grupos de estudo, participação em eventos de jovens pesquisadores... opa! Tem mais nessa área que pode ser interessante: a pesquisa.

O desejo de fazer uma Pós-Graduação seguia intacto, mas o objeto de estudo começou a mudar. Eu poderia ser professora, pesquisadora e apaixonada por Matemática Aplicada. Enxergar a Matemática como uma poderosa linguagem, como base para as Ciências Exatas, me deixava orgulhosa da área que escolhi. “Eu serei uma professora de Matemática e vou formar os cientistas e engenheiros do futuro!” Era esse o sentimento que me nutria nessa época.

Em 1998, ainda estudante de Licenciatura, iniciei minha história na docência (oficialmente, pois tenho

certeza que minha prática docente iniciou muito antes disso), em uma escola estadual, em Caxias do Sul. Um ano de contrato emergencial, um ano de atividades docentes com turmas de Ensino Médio. Um ano para experimentar a solidão de planejar, aplicar e decidir o que fazer com turmas que não correspondiam à minha expectativa e não compreendiam por que eu gostava tanto da disciplina. Algumas frustrações, algumas correções de rumos, muitas experimentações. No ano seguinte, tive a oportunidade de lecionar na escola de Ensino Médio da UCS (CETEC), onde atuei por onze anos. Essa escola foi fundamental na minha vida: aprendi a ser firme quando necessário, aprendi a perceber quando um adolescente me atacava para disfarçar um coração apertado, aprendi que eu poderia encantar meus alunos com a Matemática, mas cada um deles iria perceber uma particularidade diferente nessa disciplina. Aprendi que deixaria marcas – boas ou ruins – em todos os estudantes que passavam por mim. Aprendi que eu tinha uma identidade: que a professora que estava se constituindo era fruto de experiências, de esforço, de surpresas pelo caminho, de estudo e da prática. Experimentei muito! E a escola me permitiu isso. Metodologias, materiais diferentes, formas de avaliação. Vamos testar! Muitas experiências não deram certo, outras precisaram de remodelação. Seguimos. A intuição me guiava e as conversas com os pares corrigiam meu rumo: aprendi o significado e a importância do planejamento coletivo.

Nesse mesmo período, comecei a atuar no Ensino Fundamental: passei em um concurso público, fui chamada no ano de minha formatura e escolhi a EMEF Paulo Freire (profético, não?) para iniciar minha caminhada. Onze anos de escola e vivências inspiradoras: colegas comprometidos, grupo de estudo dedicado, novas expe-

riências pedagógicas... Tive meu primeiro contato com a obra do patrono da escola nesse período. Aprendi que as necessidades dos meus novos estudantes iam muito além do entendimento da Matemática, compreendi a importância da flexibilização e aprendi que não sabia quase nada de educação popular. Então, veio a vontade de estudar mais um pouco.

Veio o Mestrado em Matemática Aplicada, veio o convite para dar aulas na Graduação, veio o convite para ser paraninfa pela primeira vez e, quando percebi, já eram quinze anos de docência. Importante citar que o Mestrado, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), foi muito importante para começar minha jornada como docente na Graduação, inicialmente lecionando disciplinas básicas para os cursos de Engenharia.

Minha dupla jornada ou minha dupla personalidade, professora no Ensino Básico versus professora na Graduação, me permitiu lecionar, pela primeira vez, para uma turma de Licenciatura em Matemática. Foi (e ainda é) uma das experiências mais gratificantes: para além dos conteúdos e fundamentos que desenvolvemos nessas disciplinas – a discussão, as confissões, a cumplicidade que emerge quando trocamos ideias com colegas e futuros colegas me motiva! E o encantamento? Ah, esse continuava comigo... pela profissão (nessas alturas da minha vida, nem lembrava mais que quis, um dia, ter cursado Engenharia), pela Matemática e, agora, pelos processos que conseguia perceber nos alunos que estudavam Matemática comigo.

Nesse percurso de docente, que é parte relevante na constituição da pesquisadora que almejo ser, tive que tomar algumas decisões dolorosas. Deixar o CETEC para poder ampliar minha atuação na Graduação foi uma delas. Trocar a Escola Paulo Freire pela Escola Luiz



Antunes, por conta da mudança de turno de atuação, foi outra decisão difícil. Aceitar o desafio de atuar na gestão de uma Escola Municipal e, em seguida, na Coordenação Pedagógica, foi fundamental para ampliar a minha visão da escola, do estudante e da comunidade escolar.

Paralelamente aos estudos e as mudanças profissionais, a vida pessoal também se redesenhava: perdi minha mãe, rompi relacionamentos, conheci pessoas, encontrei um parceiro de vida, me tornei mãe.

A cada novo ano, novo desafio ou novo espaço de atuação, minhas perguntas e reflexões ganhavam mais força: que professora sou? Que professora quero ser? Como contribuo para a formação de novos professores de Matemática? De que forma minhas concepções e crenças (relativas à aprendizagem) irão influenciar os licenciandos que passam por mim?

Os questionamentos e inquietações me levaram ao primeiro contato com o Programa de Pós-Graduação em Educação da UCS. Comecei cursando disciplinas isoladas (movida pela curiosidade), na busca de respostas para minhas questões internas e de uma forma de resolver minhas frustrações como professora de Matemática no 6º e 7º anos (movida, na ocasião, pela necessidade). Em que ponto, da trajetória escolar, o aluno da Educação Básica se desencanta? Esse era um questionamento particular, mas frequentemente compartilhado com minhas alunas e meus alunos da Licenciatura. E a busca de respostas virou projeto de pesquisa (movida, agora, pelo desejo). A inquietação da professora do 6º ano virou discussão em conversas informais e em formações com professores do Ensino Básico.

Eu busco respostas, ciente de que preciso estar em campo para compreender, perceber, pesquisar e anali-

sar a relação dos meus estudantes com a Matemática no que diz respeito às aprendizagens. E, ainda, a necessidade de olhar para esses estudantes em momentos diferentes – nos Anos Iniciais e nos Anos Finais.

Delineando meu problema de pesquisa, decidi me candidatar ao Doutorado, mesmo ciente da minha falta de repertório teórico na área. Com apoio de um professor que apareceu, para mim, nas leituras preparatórias, encontrei uma obra que discorria sobre as interlocuções de Vigostki com Paulo Freire, de autoria do professor Sandro de Castro Pitano, que me acolheu como orientador.

Como a vida segue dando piruetas, troquei de orientador, por conta de questões pessoais do professor Sandro, que vai ser para sempre uma inspiração. Agora, dou a mão à professora Andréia Morés, que me acolhe no caminho do Doutorado.

Sigo atuando no Ensino Básico e na Graduação, com redução de carga horária. Penso que minha prática como professora de Ensino Básico me faz uma professora melhor na Graduação. Minhas inquietações me trouxeram até aqui, principalmente os meus questionamentos referentes aos fatores que influenciam nas aprendizagens em Matemática dos estudantes da RME de Caxias do Sul, com especial atenção à transição dos Anos Iniciais para os Anos Finais.

Para tentar respondê-las, busco redirecionar meu projeto de pesquisa, me preparando para imersão no campo. É hora de dar lugar às narrativas dos estudantes e professores que compõem a escola, é hora de me assumir pesquisadora-participante e autora da minha trajetória no Doutorado em Educação.

## Referências

GAMBOA, S. S. Pesquisa em Educação: métodos e epistemologia. Campinas: Argos, 2007.

GHEDIN, E.; FRANCO, M. A. S. Questões de método na construção da pesquisa em educação. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2011.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia. 66. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020.

LOTÉRIO, J. A dialogicidade na educação: uma experiência com a Matemática. Revista da UNIFEBE, v. 1, n. 09, 2011.

## Carta de uma viajante...

*Querubina Aurélio Bezerra*<sup>23</sup>

“Esse é o verdadeiro mestre: o que não castiga mas impele, o que não doutrina mas desperta a curiosidade e a acompanha, o que não impõe mas seduz, o que não quer ser modelo nem exemplo mas companheiro de jornada, seja na vida, seja nos caminhos intelectuais.” (Lya Luft)

Trago aqui os registros de uma viagem, não tão longa em termos de espaço ou de tempo, porém cheia de significados que, para quem aqui escreve, fazem dos percursos trilhados essências da trajetória que hoje se constitui campo de pesquisa.

Outro dia me deparei com um questionamento de Fischer (2005) direcionado a pesquisadores, função essa que hoje exerço, sobre qual seria o significado das pesquisas realizadas: ao que elas dariam a pensar, a fazer ou a dizer? E o que de matricial poderia surgir nesses textos acadêmicos? Pus-me a pensar e a procurar sentido naqueles questionamentos para o trabalho que hoje desenvolvo. Afinal o eu-pesquisadora em um curso de Doutorado está fazendo o que, por que e para quê?

De repente, percebi que essas perguntas não se limitam à apresentação de um percurso metodológico pensado para um projeto de tese que tem o olhar para a inclusão de pessoas com deficiência intelectual. Talvez essas perguntas busquem um significado mais profundo que, ao longo de uma sequência de experiências,

---

<sup>23</sup> Mestra e doutoranda em Educação pela Universidade de Caxias do Sul. Técnica em Assuntos Educacionais no Instituto Federal do Rio Grande do Sul. Agências de fomento: Capes e IFRS. E-mail: querubinabezerra@gmail.com. ORCID: 0000-0003-0239-1124.

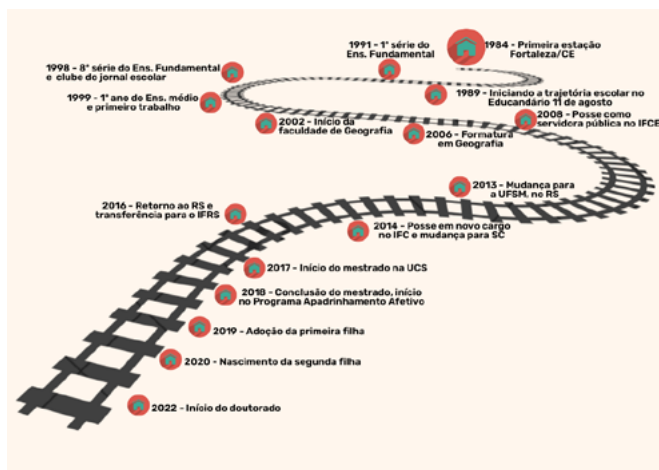
pelas estações da vida, fizeram com que hoje eu aqui chegasse.

Busquei sentido para o que seria essa escrita fecunda e matricial que Fischer (2005) provoca que os pesquisadores apresentem. E ao ler Benjamin (1936), deparei-me com a relação artesanal existente entre o narrador e a vida humana, na qual este se propõe a narrar. E percebi que o resultado que pretendo apresentar como uma tese pode sim ser um “produto sólido, útil e único” (Benjamin, 1936, p. 221) se, cuidadosamente, eu tecer o produto advindo das experiências que comigo forem compartilhadas no decorrer do desenvolvimento da pesquisa.

Porém, como aprendi em Clandinin e Connelly (2015) que o pesquisador narrativo parte de suas próprias experiências, para fazer entender como aqui cheguei nesse campo de pesquisa, começo pela tessitura de minha autobiografia.

Sei que há diferentes formas de aprender e penso que, diante do que pretendo apresentar neste texto, preciso ser um pouco mais sensível ao meu leitor que talvez prefira um recurso visual, ou esteja ansioso para me acompanhar nessa viagem. Dessa forma, compartilho, na Figura 1, um breve roteiro da viagem da vida, com algumas das estações mais importantes por mim visitadas até agora.

Figura 1 – Roteiro da viagem da vida



Fonte: A viajante (2023).

Cheguei à estação Doutorado! Não pense como um exagero, mas já tinha planejado essa parada há cerca de 20 anos, quando ainda estava no início do curso de Bacharelado em Geografia, porque tive muita aproximação com estudantes da Pós-Graduação e com professores que recentemente tinham concluído o Doutorado, o que me fez desde cedo ficar fascinada com a possibilidade de seguir a carreira acadêmica. Porém, as estradas da vida nem sempre seguem o curso no tempo em que desejamos, ou, às vezes, surgem nos mapas e roteiros estações interessantes nas quais optamos por fazer breves ou longas paradas.

Antes de chegar ao Doutorado, me tornei mãe da minha primogênita em 2019, uma adolescente que trazia, dentre tantas singularidades, o fato de ser uma pessoa com deficiência intelectual. Em 2020, nasceu minha segunda filha, e vivi uma nova experiência de maternagem em plena pandemia. Dessa forma, na estação

anterior, surgiram duas pessoas que serão, provavelmente, as mais importantes, dependentes e duradouras companhias que terei ao longo da estrada.

Anteriormente, fui uma estudante de Mestrado, que já tinha se debruçado sobre estudos teóricos e realizado uma pesquisa empírica com foco no tema da escolarização de pessoas com deficiência intelectual. Posso dizer que foi nesse momento que minha compreensão sobre a inclusão passou de uma visão ingênua, que pensava a inclusão apenas como o acesso à escola comum, para um olhar mais crítico, fundamentado em autores que debatem a inclusão a partir de uma perspectiva social e que se posicionam em relação às barreiras ainda existentes diante do público-alvo da educação especial que intenciona ingressar na escola comum. Aqui preciso pontuar que, ainda durante o curso do Mestrado, a teoria passou a fazer parte da minha vida, pois conheci minha filha em uma instituição de acolhimento, quando me tornei madrinha no Programa de Apadrinhamento Afetivo, e muito do que li sobre modelo médico da deficiência, barreiras sociais e privação cultural passou a fazer sentido. E foi por ter em minha bagagem esse aporte teórico que consegui escolher os caminhos que considere mais seguros para educar minha menina.

Mas, nessa estrada, antes de retomar a vida acadêmica, eu já seguia, desde 2008, os trilhos como servidora pública em instituições federais de ensino. Foi aqui minha decisão por voltar minha atuação profissional e redirecionar meus estudos para a área da Educação, pois antes havia outros interesses que se colocavam como prioritários devido à minha Graduação inicial. E, em meio a paradas por algumas estações (Instituto Federal do Ceará – IFCE, Universidade Federal

de Santa Maria – UFSM, Instituto Federal Catarinense – IFC e Instituto Federal do Rio Grande do Sul – IFRS), fui questionando as situações que surgiam quando pessoas com deficiência ingressavam nas instituições de ensino, meu campo de atuação profissional, nas quais ficavam evidentes os conflitos entre teoria e prática quando se fala em inclusão. Por essas questões, a opção por realizar formações em serviço tinha, por vezes, como escolha, o tema da inclusão.

Porém, ainda antes disso, fui uma estudante do curso de Geografia, empolgada com o futuro diploma e com cada atuação realizada em estágios acadêmicos, em especial aqueles direcionados às áreas de cartografia e meio ambiente. Essa não foi minha primeira opção de curso superior, confesso! Na realidade, foi muito mais o resultado de uma sequência eliminatória de quais cursos eu não queria fazer caso tentasse vestibular na Universidade Estadual do Ceará. Acabei ingressando no Bacharelado em Geografia, apaixonando-me pelo curso, tendo minhas desilusões e pensando em desistir, mas seguindo até a formatura. Após a conclusão do curso de Bacharelado, realizei os estudos da Licenciatura, que me proporcionou um título que me permitiria lecionar e que foi, mais à frente, a razão para meu ingresso como servidora em instituições de ensino e habilitação para assumir o cargo que hoje ocupo.

No entanto, antes dessa fase de encantamento, fui uma secundarista frustrada por não obter aprovação no vestibular para o curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará. Por favor, não me julguem por viver essa frustração no auge dos meus 16 anos, afinal, quem nunca se frustrou na vida? Sempre fui a aluna mais nova de todas as minhas turmas escolares, fiz o Ensino Médio em meio a uma turma de pessoas adultas, já que não



era comum adolescentes estudando no período noturno e tendo que trabalhar durante o dia. Penso que em algum momento o avanço escolar, que foi proporcionado como um aparente benefício à minha família, seria cobrado em mim, e acho que foi justamente nesse momento, quando eu não tinha maturidade emocional para prestar uma prova de vestibular. Mesmo assim, considero que, durante o Ensino Médio, as experiências no Grêmio Estudantil e no projeto Clube do Jornal Escolar promovido pela ONG Comunicação e Cultura proporcionaram-me maturidade e responsabilidade, por também atuar como bolsista do projeto Primeiras Letras, fomentado pela mesma ONG. Além disso, foi um tempo de ter contato, como observadora, com as artes, como a pintura, o teatro e o balé. Também mergulhei em diversas experiências de leitura e de escrita e na arte da fotografia.

Anteriormente, fui uma menina com diferentes experiências escolares. Só no Ensino Fundamental foram quatro escolas, sendo três particulares e uma pública. Essa última, já nos últimos dois anos do Ensino Fundamental, foi a com que mais me identifiquei, pois surgiu uma liberdade ainda não conhecida. Nas experiências anteriores, era tudo tão igual, todos liam as mesmas coisas, faziam as mesmas atividades e apresentavam os mesmos trabalhos. Na escola pública, tive a liberdade de ir à biblioteca e escolher os livros para as leituras e trabalhos que, de forma singular, eu faria. Realmente me encontrei nessa nova proposta pedagógica. Foi também o espaço que proporcionou respeito ao meu jeito tímido de ser e não me forçava a ir para um quadro resolver exercícios só porque eu tinha facilidade em resolvê-los. E foi na escola pública que a leitura e a escrita passaram a ter real significado em minha vida,

pois foi onde vivi uma das experiências mais incríveis, a participação no Clube do Jornal Escolar. A timidez deu espaço a uma aproximação com pessoas e lugares em busca de informações para a elaboração de textos. E eu lia de forma cada vez mais intensa, sem qualquer cobrança de professores, sempre lendo além do número de obras pedidas, sem qualquer relação com entrega de trabalhos, porque eu queria ler mais, para conhecer mais e para aprender como escrever melhor.

E a leitura e a escrita chegaram muito cedo em minha vida, quando eu ainda era bem pequena. Possivelmente fui alfabetizada em casa, como se estivesse em uma brincadeira de escolinha, enquanto meus irmãos mais velhos estudavam. A memória já não me permite entender bem como isso aconteceu, mas, como lembro que brincar de escolinha foi sempre uma das minhas brincadeiras favoritas durante a infância, é nisso que me apoio para justificar o fato de ter sido avançada de série ainda na Educação Infantil, aos cinco anos, por já saber ler e escrever.

E nesse caminho que me propus a fazer de forma retrógrada, chego à primeira estação, de uma viagem iniciada em outubro de 1984, quando na capital nascia uma menina que, mesmo que um dia decidisse conhecer distantes lugares e viver incríveis experiências, seria sempre muito apegada à família, que tem as raízes de sua história fincadas no Sertão dos Inhamuns, interior do estado do Ceará.

E o que essa minha história pode ter a ver com o desenvolvimento de uma tese de Doutorado? Almeida (2010) alerta para a subjetividade implicada na ação de pesquisar, que aproxima o olhar do pesquisador de seu campo de ação por meio de seus pertencimentos e da alteridade.

Daquilo que Almeida (2010) apresenta, seria esse pesquisador que busca prazer em seus pertencimentos tal qual um narrador camponês sedentário, apresentado por Benjamin (1936)? E o pesquisador que busca no outro, naquilo que ainda é desconhecido, o sentido da sua investigação, seria, como apresenta Benjamin (1936), tal qual um narrador marinho comerciante que sai a viajar para encontrar em suas diversas paragens novas histórias a contar?

Volto para os questionamentos de Fischer (2005) e me ponho também a pensar como transpor a ideia de uma mera utilização de autores e de conceitos para agregar aquilo que, de mim, enquanto autora, posso apresentar. Assim, busco olhar para minha trajetória para encontrar os significados que me fizeram hoje pesquisadora, entender o porquê da temática de pesquisa sobre a qual me debruço e quem sabe responder minha pergunta de pesquisa ao ponto de apresentar uma tese que tenha em si “algo de fecundo, de matricial” (Fischer, 2005, p. 130).

Que pesquisadora sou? De onde surgem minhas narrativas?

Por um breve momento, supus que eu poderia me enquadrar na dupla condição de uma narradora camponesa e de uma viajante. A primeira, por pensar que eu já tinha fincado raízes em um campo de estudos e que minha recente experiência de vida, advinda de meu maternar, seriam suficientes para apresentar narrativas em meu processo de doutoramento. A segunda, por pensar que as diversas estações por onde passei ao longo de minha trajetória de vida foram as responsáveis por me fazer adentrar ao antes desconhecido, além do fato de que ainda busco conhecer outras histórias,

sendo escuta ativa de experiências outras que venham a compor a minha própria (Benjamin, 1936).

Porém percebi que ainda não posso tomar como meu algo que não me é próprio. Percebo que minha bagagem ainda é tão pequena nesse campo que me pus a estudar que seria injusto dizer que já de minhas próprias memórias surgem, além de meras informações, surpreendentes histórias a contar (Benjamin, 1936).

Então preciso reconhecer meu lugar de fala. Sigo como uma narradora viajante, uma pesquisadora que, mesmo se reconhecendo como alguém que adentra a um campo de estudo já trazendo consigo alguns pertences, de ordem teórica e de experiências práticas da vida pessoal e profissional, ainda se encanta por esse campo por meio de um olhar de alteridade.

E nesse olhar, que percebe o outro em sua diferença na condição de ser, de estar em um lugar e de viver, preciso levar em consideração as fragilidades que podem surgir nas relações entre eu-pesquisadora e os participantes de minha pesquisa e que podem demandar negociações em campo para a realização da pesquisa (Clandinin; Connelly, 2015), bem como o respeito às questões éticas que envolvem sujeitos em situação de vulnerabilidade.

Eu sou Querubina Aurélio Bezerra, cearense, geógrafa, peregrina por terras do sul do Brasil, servidora pública federal ocupante do cargo Técnico em Assuntos Educacionais no Instituto Federal do Rio Grande do Sul, mestra em Educação, mãe da Caroline e da Ana Júlia e estudante do curso de Doutorado em Educação, pesquisadora sobre a inclusão de pessoas com deficiência intelectual.

## Referências

ALMEIDA, Dóris B. Itinerários de uma pesquisadora: escolhas, intuições e encantamentos. *In: GRAZZIOTIN, Luciane S. S; COSTA, Gisele (Orgs.). Experiências de quem pesquisa: reflexões e percursos.* Caxias do Sul: EDUCS, 2010. p. 33-50.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In: BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política.* Editora Brasiliense, 1936.

CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. O pesquisador entrou no campo da pesquisa: caminhando por entre histórias. *In: CLANDININ, D. Jean; CONNELLY, F. Michael. Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa.* 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2015. p. 99-118.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Escrita acadêmica: arte de ensinar o que se lê. *In: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss (Orgs.). Caminhos investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras.* Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 117-140.

# Ser-pesquisador: reflexões e aprendizados com a travessia

Roberto Oliveira Batista Júnior<sup>24</sup>

Figura 1 – Castanhas Portuguesas<sup>25</sup>



Fonte: Foto extraída do acervo pessoal do autor (2023).

Começo a reflexão sobre a minha “travessia transformativa” com a imagem das castanhas portuguesas. Tomo a liberdade de nomear a travessia de transformativa porque tenho entendido o percurso do Doutorado como processo de formação e transformação não só do pesquisador, mas do ser em sua integralidade. Entendendo que, à medida que me constituo e, portanto, me formo, também me transformo ao me retroalimentar a partir de novos conhecimentos e experiências.

<sup>24</sup> Pedagogo na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e doutorando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade de Caxias do Sul (UCS). E-mail: roberto.batistajr@ufpe.br ID Lattes: 2456350977350806.

<sup>25</sup> A castanheira portuguesa é uma árvore de grande porte, típica de clima temperado. Suas castanhas, compuseram juntamente com o trigo, cevada e centeio, a base da alimentação em Portugal até ao século XVII.

Neste momento de reflexão, tomo a travessia como transformativa, basicamente, em três dimensões. São elas: 1) A dimensão pessoal, não só porque atravessei o Brasil, do Nordeste ao Sul, para realizar o Doutorado, mas também porque tenho percebido em mim mudanças ontológicas de postura, que antes não via; 2) A dimensão do pesquisador, pois abracei a minha virada epistemológica com brilho nos olhos e encanto; e 3) A dimensão metodológica, não só como escrevo e comunico o percurso, mas também como caminho em busca das evidências.

Talvez, para o(a) leitor(a), a imagem das castanhas portuguesas não tenha nenhum significado. Mas, para mim, significa o começo. O começo aqui em Caxias. O começo no Doutorado. O começo de uma mudança que foi e tem sido significativa em minha vida.

Lembro-me do primeiro encontro presencial com a Profa. Eliana Sacramento, orientadora e parceira na construção da tese. Ela organizou uma reunião com seus orientandos com o objetivo de nos conhecermos e trocarmos algumas ideias e expectativas sobre o curso, as pesquisas etc. Foi um momento bem interessante, no qual pudemos conhecer colegas em diferentes etapas do Doutorado.

Após o encontro, ela muito gentilmente me conduziu por algumas dependências da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Conhecemos o Bloco E, a Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), a Diretoria da Área de Humanidades. Depois conhecemos o Centro de Convivência e, no trajeto para a Biblioteca Central, me apresentou a castanheira portuguesa. Conheci a castanha e seu invólucro espinhoso. Pois bem, tenho essa castanha até hoje. Tomei-a como meu

“amuleto da sorte” e como metáfora para a minha trajetória no Doutorado.

Com a castanheira portuguesa, aprendi algumas coisas: como escolher as melhores sementes; qual o melhor jeito de germinar; como semeá-la; como cuidá-la. Além desses aprendizados mais técnicos, a castanheira portuguesa tem me ensinado alguns elementos de ordem filosófica/espiritual: há tempo de plantar e há tempo de colher, mas, sobretudo, no intervalo entre o plantar e o colher, existe o tempo de cuidar. É o chamado “*confie no processo, Roberto!*” que tenho aprendido nas orientações da tese.

Esse “tempo de cuidar” é onde estou. Cuidando da minha família que está aqui em Caxias. Cuidando da minha família que está lá em Recife. Sobretudo, cuidando do meu giro; da minha disrupção; da minha mudança de via e de vida. Repensando o meu pensar a cada instante, num processo recursivo e retroalimentador; me auto-organizando; dialogando com o que a vida pode me ensinar, permitindo-me estar situado e reconhecendo-me parte/todo integrante do processo. Ecologizando saberes. Criando relações entre o conhecimento científico e outros tipos de conhecimento. Superando assim a monocultura da ciência moderna. E, assim, em constante (trans)formação.

Tenho percebido a sensibilidade que os paradigmas emergentes nos evocam. E tenho me posicionado em abertura a novas aprendizagens, atitudes e posicionamentos diante da vida. Não é tarefa fácil. Muito menos simples de se realizar.

A lógica que alicerçou o meu fazer profissional e acadêmico parte de uma racionalidade e uma objetividade que escapa a outras dimensões. E, talvez, esteja aí



minha dificuldade maior. Não que essa lógica de formação tenha sido de todo ruim. Não é isso! Foi ela que me trouxe até aqui. Que me permitiu enxergar a necessidade de buscar novos conhecimentos, mesmo que estes desequilibrassem minhas bases tão seguras, contanto que me permitisse um ressignificar autêntico.

Hoje, enxergo que o fato de ter realizado a travessia de vir a Caxias do Sul significou uma ruptura com meus alicerces. Permitiu que eu me tornasse um Roberto diferente do que era. Mostrou-me que a ruptura sofrida até aqui não foi apenas geográfica, mas paradigmática, e que afetou e afeta todas as minhas dimensões. Aliás, ruptura tem sido a tônica nesse meu processo de conhecer/aprender no Doutorado. Não que isso não acontecia em aprendizagens anteriores. Porém, agora, tenho percebido esse acontecer de forma mais transparente.

Nos últimos meses, tenho me desafiado a enxergar o meu entorno com as lentes da complexidade. Nesse meu processo de conhecer e viver a teoria, tenho percebido como vida e natureza dialogam e não podem ser dissociadas. Tenho me permitido me comparar a uma árvore em desenvolvimento. No início fui semente. Pequeno, exerci a humildade. A humildade para me entender e para compreender o contexto de mudança e desafio que estava/estou vivenciando.

Acredito que esse tenha sido um passo importante. Em outras palavras: procurei compreender em que “sementes” estava alicerçado. Em que fundamentos fui formado, como sujeito e profissional. Esse fluir me ajudou a identificar que minha estrutura mental se aproximara do paradigma racional de produzir conhecimento e fazer ciência. E, de certa forma, com esse paradigma é que enxergava os fenômenos à minha volta.

Mas, como boa parte das sementes, ao mesmo tempo em que era pequeno, nutria o desejo de crescimento e ampliação, por assim dizer, do meu olhar. Queria me desenvolver e olhar para o mundo por outro ângulo. E foi assim que me permiti sair da casca e me tornar broto. Ainda sou pequeno, é verdade. Mas nesse broto tem força. Força para abrir-se ao novo. E coragem para me ressignificar na travessia. E assim pretendo continuar no processo. Aberto e flexível às exigências da contemporaneidade. E com disposição para, em diálogo com a ciência na qual fui forjado, desbravar os solos complexos da vida, situado e com consciência epistêmica.

Rubem Alves dizia que plantou uma árvore no fundo da sua casa, uma árvore que só seria grande e frondosa em décadas. Ele sabia que não desfrutaria da sombra daquela árvore, mas porque ele cuidou dela hoje, porque a regou hoje, alguém, depois dele, poderia se deitar debaixo dela e desfrutar de sua sombra. Quanta beleza vejo nessa passagem! Quantos ensinamentos podemos extrair daí. A paciência que temos de ter com nossos educandos. A paciência que temos de ter com nós mesmos. A paciência que temos de ter com o processo e com a travessia que nos propomos a realizar.

Penso que nada disso tem sentido sem o compromisso ético do educador/pesquisador. Compromisso ético, mas também estético. Ou seja, o meu agir enquanto sujeito/educador/pesquisador, inserido num contexto, deve estar alinhado com a forma com que penso, reflito, entendo e de como enxergo beleza no processo de viver/conhecer/ensinar/aprender. Refletir sobre a relação dialógica entre a ética e a estética é pensar como o comportamento (ética) interfere na

forma (estética) e, essencialmente, como a forma influencia o/no comportamento.

Impulsionado por esse compromisso ético e estético e inspirado em Nóvoa (2015) e Freitas (2002), elenco abaixo alguns aprendizados, de ordem prática, que a travessia tem me ensinado. São eles:

1. Ter claro o porquê de se fazer essa pesquisa. O que pesquisar? Como pesquisar? Sobre quem? E com quem pesquisar?
2. Definir uma questão norteadora de pesquisa. A partir dela, o estudo se desenrola com mais desenvoltura;
3. Estabelecer objetivos que dialoguem e que auxiliem com a resposta à questão norteadora de pesquisa;
4. Escolher um método e metodologia que se alinhe à teoria utilizada para o estudo. Assim como o viés epistemológico utilizado;
5. Exercitar a escrita;
6. Criar um mapa conceitual contendo as principais temáticas a serem pesquisadas ou partes da pesquisa;
7. Buscar entender a importância de cada parte da pesquisa para a sua compreensão global;
8. “Encantar-se” e manter-se “encantado” pela pesquisa desenvolvida;
9. Gravar as orientações;
10. Criar um cronograma de estudos e segui-lo;
11. Aproveitar a banca de qualificação como momento de reflexão e aprendizagem;
12. Assistir às bancas de qualificação do Programa de Pós-Graduação (PPG);
13. Assistir às defesas de pesquisa do PPG que participa;
14. Ter um diário da pesquisa;

15. Quando criar ou editar arquivos, atualizar o novo arquivo com a data da edição, com vistas a ter um histórico da construção da pesquisa;
16. Salvar os arquivos nas nuvens (Drive) para evitar perdas ou enviar para si um e-mail com as novas versões;
17. Conversar e compartilhar as escritas, inclusive com pessoas leigas no tema pesquisado, para verificar se a escrita está clara e acessível;
18. Não se cobrar pela quantidade, mas pela qualidade e clareza do que foi produzido;
19. Respeitar o seu próprio tempo;
20. Entender que a construção da tese é um processo e que ela pode se alterar ao longo da jornada;
21. Acolher-se nos momentos de angústia e incerteza;
22. Salvar ideias que surjam para estudos futuros;
23. Salvar o estudo em um *template* com as configurações das normas da ABNT;
24. Estar atento aos prazos de qualificação e defesa;
25. Cumprir os pré-requisitos para a obtenção do título;
26. Fazer os seminários indicados/sugeridos pelo(a) orientador(a);
27. Ser aberto às mudanças de percurso, críticas e sugestões ao estudo;
28. Confiar no processo de apropriação da teoria, de amadurecimento da escrita, de construção da pesquisa e de autoprodução de si mesmo;
29. Vivenciar a pesquisa, com seus altos e baixos, inerentes ao percurso de cada investigador (a), e
30. Ser feliz.

Aproveito para dizer que não se tratam de receitas que devem ser seguidas à risca pelo(a) pesquisador(a). Tratam-se, sobretudo, do que aprendi e venho aprendendo com o meu percurso investigativo e podem servir, ou não, para outros(as) investigadores(as).

Esses aprendizados permitiram-me ampliar o meu olhar investigativo. Era disso que eu precisava e buscava ao começar minha travessia. Confesso que foi e tem sido melhor do que imaginava. Agradeço à UFPE pelo afastamento para realização do Doutorado; ao PPGEdU-UCS e professores/as pelo acolhimento, pela sensibilidade trazida nos seminários, pelas narrativas e compartilhamentos de tantos saberes. Obrigado por nos mostrar que “de outra forma é possível”. Agradeço também aos colegas de Doutorado pela partilha de experiências, dores e alegrias, constituintes do ato formativo da travessia e do ato transformativo do contínuo vir a ser.

Gratidão!

## Referências

FREITAS, M. E. de. Viver a tese é preciso! Reflexões sobre as aventuras e desventuras da vida acadêmica. *Revista de Administração de Empresas*, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 88-93, jan./mar. 2002.

NÓVOA, António. Carta a um jovem investigador em Educação. *Investigar em Educação*, Porto, v. 3, n. 2, jun. 2015.

# A jornada do pesquisador: minha trajetória na formação científica

Rodolfo Cescon Niederauer<sup>26</sup>

## Primeiro, algumas palavras...

Não sei informar ao certo quando começou a minha jornada de formação como pesquisador. Talvez ela tenha se iniciado informalmente muito antes de eu ter ingressado no Ensino Superior. Ou seria depois que iniciiei minhas primeiras atividades como bolsista de iniciação científica? Não sei, não saberia dizer.

Então, abraçando a proposta de realizar uma narrativa do meu percurso como pesquisador, tentarei compor um texto de forma cronológica para que, durante esse passeio pelas minhas memórias, talvez possa narrar as experiências que fizeram parte da minha formação. Afinal, como é lembrado por Nóvoa (2014) em seu primeiro conselho para ser um pesquisador, “conhece-te a ti mesmo”. E nada como uma viagem na minha própria história para resgatar os elementos que contribuíram para minha formação.

Vamos ver para onde essa jornada irá nos levar.

## Da minha formação pessoal

Sou o filho do meio de uma família a que tenho muito apreço. Meus pais sempre se esforçaram para que eu, assim como meus irmãos, tivesse uma boa educação e pudesse desenvolver minha autonomia. Eles sempre me acolheram e me apoiaram em qualquer decisão que

<sup>26</sup> Mestre Profissional em Psicologia e doutorando em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). E-mail: rcniederauer@ucs.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6614-3798>.

eu fosse tomar. Graças a eles, pude frequentar uma boa escola, experimentar diferentes tipos de atividades esportivas, aprender uma língua estrangeira e estudar diversos instrumentos musicais. Mais do que tudo, tive o incentivo de arriscar, ousar, cair e recomeçar. Sou muito grato a eles por tudo o que me oportunizaram.

Lembrando dos anos escolares, eu gostava de ir para a escola, mas confesso que apreciava mais a possibilidade de socializar com meus colegas do que estudar. Sempre valorizei minhas amizades e passava bastante tempo com os meus amigos. Gostava de compartilhar esses momentos com eles, de ouvir as suas histórias e, em algumas vezes, me colocar em umas encrencas.

Como aluno, eu estava sempre na média. Não me esforçava para tirar notas altas, porém não tirava notas baixas. Buscava atingir apenas o necessário para ser aprovado. Acredito que o pensamento dos meus professores daquela época devia ser: *“bom, ele faz a parte dele, não incomoda e também não vai mal”*.

Na minha adolescência, eu achava mais interessante passar o tempo tocando instrumentos musicais do que estudando na escola. Passava a tarde toda tocando música, aprendendo novas canções, novos instrumentos e arriscando a compor meus primeiros trabalhos autorais. Já naquela época, eu participava de bandas e fazia apresentações em casas de shows, atividades essas que mantive ao longo da minha vida adulta.

Também nessa época conheci a minha namorada que, anos mais tarde, tornou-se a minha esposa. Uma pessoa incrível, mãe dos meus dois filhos, que sempre acreditou em mim e me incentivou para atingir quaisquer que fossem meus objetivos. Sou muito grato por

ter uma companheira como ela, com quem divido uma história e construo uma família.

Posso afirmar que tive uma boa infância e adolescência. Claro que, ao longo da minha juventude, também tive momentos complicados, como todo mundo tem. Mas, em geral, não posso reclamar. E devo tudo isso à minha família, que foi e é o meu pilar.

## Os caminhos para o Ensino Superior

Quando terminei a escola, não sabia qual carreira eu gostaria de seguir. Pensava em ser músico. Na verdade, não havia uma pessoa do meu meio social ou familiar que pensasse diferente. Porém, também eu acreditava que fazer um curso superior seria importante para a minha formação. Naquele momento, eu entendia que o curso superior contribuía para a formação da identidade profissional do sujeito. Formado em alguma coisa, o indivíduo assumiria aquela identidade e, então, poderia trabalhar naquela função que estudou. Parecia fazer sentido.

Embora ame a música, nunca cogitei fazer faculdade de Música. Vejo a música como uma forma de expressão e manifestação da subjetividade, não como um *objeto de estudo*, em que são feitas *análises avaliativas críticas* e técnicas com professores e colegas. Gostos são subjetivos, e já ouvi muitas críticas injustas a inúmeros artistas talentosos apenas por implicância. Por isso, entendia a importância da faculdade de Música, mas parecia entrar num contexto técnico com o qual não me identificava.

Claro que me dediquei para aprender as teorias musicais e fiz aulas de música com professores “de fora da academia”. Mas sempre segui os meus instintos e me dei a liberdade de aprender aquilo que eu apreciava.



Aprecio as marcas e os sentimentos que a música pode fazer o músico transpor e penso que é por causa dessa sinceridade que recebo elogios quando me apresento. A música não é um projeto paralelo ou um segundo plano; é, do seu jeito único, uma outra parte de mim.

Voltando minha escrita para o Ensino Superior. Quando entrei na faculdade, me matriculei em Administração de Empresas na Universidade de Caxias do Sul (UCS), um curso que não me trazia satisfação alguma. E, infelizmente, não consegui aplicar a mesma fórmula que usava na escola. Por mais que eu me esforçasse, não conseguia me identificar e me engajar com os conteúdos, o que tornava difícil atingir o mínimo requisitado. Insisti na Administração por dois anos, até que, finalmente, reconheci que aquilo não era para mim.

Após uma longa reflexão, optei por ingressar em Psicologia na UCS, pois a ideia de estudar sobre o indivíduo e a mente humana me parecia atraente. E foi amor à primeira vista. Ou melhor, à primeira aula. Tudo o que era apresentado me encantava, fazendo com que eu adotasse uma postura completamente diferente dos meus anos escolares. Eu adorava estudar os conteúdos propostos, desenvolvendo um enorme apreço pelas teorias, em especial, da formação do sujeito, das fases do ciclo da vida, do desenvolvimento da personalidade e do processo de constituição do indivíduo. Eu finalmente havia encontrado o meu lugar.

### **Um eu jovem pesquisador**

Ao longo do curso de Psicologia, fiquei sabendo sobre os grupos de iniciação científica. Eu nunca tinha imaginado me tornar um pesquisador, entretanto, ao me informar sobre o assunto, fiquei bastante inte-

ressado. Não demorou muito tempo e logo comecei a participar como voluntário de um Grupo de Pesquisa. Essa experiência foi muito gratificante para mim, sendo que, no ano seguinte, me candidatei e fui selecionado para ser bolsista BIC-UCS. Tenho muito orgulho de ter participado desse projeto de pesquisa, pois tive que me colocar em situações para as quais acreditava não estar preparado, mas que queria arriscar a realizar. A mais desafiadora de que me lembro foi viajar para outro estado para apresentar um trabalho que desenvolvi a partir da pesquisa principal. Foi muito gratificante poder discutir esse recorte que produzi com pesquisadores de outras instituições.

Entendo que a vivência na iniciação científica contribuiu de forma significativa para minha formação como estudante. Ter entrado no contexto da pesquisa fez com que eu retornasse diferente como indivíduo para o curso de Graduação. Talvez possa associar com a ideia defendida por Campbell (2007) em que as experiências vivenciadas no contexto desafiador fazem com que o sujeito regresse com uma nova sabedoria, de forma que possa contribuir para o seu local de partida. Passei a ter um novo olhar para as disciplinas e para as tarefas que eram requisitadas ao longo da Graduação. Eu sentia ter mais domínio sobre os conteúdos, facilidade em estudá-los e, desse modo, pude concluir o curso de forma fluida e natural.

Não posso dizer ao certo se foi essa experiência que me fez desenvolver o interesse em meu atual problema de pesquisa para a tese, que trata sobre a formação da identidade profissional do estudante de Psicologia. Contudo, agora que revivo essa história, vejo que talvez ela tenha uma parcela de culpa.

## No mundo profissional e a Especialização

Ao finalizar a Graduação, abri meu consultório particular, atuei na área clínica e fui convidado para participar de alguns pequenos projetos. Como estava no início da minha carreira profissional, mesmo com essas atividades, eu ainda tinha tempo na minha agenda semanal para fazer uma Pós-Graduação. Seguindo o mesmo raciocínio que tive ao ingressar na iniciação científica, optei por fazer uma Especialização em uma outra instituição numa nova cidade. Acreditava que encarar um novo desafio em um contexto diferente iria contribuir para ampliar minhas perspectivas em relação à Psicologia.

Um episódio que lembro dessa época foi que, durante a entrevista para a Especialização, a coordenadora me perguntou se eu não queria ingressar no Mestrado em Psicologia no lugar da Especialização. Após um breve momento de reflexão, respondi que não descartava a possibilidade, mas achava que eu ainda precisava adquirir mais experiência antes de entrar no Mestrado. Lembro de ter ficado satisfeito com a minha resposta, assim como imagino que a coordenadora do curso também tenha ficado.

E, de fato, a minha experiência na Pós-Graduação foi significativa para a minha formação pessoal e profissional. Tive a oportunidade de conhecer grandes profissionais e debater sobre diferentes tópicos que eu não tinha tido a chance de explorar durante a Graduação. Além disso, pude acompanhar diferentes pesquisas que foram bastante inspiradoras para mim e que contribuíram, posteriormente, quando fiz meu Mestrado.

Uma das coisas que lamento não ter feito é não ter submetido meu trabalho final da Especialização, que foi

desenvolver uma revisão da literatura em formato de artigo, para uma revista. Surgiu-me uma oportunidade de fazer um intercâmbio, que era uma experiência que sempre havia desejado fazer e que iria acontecer logo após o término do curso. Ainda pretendo atualizar aquele trabalho e submetê-lo, mas somente quando eu ver uma boa oportunidade para isso.

## **Além do oceano, de volta à Serra Gaúcha**

Morei por um ano e nove meses em Sydney, na Austrália, e abracei essa oportunidade para fazer uma imersão completa nesse país. Devido ao fato de Sydney ser uma metrópole, pude conviver não só com australianos, mas também com pessoas de outras partes do mundo. Também me coloquei em situações bastante desafiadoras que me trouxeram inúmeras reflexões sobre meu *eu*. Em geral, essa experiência como um todo me possibilitou realizar diferentes trocas e diversas reflexões que contribuíram para o desenvolvimento das minhas perspectivas tanto do mundo como da minha vida.

Ao retornar para Caxias do Sul, retomei minha atuação na área clínica e na música. Por um tempo, continuei nessas atividades e comecei a prestar consultoria para recém-formados em Psicologia, uma atividade que despertou bastante interesse em mim. Contudo, eu sentia que algo estava faltando, algo inacabado ou que precisaria fazer para me reinventar.

Certo dia, recebi o convite de um estudante de Administração de Empresas para fazer uma atividade com um grupo de professores de uma determinada escola. Foi-me solicitado que lecionasse sobre algumas psicopatologias específicas sobre as quais os professo-

res gostariam de obter mais informações. A ideia me empolgou bastante, fazendo com que eu realizasse uma pesquisa sobre as atuais contribuições dessas psicopatologias no contexto escolar, organizasse o material e desenvolvesse uma apresentação de três horas sobre as psicopatologias requisitadas.

Entretanto, logo na primeira meia hora dessa apresentação, algo chamou a minha atenção: os professores pareciam estar dispersos demais com o que eu dizia, mas respeitosos demais para me interromper. Quando percebi isso, desliguei o projetor e comentei: *“eu não estou trazendo nenhuma novidade para vocês, não é?”* Todos concordaram. Foi aí que eu trouxe o grupo para o diálogo: *“vocês poderiam me dizer, então, como posso ajudar vocês?”*

Os professores, então, começaram a trazer situações que vivenciaram em sala de aula, dúvidas e aflições que pareciam estar a muito tempo guardadas para si. Nesse diálogo com os professores, pude responder suas dúvidas, suas narrativas e desenvolver os assuntos em questão com o conhecimento que eu tinha. E assim ficamos nesse processo de troca e construção de conhecimentos, no qual não eram apenas eles que estavam aprendendo sobre o assunto; eu também estava aprendendo com esse processo.

Foi nesse momento que percebi o que realmente era o processo de ensino e de aprendizagem. Entendi o que mais tarde descobriria nas palavras de Freire (1996), que ensinar não se trata em transferir o conhecimento, mas sim construí-lo. Eu estava aprendendo sobre suas dúvidas, enquanto estava ensinando-os com as minhas experiências.

## De volta ao ambiente acadêmico

Eu saí daquela escola com um enorme sentimento de satisfação e com um propósito em mente: ingressar no Mestrado. Eu estava empolgado com a ideia de retornar ao ambiente acadêmico após cinco anos, fazer pesquisas e me preparar para, um dia, poder compartilhar minhas experiências numa sala de aula. Então, no dia seguinte, comecei a me organizar e a fazer buscas para ver em qual Curso de Mestrado eu iria me inscrever.

Eu me inscrevi no Mestrado Profissional em Psicologia da UCS. Nesse momento, eu ainda não tinha um projeto de pesquisa definido, mas já tinha em mente o que queria estudar: a formação e a constituição da identidade ou da subjetividade do ser humano. Foi então que surgiu a ideia de estudar as experiências de jovens adultos *youtubers*, uma das profissões que estava ganhando destaque de forma sutil na década de 2010. Imaginei que suas narrativas poderiam contribuir futuramente para os trabalhadores de plataformas digitais, em especial no que diz respeito à saúde mental.

O que eu não esperava é que esse futuro viria de forma tão repentina, pois, para minha surpresa, assim como do resto do mundo, uma semana depois de definir o problema de pesquisa, fomos surpreendidos pela pandemia ocasionada pelo Covid-19. Com tantas profissões migrando de forma compulsória para o perfil remoto, minha pesquisa tornou-se ainda mais relevante. Afinal, os desafios que esses influenciadores digitais já viviam, seja por conta do *home office*, carga de trabalho, imediatismo do contexto digital, excesso de uso das tecnologias, poderiam contribuir para aqueles que estavam migrando de súbito para essa nova realidade.

Eu estava gostando muito de fazer o Mestrado. Gostava muito das disciplinas, de participar de eventos e desenvolver produtos técnicos, sendo que, no meio da Pós-Graduação, eu já estava pensando no meu próximo passo acadêmico. Eu não queria encerrar minhas pesquisas e meus estudos no término dos dois anos do Mestrado, então, comecei a me informar sobre os cursos de Doutorado.

Uma das vantagens de realizar um Mestrado é a liberdade das escolhas das disciplinas complementares do seu currículo, o que torna convidativo transitar por outros programas de Pós-Graduação além do que se está estudando. E, analisando as disciplinas dos outros cursos de Mestrado e Doutorado, fui aos poucos me aproximando do curso de Educação.

## Hoje o Doutorado

Na minha última disciplina do Mestrado, que era do curso de Educação, durante uma conversa com a professora (que na sequência se tornou a minha orientadora), fui questionado se eu teria interesse em aplicar para o Doutorado em Educação. Discutimos sobre as possibilidades de articulação das minhas áreas de interesse da Psicologia – a constituição da identidade e da subjetividade dos sujeitos, no caso, os estudantes de Ensino Superior – com os autores que a professora trabalhava e as possíveis contribuições para o campo da Educação.

Inicialmente, eu estava em dúvida se o caminho da Educação seria a melhor escolha para mim. Mas a verdade é que, sutilmente, eu já estava tomando essa direção. E fico feliz por ter feito essa escolha. Mesmo com tantos conteúdos que eu nunca tinha visto antes, me sinto satisfeito por ter a oportunidade de assistir a debates

incríveis nas salas de aula. As experiências compartilhadas pelos meus colegas e professores me instigam a pesquisar e estudar cada um dos tópicos que são discutidos. Saio das aulas com diferentes sentimentos: às vezes contente e animado com a ideia das inúmeras possibilidades que essa jornada pode proporcionar, outras, aflito e angustiado em virtude de, por vezes, me sentir despreparado para o desafio do Doutorado. Mas, a verdade é que sempre saio inspirado em querer desenvolver trabalhos interessantes como os dos meus colegas e professores. Acredito que isso só corrobora com a ideia de que sempre busquei me colocar em um território desconhecido em busca de novas aprendizagens. E na busca do desconhecido, acabei iniciando minha jornada no Doutorado em Educação.

### **Por fim, mais algumas palavras...**

Ao ser convidado a desenvolver essa narrativa, tive a oportunidade de revisitar episódios que por muito tempo não havia refletido sobre. E fico satisfeito em constatar que, nessa jornada, apesar dos desafios, guardo boas lembranças e não ressentimentos. Narrar não se limita a relatar precisamente os fatos como eles ocorreram, mas conseguir manifestar a subjetividade por trás das experiências vividas. E, como mencionei anteriormente, são essas marcas singulares que constituem o sujeito.

Talvez eu não tenha percebido antes, mas sempre me interessei por explorar o desconhecido, questionando sobre as perspectivas que vão além do que já conheço. E penso que é essa inquietude que, de fato, forma um pesquisador. Pesquisar significa problematizar sobre uma questão que nos provoca e, a partir disso, tentar desvendá-la com fundamentos científicos, visan-



do identificar quais são os desdobramentos que dela podem emergir.

Mais uma vez, não sei informar quando iniciei minha jornada como pesquisador. No entanto, acredito que enquanto houver no sujeito o desejo de questionar sobre o desconhecido, haverá adormecido dentro dele um pesquisador pronto para iniciar a sua jornada.

## Referências

CAMPBELL, Joseph. *O herói de mil faces*. Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Pensamento, 2007.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

NÓVOA, António. Carta a um jovem investigador em educação. *Investigar em Educação*, Porto, v. 2, n. 3, p. 13-21, jun. 2015. Disponível em: <https://rosaurasoligo.files.wordpress.com/2015/06/antc3b3nio-nc3b3voa-carta-a-um-jovem-investigador.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2023.

## Notas sobre o vendedor de pastéis

Rudson Adriano Rossato da Luz<sup>27</sup>

Estou aqui, num sábado à tarde, 29 de abril de 2023, em Farroupilha, na casa dos pais do meu marido. Enquanto eles assistem à série *Sweet Tooth*, ponho-me a escrever este texto. Bem, a série assistida por eles fala sobre um mundo pós-apocalíptico, com crianças híbridas (metade humano, metade animal), que são caçadas e mortas por serem aberrações. Isso me lembrou da minha própria infância, quando vendia pastéis, não porque precisasse ajudar em casa, mas porque meu pai dizia que era importante ter uma ocupação e ganhar meu próprio dinheiro. Então, dos doze aos quinze anos, mais ou menos, eu vendia, no turno da tarde, os pastéis que uma vizinha fazia, e, com esse dinheiro, podia comprar algumas coisas para mim. Claro que poder vender pastéis estava condicionado, pelo meu pai, a ir bem na escola, algo que ele sempre deixou muito claro que era, na minha idade, mais importante do que vender pastéis. Sempre recebi conselhos dele acerca da importância de estudar, para ter uma vida melhor que a sua – ele estudou até a 5ª série do Ensino Fundamental. Um dos grandes orgulhos do meu pai é que sempre gostei de estudar, e, quando decidi cursar o Magistério, no Ensino Médio, ele ficou particularmente feliz. Cursei toda a Educação Básica em escolas públicas, e meu pai sempre me proporcionou todas as condições para estudar. O dinheiro da venda dos pastéis era para meus gastos pes-

---

<sup>27</sup> Doutorando em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). Bolsista PROSUC/CAPES. E-mail: rarluz@ucs.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4818-0309>.

soais, porque os gastos com os estudos ele sempre fez questão de pagar.

A venda de pastéis era algo prazeroso, diferentemente da escola, a qual eu frequentava no turno da manhã. E aqui entendo estar o nascimento das minhas investigações, tanto no Mestrado quanto no Doutorado, pois, na escola em que estudei da 4ª até a 6ª série, vivi meus piores momentos. Em razão de não corresponder ao que esperavam de mim em relação a um ideal de masculinidade, era tratado pelos estudantes – e não só da minha turma – como uma aberração, assim como as crianças da série *Sweet Tooth*. Naturalizar uma norma para os gêneros e as sexualidades faz com que coloquemos em xeque a humanidade daqueles que não estão de acordo com essa norma. Nunca fui caçado como as crianças da série, mas fui, por muito tempo, compulsoriamente calado, visto que, por medo de ser agredido verbalmente, pouco ou nada falava durante as aulas. Talvez por isso eu fale tanto hoje em dia, porque agora entendo que sou um corpo que pode, um corpo cheio de possibilidades.

Todavia, essa constituição como um “espírito livre” – e entendo que preciso, diariamente, dizer a mim mesmo que assim me constituo – deu-se e se dá a partir da atuação em movimentos estudantis, como no Conselho Escolar, no qual participei durante a 7ª e a 8ª séries (já em outra escola), no Grêmio Estudantil – durante o Magistério – ou no Centro Acadêmico de História – durante a Graduação. Participei também de movimentos que lutam pela Educação pública, laica e de qualidade, como o Conselho Municipal de Educação (CME), o Fórum Municipal de Educação (FME) e o Conselho do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (FUNDEB), nos quais fui conselhei-

ro; e, também, em movimentos que lutam pelos direitos dos dissidentes sexuais e de gênero.

É a partir dessa constituição que atualmente me coloco em outro *front*: o da produção do conhecimento sobre educação e dissidências sexuais e de gênero, sob o meu olhar de dissidente. O anormal foucaultiano, a criança aberração da série *Sweet Tooth*, agora ocupando um outro lugar, lugar esse que, por muito tempo, foi-nos estruturalmente negado. Lugar esse que ainda é para poucos de nós, o que está demonstrado pelo fato de termos pouquíssimos dissidentes sexuais e de gênero em nosso PPGEduc e, desses poucos, não haver pessoas trans, perpetuando, assim, a transfobia estrutural em que vivemos (a menos que ainda apoiemos a tese de que pessoas trans não são capazes, da qual discordo veementemente).

Dessa colocação, perguntas podem surgir: mas e por que pesquisar sobre esse tema, se você passou por isso trinta anos atrás? Não teriam outros temas mais importantes e urgentes? Bem, aqui eu poderia fazer um grande arrazoado. Contudo, tentarei pontuar alguns elementos que julgo serem importantes. Como escrevi anteriormente, minha pesquisa é encarnada, ela faz parte da minha constituição, que se dá basicamente a partir de dois locais: a educação e a comunidade LGBTIA+. Luto todos os dias defendendo essas pautas. Vejo a comunidade LGBTIA+ realmente como um grupo de pessoas que, historicamente, são minorizadas por estarem em desacordo com as normas para os gêneros e as sexualidades. Sofro diariamente com a dor dos meus irmãos.

Como escrevi na minha dissertação: “cada vez que uma pessoa é morta em razão da sua sexualidade, um pouco de nós, dissidentes, morre junto” (Luz, 2020, p.

85). Somos o país que mais mata dissidentes sexuais e de gênero no mundo: só em 2022, 256 de nós foram mortos de forma violenta, e um deles poderia ter sido eu. Acredito que seja importante apresentar a íntegra do relatório do Grupo Gay da Bahia acerca das causas das mortes (Schimitz, 2023), para que as pessoas entendam o risco que é ser dissidente sexual e de gênero no Brasil.

Conforme consta no referido relatório:

Predominam na *causa mortis* as armas de fogo (29,6%), seguidas das armas brancas (25,7%), incluindo também asfixia, espancamento, apedrejamento, esquartejamento, atropelamento proposital. Em diversos casos estão presentes mais de um tipo de objeto letal e *modus operandi* no assassinato, a mesma vítima tendo sido espancada, esfaqueada, esquartejada, carbonizada. Segundo o Dr. José Marcelo Domingos de Oliveira, coordenador dessa pesquisa, “o uso de múltiplos instrumentos, o alto número de golpes ou tiros e de diversas formas de tortura refletem a crueldade e virulência da homotransfobia. E de igual modo, o calvário vivenciado pelos suicidas LGBT+, onde a intolerância, sem dúvida, foi o combustível para minar sua autoestima”. No Distrito Federal, na Granja do Torto, “homem de 20 anos mata conhecido com 59 facadas e dois golpes de enxada na cabeça, dormindo a seguir ao lado do corpo da vítima: matou o idoso de 60 em defesa de sua honra, disse o assassino” (25-7-2022). A travesti Jerry, 45 anos, é assassinada com mais de 40 tiros quando estava sentada em frente à casa de familiares em Coreaú, Ceará. (11-11-2022). “Homem de 30 anos que estava morando na casa de uma travesti em Montes Claros declarou que “a vítima insistiu em ter relações com ele e não aceitando, em posse de uma mão de pião deu vários golpes contra a vítima, acertando-a mortalmente na cabeça” (23-9-2022).

Para o Prof. Luiz Mott, fundador do GGB e iniciador desses relatórios de mortes violentas de LGBT, “é absolutamente inconcebível nossa sociedade civilizada conviver com 12 casos de apedrejamento e esquartejamento de gays e travestis (4%). Nem nos países

islâmicos e africanos mais homofóbicos do mundo, onde persiste a pena de morte contra tal segmento, ocorre tanta barbárie!”

Como viver em paz com esses números? Como descansar sabendo que, quase todos os dias, os membros da minha comunidade são mortos, apenas por não corresponderem àquilo que foi naturalizado como o normal? Ainda somos aberrações, caçadas e mortas, assim como na série *Sweet Tooth*. E a escola, com seus processos formativos calcados em normas muito bem definidas para os gêneros e as sexualidades, contribui para isso, embora devesse ser um lugar seguro e de acolhimento. Muitas vezes não nos damos conta do que fazemos, pois essas normas estão naturalizadas *na e pela* cultura. Os pequenos atos, as pequenas falas, reproduzem na escola as normas socialmente instituídas e, com isso, ajudam a nos matar.

Por tudo isso, ponho-me a pesquisar: por reconhecer as oportunidades que tive e os privilégios que tenho e por entender que a maioria da minha comunidade não possui essas oportunidades, tampouco esses privilégios. O mínimo que posso fazer é ocupar os espaços que conquistei e, por intermédio das minhas pesquisas, trazer essa problemática para a discussão, pela vida da minha comunidade e, por extensão, pela minha vida. A “bixa” preta que está na favela não tem como vir aqui, neste espaço, fazer essas denúncias; a travesti que trabalha na prostituição – porque esse é o único trabalho que lhe é concedido – não tem como vir aqui, neste espaço, fazer essas denúncias. Mas o menino vendedor de pastéis, eu, chegou aqui, e vai cada vez mais ocupar este espaço, trazendo essas discussões. E não vai se calar. Primeiro, porque já se calou por muito tempo; segundo, porque muitos de nós ainda são calados.

E por falar no vendedor de pastéis, ele chegou muito longe, vindo da periferia e da escola pública – que muitos dizem que não funciona, mas que ele sempre defende porque, mesmo com todos os seus problemas, funciona, sim! Funciona e é para muitos – como foi para ele – a única possibilidade de uma vida melhor. Talvez poucos acreditassem que ele chegaria tão longe, mesmo porque ele é um fracassado: é o fracasso das normas para os gêneros e as sexualidades. E esse fracasso é a sua grande vitória. Ele não sabe ainda aonde vai chegar, pois ele não tem projeto, ele os abandonou já faz algum tempo; na verdade, ele acredita que o melhor projeto de vida seja viver. Então, ainda não sabe aonde vai chegar, mas ele já sabe que chegou muito longe e que ainda poderá chegar muito mais longe, pois ele é possibilidade.

Em tempo 1: o projeto de tese é, além de viver, o único projeto que ele entende no momento ser importante. Esse projeto está em construção e será defendido até o fim do ano.

Em tempo 2: o dia de hoje, 9 de maio de 2023, ficará marcado como um dia triste, pois perdemos duas pessoas importantíssimas para a nossa comunidade, as quais tinham grande poder de voz. O primeiro deles é o David Miranda, que foi deputado federal na última legislatura e, como dissidente sexual e de gênero, foi uma voz que não se calava na luta pelos nossos direitos. A segunda é a nossa querida Rita Lee, que fez da sua voz um instrumento de anúncio e denúncia, inclusive sendo uma grande aliada da nossa comunidade!

David, presente!

Rita Lee, presente!

## Referências

LUZ, Rudson Adriano Rossato da. *Para além da identidade: um percurso sobre educação e sexualidade, a partir de Lévinas e Butler*. 2020. 96f. Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, 2020. Disponível em: <https://repositorio.ucs.br/xmlui/bitstream/handle/11338/6831/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20Rudson%20Adriano%20Rossato%20da%20Luz.pdf?sequence=1>. Acesso em: 23 abr. 2023.

SCHMITZ, Alberto. Mortes violentas de LGBT+ Brasil: Observatório do Grupo Gay da Bahia, 2022. *Grupo Dignidade*, 19 jan. 2023. Disponível em: <https://cedoc.grupodignidade.org.br/2023/01/19/mortes-violentas-de-lgbt-brasil-observatorio-do-grupo-gay-da-bahia-2022/>. Acesso em: 03 maio 2023.



## Um olhar sobre o vivido de uma professora-pesquisadora em constante formação

Sabrina Arsego Miotto<sup>28</sup>

Ao chegar aos 40 anos e ser mãe de duas meninas lindas, me coloco diante de um desafio, que é a escrita de uma tese. Muitos poderão me perguntar por qual motivo quero passar por essa experiência. São quatro anos dedicados a um projeto que me tomará muito tempo, pelo qual terei que fazer escolhas, abrir mão de momentos com a família e me afastar temporariamente da sala de aula, espaço em que adoro estar. Mas a vida é assim, feita de ciclos, e precisamos enfrentar cada novo desafio que se apresenta, exigindo diferentes graus de transformação.

Vivi numa época em que quem tinha telefone fixo em casa tinha um bem muito valioso. Sou do tempo que, quando íamos para o litoral, precisávamos usar o orelhão para ligar para casa. Passaram-se trinta anos e hoje temos uma tecnologia 5G chegando ao mercado e aparelhos celulares que possuem inúmeras funções, colocando a todos numa imensa rede e transformando nossas relações com as máquinas, com o mercado de trabalho e com as pessoas.

É nesse contexto de revolução digital que me coloco a pensar sobre quais as habilidades que os estudantes precisam desenvolver para se inserir nesse cenário, de modo que possam aproveitar o que a tec-

---

<sup>28</sup> Mestra em Matemática Aplicada pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e doutoranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade de Caxias do Sul (UCS). Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS), contemplada com fomento para afastamento para qualificação. E-mail: sarsego@ucs.br.

nologia pode lhes oferecer em diferentes dimensões, mas também quais os deveres e as responsabilidades que devem assumir para navegarem nessa rede fazendo o exercício da cidadania digital. Nesse entremeio da tecnologia, escolhi o pensamento computacional para ser o meu tema de pesquisa, habilidade necessária para o cidadão do século XXI. Nesse sentido, para significar as minhas escolhas na construção do projeto da tese, preciso olhar para minha trajetória de vida, familiar e acadêmica, pois a nossa identidade como pesquisadora vai se constituindo a partir das nossas experiências, as quais influenciam os caminhos que tomamos durante a pesquisa (Stecanela, 2012).

Ao fazer uma busca em minhas memórias, lembro da minha infância e de um espaço na casa onde eu morava com meus pais que eu transformava em uma sala de aula. Pendurava um quadro, no qual eu escrevia com giz, e ali passava horas interagindo com os meus alunos, os quais só eu via, procurando reproduzir da melhor forma possível as ações realizadas pelas minhas professoras na escola, inclusive fazendo o registro do planejamento das aulas. Como eu me encantava com a docência! E ainda me encanto. Esse desejo de atuar como professora ficou guardado dentro de mim até eu poder materializá-lo com o ingresso no curso de Licenciatura Plena em Matemática com Habilitação em Física, na Universidade de Caxias do Sul (UCS).

Durante a Graduação, eu trabalhava durante o dia numa instituição do mercado financeiro e estudava à noite, então eu não tinha muito tempo disponível para participar de projetos de extensão, ensino ou pesquisa. Pude participar apenas de um projeto de extensão, que fazia atendimentos individualizados para estudantes da UCS que tinham dúvidas em Matemática. Foi um

momento de muito aprendizado, pois, a partir desse contato com os estudantes, pude observar quais eram as dificuldades nos conceitos matemáticos apresentadas pelos estudantes que chegavam ao Ensino Superior, procurando identificar quais seriam as suas origens e propondo soluções a fim de saná-las.

As disciplinas do curso, voltadas para o ensino da Matemática, eram muito bacanas. Isso porque, além de proporem reflexões sobre metodologias e/ou materiais pedagógicos mais adequados para abordar os conceitos matemáticos, oportunizavam pequenas vivências do exercício da docência durante as aulas. Ao chegar mais no final da Graduação, cursei a disciplina de Equações Diferenciais. Essa área me fascinou e me motivou a buscar um Mestrado na área da Matemática Aplicada na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Na minha dissertação trabalhei com um modelo matemático dentro da área da Biologia Matemática e os resultados foram obtidos por meio de simulações computacionais, utilizando o software MatLab. Foi um período de muito estudo, pois, apesar de ter feito um curso de Licenciatura com uma profundidade de conhecimento específico muito grande, não era um Bacharelado, nível de conhecimento necessário para lidar com as disciplinas e com dissertação de Mestrado de forma mais tranquila. Além disso, precisava administrar a logística do deslocamento até Porto Alegre para as aulas e para as orientações.

Nesse período de formação continuada, comecei a minha carreira como docente atuando em cursos técnicos subsequentes ao Ensino Médio, ofertados por uma instituição de ensino da rede particular. O perfil dos estudantes era de pessoas adultas e que muitas vezes estavam há bastante tempo longe dos bancos escolares,

mas que tinham muita vontade de aprender. Com esses estudantes, pude colocar em movimento meus saberes docentes, fazer minhas primeiras experiências, mas também reflexões sobre minha atuação e acerca dos ajustes que se faziam necessários. A sensação de estar à frente de uma turma era muito diferente daquela de quando atuei no projeto de extensão. Nesse momento, eram 30 a 40 pessoas em cada turma, buscando uma formação que era necessária, em alguns casos, para a manutenção do emprego. A responsabilidade que eu senti naquele momento era enorme, mas a tarefa foi cumprida e mais um pedacinho da minha formação docente foi concluído.

Exerci a docência nas redes particular, estadual, municipal e federal, nos diferentes níveis de ensino, desde os Anos Iniciais do Ensino Fundamental até o Ensino Superior, em instituições localizadas no centro e na periferia da cidade. Cada novo espaço, novas pessoas, novas experiências. Olhando para trás, percebo como a interação com todos esses estudantes e com o entorno me modificou como ser humano e também contribuiu na constituição da docente que sou hoje (Soares, 2018).

Cada nova aula é sempre uma nova oportunidade de aprender, tanto para os alunos como para o professor. Não saímos de uma aula da mesma maneira que entramos; passamos por transformações cognitivas, emocionais, comportamentais, mais intensas em determinada área e menos em outra. Fazendo uma reflexão sobre as histórias que ouvi, os fatos que presenciei, os conselhos que dei e as experiências que vivi, foi surgindo o desejo de trabalhar com o curso de Licenciatura em Matemática, de modo a contribuir na formação dos futuros professores, compartilhando com eles minhas

reflexões e problematizações sobre a Educação, além da minha experiência de sala de aula.

Em 2013, tive a oportunidade de iniciar o trabalho com a formação inicial de professores, atuando no curso de Licenciatura em Matemática ofertado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS) – Campus Caxias do Sul, ministrando aulas, em especial nas disciplinas de práticas de ensino de Matemática e Supervisão de Estágio, além da atuação nos cursos integrados ao Ensino Médio. Foi um grande presente, pois, ocupando esse lugar, pude propor reflexões sobre o ensino e a aprendizagem de Matemática bem como problematizar como poderiam ser as práticas pedagógicas tendo em vista tantos avanços tecnológicos a que os alunos têm acesso e que invadem a sociedade, podendo trazer benefícios para a aprendizagem dos estudantes.

Essa reaproximação com o curso de Licenciatura em Matemática despertou em mim a necessidade de buscar uma formação continuada com foco na Educação. Fui percebendo que o meu conhecimento prático, adquirido pelos longos anos de atuação como docente em diferentes níveis de ensino, não era mais suficiente para dar conta das expectativas e das demandas que se apresentavam para formar professores capazes de atuarem de forma eficiente nesse novo cenário da educação. Mas esse desejo de formação foi sendo adiado, em função de escolhas de ordem pessoal.

Nesse período de espera, como sempre tive um perfil do “fazer”, me caracterizei pela proposição de projetos de ensino e extensão, selecionando bolsistas que fossem do curso de Licenciatura para que tivessem a vivência da docência durante o curso. Tive essa oportunidade durante a Graduação e, a partir dessas

experiências, percebi que tinha feito a escolha certa. Isso me motivava ainda mais a cursar as disciplinas e pensar formas diferentes de ensino. Observei também esse retorno positivo dos estudantes participantes dos projetos, os quais coordenei.

Com o ingresso no curso de Doutorado em Educação em 2022, reencontrei a professora Eliana Maria do Sacramento Soares, que havia sido a minha professora na Graduação e que se tornou a minha orientadora e docente da disciplina Tópicos da Evolução do Pensamento Matemático, cursada como Estágio de Docência do curso. A partir das reflexões e leituras propostas nessa disciplina, passei a observar uma relação muito importante entre o pensamento matemático e o pensamento computacional. O que faz sentido, tendo em vista que ambos são sistemas formais, com uma linguagem própria para expressar os seus resultados, além de estarem relacionados com a abstração. Além disso, a Computação tem sua origem na Matemática. Isso despertou o meu interesse e mudou um pouco o foco do projeto de pesquisa com o qual tinha ingressado no Programa de Doutorado, que era a formação de professores para o uso da tecnologia em sala de aula.

O primeiro ano do curso de Doutorado se mostrou bastante desafiador, pois me sentia, como coloca Benjamin (1994), um narrador viajante, aquele que olha de fora, que não está inserido no campo. Apesar de ter feito um curso de Licenciatura e atuar como docente há quase quinze anos, algumas discussões me pareciam distantes, a forma de escrita do projeto era diferente da experiência que tive no Mestrado. Uma das principais diferenças que senti em relação a minha experiência na Licenciatura e no Mestrado diz respeito aos métodos e a abordagem da pesquisa, que na maioria das

vezes é qualitativa. Além disso, no programa observei como a subjetividade tem muito valor nos achados das pesquisas.

Então, segui fazendo as leituras propostas e compreendendo que a maneira como foi pensado o itinerário formativo do curso auxilia o doutorando a ir se constituindo pesquisador, apropriando-se dos referenciais teóricos próprios da área, de modo a ter um olhar amplo sobre a temática da educação. Tudo isso com o objetivo de aprimorar a capacidade dos doutorandos de comunicar seus achados e incentivar que sejamos protagonistas das nossas escritas, dando originalidade a elas de diferentes formas. Esse processo de constituição de um pesquisador é um processo interno, no qual precisamos conhecer nossos interesses e compreender o nosso lugar de fala, ou seja, é necessário ter um olhar para si.

O autoconhecimento é uma característica importante ao pesquisador, como abordam os educadores Nóvoa (2015), Stecanela (2012) e Almeida (2010) nos seus textos que falam sobre a temática do pesquisador em formação. É sobre ter um olhar a respeito das próprias origens e experiências vividas de modo a fazer sentido a seleção dos temas que serão pesquisados. Isso também influencia na escolha do método para desenvolver a pesquisa, que às vezes precisa ser original ou ser constituído de mais de um método, a depender das perguntas a que desejamos responder.

Ao olhar para mim, encontro evidências do meio em que estou inserida profissionalmente e minhas inquietações muitas vezes surgem das observações que faço nesse ambiente. Aqui destaco o olhar sobre o contexto: o meu diz respeito à Educação Básica e ao Ensino Superior, em especial o curso de Licenciatura

em Matemática. Quando estou em sala de aula, preciso ser uma professora implicada no fazer docente, que vai além de explicar o conteúdo. Preciso estar atenta aos estudantes e procurar acolher suas dúvidas, dar voz às suas expectativas e compreender como eles se colocam no mundo. É preciso estar com o olhar atento para perceber as perguntas que o mundo nos apresenta e que a professora Magda Soares (2015) nos convida a respondê-las a partir da pesquisa, para que com seus achados possamos propor soluções, inspirados no seu lema: “conhece o ofício e cumpra-o”

Ao ingressar no curso de Doutorado, o meu desejo era me constituir pesquisadora, não no sentido de findar um processo, mas compreender como posso transformar as observações que faço em sala de aula ou nas interações com os licenciandos nos diversos espaços em um problema de pesquisa, pensar sobre ele, propor soluções e principalmente compartilhar os meus achados com meus pares e meus alunos. Ademais, quero me apropriar da tese, quero que ela seja minha no sentido mais literal da palavra, apropriação que não senti na minha dissertação. Em busca disso, sigo estudando e construindo minhas escritas.

Ainda preciso evoluir na minha escrita, compreendendo que é preciso um tempo de amadurecimento dos conceitos, que as construções não são feitas rapidamente. Preciso me desconectar um pouco do fazer, que sempre norteou a minha jornada, seja na atuação em sala de aula ou na coordenação de projetos de ensino e extensão, para aprofundar o meu conhecimento sobre a gênese de como se aprende e quais as possibilidades.

Iniciei o meu texto, falando como a vida é feita de ciclos. Agora, encerro a minha escrita rememorando o curso Técnico Integrado ao Ensino Médio em



Processamento de Dados que cursei no final dos anos 90. Não poderia imaginar que após vinte e três anos estaria me debruçando novamente sobre a tecnologia e até voltando a desenvolver algoritmos para auxiliar os meus alunos da Educação Básica e do Ensino Superior, cada um no seu nível, a lidarem com essas novas habilidades. É muito animador vislumbrar a minha pesquisa voltada a essa temática, com desdobramentos direcionados ao ensino do pensamento computacional e ainda podendo relacionar aos conhecimentos matemáticos. Então, o ciclo que se fechou em 2000 com a formatura do Ensino Médio se reabre, porém, agora transformado.

Agradeço à professora Flávia Brocchetto Ramos pela proposição dessa escrita reflexiva sobre a minha trajetória, pois foram essas escritas livres, propostas durante o curso, que me deram a oportunidade de olhar para mim e para o meu entorno, auxiliando na compreensão das minhas escolhas.

## Referências:

ALMEIDA, Dóris B. Itinerários de uma pesquisadora: escolhas, intuições e encantamentos. In: GRAZZIOTIN, Luciane S. S.; COSTA, Gisele (Orgs.). *Experiências de quem pesquisa: reflexões e percursos*. Caxias do Sul: EDUCS, 2010.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.

NÓVOA, Antônio. Carta a um jovem investigador em Educação. *Investigar em educação*, Porto, v. 2, n. 3, jun. 2015. Disponível em: <https://rosaurasoligo.files.wordpress.com/2015/06/antc3b3nio-nc3b3voa-carta-a-um-jovem-investigador.pdf>. Acesso em: 06 mar. 2023.

SOARES, Eliana Maria do Sacramento. A inteireza do ser como caminho para a constituição do sujeito professor. *Educação*, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 59-65, jan./abr. 2018. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/29724>. Acesso em: 27 jun. 2023.

SOARES, Magda. Discurso de Magda Soares. *Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita – Ceale*, 8 maio 2015. Disponível em <https://www.ceale.fae.ufmg.br/pages/view/discorso-de-magda-soares.html>. Acesso em: 26 jun. 2023.

STECANELA, Nilda. A escolha do método e a identidade do pesquisador. In: Stecanela, Nilda (Org.). *Diálogos com a educação: a escolha do método e a identidade do pesquisador*. Caxias do Sul: EDUCS, 2012. p. 15-32. Disponível em: <https://www.ucs.br/site/midia/arquivos/ebook-dialogos-identidade-pesq.pdf>.

# Sentir, caminhar e realizar: um percurso em construção

Simone Viapiana<sup>29</sup>

*Caminante,  
No hay camino,  
se hace camino al andar.*  
(Antonio Machado)

Aprender e ensinar sempre foram paixões para mim. Lembro-me, com detalhes, dos momentos que passava no porão de casa, com os pequenos pedaços de giz da sala de aula de uma escola do interior na qual meu pai lecionava, escrevendo na porta de correr, que, para mim, era um perfeito quadro-negro, as instruções para os meus alunos: a boneca com o cabelo arrepiado, o ursinho de pelúcia, o carrinho do meu irmão e a boneca dorminhoca. Estavam todos colocados lado a lado, em frente ao quadro-negro improvisado e devidamente identificados com nomes retirados das listas de chamadas de meu pai.

Figura 1 – Infância



Fonte: Arquivo pessoal

Sim, eu fazia a chamada! Tinha um caderno com a lista dos nomes para anotar a frequência, as atividades realizadas, as histórias lidas, enfim, tudo o que um legítimo diário de classe precisa ter. Passava as manhãs brincando de ser professora. Uma felicidade que se com-

<sup>29</sup> Mestre e doutoranda em Educação pela Universidade de Caxias do Sul (UCS). E-mail: sviapian@ucs.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2758-7572>.

pletava cada vez que meu pai trazia um giz colorido e eu podia deixar o quadro muito mais atrativo para meus alunos. Sempre acreditei que essa relação de aprender e ensinar seria minha realização pessoal. Quando perguntavam para aquela menina de seis ou sete anos o que ela seria quando crescesse, ela dizia sem hesitar: PROFESSORA. Eu sempre soube que assim seria, pois morava em mim, e ainda mora, a curiosidade, as indagações e a persistência em conhecer os detalhes. Como aponta Stecanela (2012, p. 16), “as perguntas desafiam a produção de respostas, portanto com esse indagar, com a vontade de aprender, com a felicidade e com o prazer em poder materializar a aprendizagem”.

O tempo foi passando e dediquei-me aos estudos que me constituíam professora. O primeiro passo foi trocar o interior pela cidade para poder cursar Magistério no Ensino Médio. Era final da década de 80 e, durante três anos, aprendi muito, sobretudo com minha professora de Didática Geral, quem me inspirou e mostrou o quanto é prazeroso ver o resultado de uma aula bem planejada e como podemos oferecer situações em que a aprendizagem ocorra. Embora essa professora tenha me inspirado, foram as vivências com meu pai, professor de Língua Portuguesa, que me fizeram seguir o mesmo caminho. Lembro-me muito dele lendo histórias, incentivando-me para que escrevesse em meu diário o que havia acontecido de importante no dia, levando-me sempre à pequena biblioteca da escola rural para que eu escolhesse o livro que quisesse. Segundo ele, não importava se o livro fosse extenso, se o enredo não fosse aquele sobre o qual todos estavam comentando. O importante, de acordo com meu pai, era escolher o livro que me chamasse a atenção. Dessa forma, a ida à biblioteca era sempre uma aventura, um deleite. E

hoje, escrevendo esse texto, vem-me à mente a frase de Borges: “*siempre imaginé que el paraíso sería algún tipo de biblioteca*” (1974, p. 465). Se assim fosse, nossa sociedade seria mais humana! E foi assim que a literatura começou a fazer sentido e a leitura se tornou prazerosa. Hoje, embora não trabalhe diretamente com a literatura, percebo que ela sempre esteve presente em minhas aulas, sejam elas de Português ou espanhol.

Figura 2 – Primeira turma de alunos



Fonte: arquivo pessoal

Dando sequência à descrição do meu percurso de estudante, antes mesmo de terminar a Licenciatura em Letras, eu já trabalhava em duas escolas: no turno da manhã, com turmas de 6º ao 9º ano, e no turno da noite, com ensino de Português na Educação de Jovens e Adultos. Durante os estudos da Licenciatura, o foco estava todo na gramática, na análise sintática e na teoria literária. Eu ia experimentando tudo aquilo que me era ensinado em sala de aula (acredito que foi assim que começou a nascer esta pesquisadora) e observando as estratégias que funcionavam, as que não davam certo, buscando sempre o que poderia ser melhorado e fazendo cursos de aperfeiçoamento para isso. Com o passar do tempo, percebi que o que realmente funcionava era pensar a aula a partir de textos (fossem eles contos, po-

esias, notícias, crônicas); levar os alunos à biblioteca e deixá-los retirar o livro que escolhessem; e pedir-lhes que relatassem a história que haviam lido, recomendando-a aos colegas.

Figura 3 – Grupo de alunos da disciplina de Língua Portuguesa



Fonte: arquivo pessoal.

Nessa mesma época surgiu a oportunidade de cursar uma segunda Licenciatura, dessa vez em Língua e literatura Espanhola. A oportunidade veio junto à necessidade premente de me comunicar em espanhol, pois, durante minha primeira viagem internacional, a Buenos Aires, conheci aquele que eu acreditava ser o amor da minha vida. No entanto, para que o relacionamento continuasse, eu precisaria me comunicar. Embora os recursos na época fossem escassos, estudei e dediquei-me muito. Para conseguir um livro de espanhol era preciso ir a Porto Alegre e ter muita sorte para encontrá-lo; para escutar uma música, era preciso esperar que o professor trouxesse uma fita cassete; mais difícil ainda era assistir a um filme hispano, e, quando o conseguíamos, isso era um evento. Mas assim mesmo, não desisti. Percebo agora que a aprendizagem é um

ato individual; um processo que só eu poderia fazer por mim. E o mais importante, vejo agora, é que eu estava motivada e sabia que essa aprendizagem seria importante para alcançar os meus objetivos.

Nunca pensei que algum dia me dedicaria ao ensino da língua espanhola, mas o convite para atuar em uma escola da rede privada de Caxias do Sul veio antes do término da minha segunda Graduação. E aceitei, pois, como já escrevi em linhas anteriores, gosto de desafios! Gosto de investigar e de experienciar! E passei oito anos nessa escola, durante os quais aprendi e, também, fiz muito, como a criação de um laboratório de línguas; a promoção de intercâmbios linguístico-culturais entre alunos de escolas brasileiras e argentinas; a formação de grupos de estudos de pais e mestres; a realização de aulas no laboratório de informática, no supermercado, aulas práticas de culinária, de música, de artes, de contação de histórias etc. Assim mesmo, percebi que precisava estudar mais para buscar entender a relação entre Informática e aprendizagem.

Para isso, cursei a Especialização em Informática Educativa e Mídias. As interações com os professores me inspiraram e me motivaram a buscar ainda mais conhecimento para entender de que forma eu poderia auxiliar os professores de Língua Espanhola no seu fazer pedagógico. Foi quando, durante muitos anos, dediquei-me exclusivamente ao ensino de Espanhol. E foi justamente durante essa pausa na docência da Língua Portuguesa e, inclusive, nos meus estudos, que ingressei no Mestrado em Educação da Universidade de Caxias do Sul. Foram dois anos de intensa aprendizagem, de muita leitura, de quebra de paradigmas e de imersão em novas teorias de ensino e aprendizagem.

Sentia cada vez mais a necessidade de investigar e teorizar sobre o ensino e a aprendizagem, e, devido a isso, minha dissertação discorreu sobre as relações entre Educação e linguagem no ensino de Língua Espanhola. Embora esse caminho tenha sido repleto de desafios, ele sempre foi trilhado com muita paixão e dedicação. Além disso, o Mestrado me mostrou que é possível pesquisar e ensinar.

Dez anos após ter concluído o Mestrado, encontro-me diante de um novo desafio: o Doutorado. Segundo Nóvoa (2015, p. 14), “sempre que se bifurcam os caminhos à tua frente, segue por aquele que tiver sido menos percorrido. É isso que marcará a tua diferença como investigador. Sem coragem não há conhecimento”. E, de fato, havia mais de uma opção: seguir investigando o ensino de língua estrangeira, o de língua materna ou o de língua de acolhimento. Vou, encorajada por Nóvoa, naquele que menos conheço!

E por que entraria eu na área do português língua de acolhimento? Quais seriam as razões? Bem, caro leitor, novamente a necessidade. Sim, ela ressurgiu em minha trajetória. Atuo no Programa de Português para Estrangeiros da Universidade de Caxias do Sul desde 2011. Em 2020, foi necessário realizar cursos de Português para imigrantes com vistas ao processo de naturalização.

Embora em um primeiro momento tivesse optado pelo trabalho com o português como segunda língua, percebi que o resultado obtido não era nada satisfatório, pois os alunos apresentavam muita dificuldade para compreender os textos e os enunciados das questões. Atualmente, o curso de Português como Língua de Acolhimento (PLAc) da Universidade de Caxias do Sul já está ancorado nos pressupostos enunciativos. A partir



do acercamento à abordagem e às discussões com minha atual orientadora, que me guiou desde o Estágio em Letras, constatei a importância e a necessidade de

Figura 4 – Grupo de alunos do curso de Português como Língua de Acolhimento



Fonte: Arquivo pessoal

aprofundar os estudos nessa área a fim de conhecer, compreender, elaborar melhores unidades de ensino e auxiliar, quem sabe, professores atuantes no PLAc, além dos estudantes.

A minha trajetória como professora é maior que a de pesquisadora. Neste momento, estou constituindo-me pesquisadora e, parafraseando Jorge Ramos do Ó (2019), deixo a pergunta: O que pode um pesquisador em Educação? Realizada uma analogia com a citação de Machado no início deste texto, é no decorrer do caminho que o pesquisador vai se constituindo e vai criando o seu próprio caminho, muitas vezes, inclusive, na incerteza. Mas a incerteza pode ser a grande precursora da pesquisa e do estudo. Eu, de fato, espero ser uma pesquisadora que siga com incertezas ao longo da vida, pois elas me levarão a percorrer caminhos fascinantes da pesquisa.

## Referências

BORGES, Jorge Luis. La Biblioteca de Babel. In: BORGES, Jorge Luis. *Obras Completas*. Buenos Aires: Emecé Editores, 1974. p. 465.

MACHADO, Antonio. *Poesías completas*. Barcelona: Espasa, 2010.

NÓVOA, Antônio. Carta a um jovem investigador. *Investigar em Educação*, Porto, v. 2, n. 3, jun. 2015.

RAMOS do Ó, Jorge. *Fazer a mão: por uma escrita inventiva na universidade*. Lisboa: Edições do Saguão, 2019. p. 25-48.

STECANELA, Nilda. A escolha do método e a identidade do pesquisador. In: Stecanela, Nilda (Org.). *Diálogos com a educação: a escolha do método e a identidade do pesquisador*. Caxias do Sul: EDUCS, 2012. p. 15-32.



## Posfácio

### Identidades em revisitação e construção!

*Nilda Stecanela*

Considero um privilégio escrever um posfácio pela oportunidade de ler em primeira mão os textos que compõem um livro, acompanhar a narrativa que apresenta o livro na introdução e no prefácio e, especialmente, as reflexões inseridas em cada texto pelas suas autoras e autores. Assim, sou grata pelo convite para escrever um par de parágrafos sobre esta obra, justamente pela sua origem, como uma prática de pesquisa (ou avaliativa) desencadeada no âmbito de uma disciplina que integra a organização curricular do curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação da Universidade de Caxias do Sul, no Seminário de Tese III, ministrado pela professora Flávia Brocchetto Ramos, no primeiro semestre de 2023.

A leitura dos capítulos do livro me permite conhecer nuances das histórias de vida de minhas alunas e alunos em seminários anteriores, mas, também, visitar alguns autores lidos em outras épocas, conhecer outros autores que despertam o interesse para leituras futuras, além de encontrar minhas próprias palavras citadas a partir de um dos textos que narra minhas reflexões sobre o processo de tornar-me, permanentemente, uma professora pesquisadora (ou uma professora que pesquisa).

Os ecos da leitura reforçam o poder da escrita reflexiva decorrente da narração, tanto como método que investiga a própria trajetória quanto como catarse que assenta nas palavras os sentimentos que flutuam nos

esquecimentos ou lembranças da memória individual e coletiva.

A cada parágrafo que flui, a partir da leitura dos textos, revisito um conjunto de conceitos e autores que participam de minha escrita de modo indireto e que optei por deixá-los num aparente anonimato. Digo aparente porque os ecos de suas produções se fazem presentes na tessitura deste texto.

Os textos falam de evocação de memórias a partir de evocadores desafiados nas problematizações e contribuições dos referenciais teóricos sugeridos no Seminário de Tese III, mas também agregam as identidades docentes e investigativas em construção de suas/seus participantes. Com isso, comunicam que o senso da pertença à área da Educação não é (ou não foi) algo natural, pois sempre há um evento ou uma pessoa para inspirar os vínculos. Mas conhecer e gostar de gente e de ensinar não é suficiente. É necessário refletir sobre quem se é e quem se quer ser, além de fundamentar os conteúdos da reflexão.

As narrativas que transversalizam os textos deste livro falam da importância da mediação. Provocam pensar quais são os sentidos do “estar sendo” pertencente à área da Educação. Informam os elementos que motivam a sair da zona de conforto. Promovem um olhar para o passado, um pensar o presente e um anunciar o futuro. Circunscrevem objetos e itinerários investigativos que convidam a navegar pelo universo da pesquisa em Educação.

As autoras e autores dos capítulos do livro sublinham, direta ou indiretamente, a importância da pesquisa no fortalecimento da docência e na direção

do olhar para o papel social e político da educação, da escola, de docentes...

As palavras das autoras e autores do livro falam de partilha e de solidude na construção da tese que os constituiu, permanentemente, pesquisadores *em e da* educação, em processo de constituição.

Os textos falam de coisas simples, adormecidas no esquecimento da memória e retomadas nas lembranças da memória, reposicionando-as em um lugar de reconhecimento e valorização da experiência.

Os textos falam de esperanças, de escolhas, mas também de abandonos e desapegos.

As autoras e autores escrevem a partir de perguntas para descreverem que tipo de pesquisadores e pesquisadoras são e estão sendo. E a interrogação mobiliza a produção de narrativas, não qualquer narrativa, mas narrativas reflexivas.

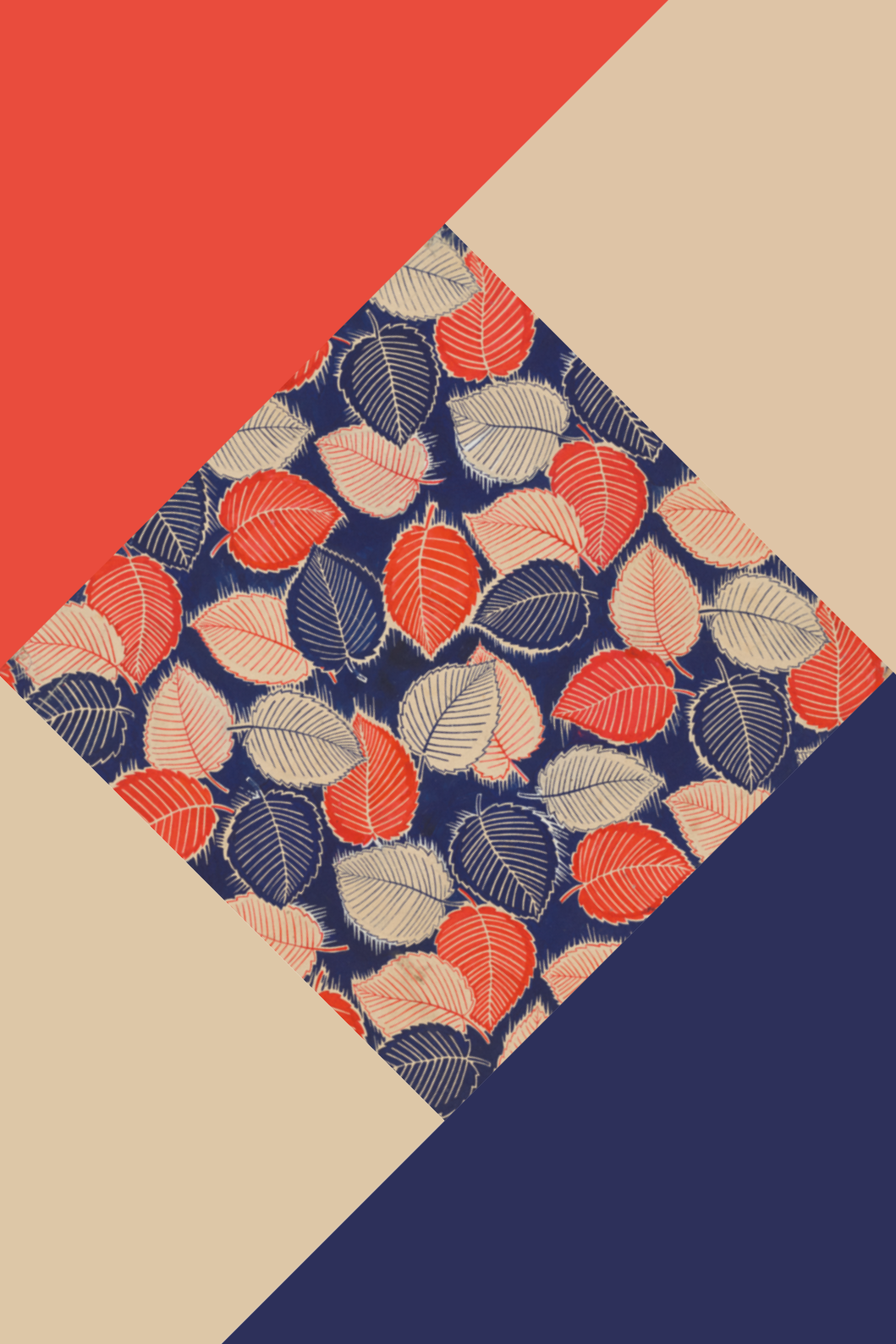
As autoras e autores recorrem a metáforas para associarem as identidades em construção. Mostram que as sensibilidades e as subjetividades não estão dissociadas dos percursos da pesquisa.

Os textos falam de gente, de desejos, de sonhos sonhados e de sonhos concretizados. Mas falam também de sonhos projetados: a tese, a titulação, a esperança em contribuir com a construção de um mundo melhor por meio da educação.

Que se concretizem os sonhos desse grupo de pesquisadoras e pesquisadores em Educação e que muitos outros sejam sonhados.

Que a leitura deste livro inspire novas narrativas e novos desejos.







A Universidade de Caxias do Sul é uma Instituição Comunitária de Educação Superior (ICES), com atuação direta na região nordeste do estado do Rio Grande do Sul. Tem como mantenedora a Fundação Universidade de Caxias do Sul, entidade jurídica de Direito Privado. É afiliada ao Consórcio das Universidades Comunitárias Gaúchas - COMUNG; à Associação Brasileira das Universidades Comunitárias - ABRUC; ao Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras - CRUB; e ao Fórum das Instituições de Ensino Superior Gaúchas.

Criada em 1967, a UCS é a mais antiga Instituição de Ensino Superior da região e foi construída pelo esforço coletivo da comunidade.

## *Uma história de tradição*

Em meio século de atividades, a UCS marcou a vida de mais de 120 mil pessoas, que contribuem com o seu conhecimento para o progresso da região e do país.

## *A universidade de hoje*

A atuação da Universidade na atualidade também pode ser traduzida em números que ratificam uma trajetória comprometida com o desenvolvimento social.

Localizada na região nordeste do Rio Grande do Sul, a Universidade de Caxias do Sul faz parte da vida de uma região com mais de 1,2 milhão de pessoas.

Com ênfase no ensino de graduação e pós-graduação, a UCS responde pela formação de milhares de profissionais, que têm a possibilidade de aperfeiçoar sua formação nos programas de Pós-Graduação, Especializações, MBAs, Mestrados e Doutorados. Comprometida com excelência acadêmica, a UCS é uma instituição sintonizada com o seu tempo e projetada para além dele.

Como agente de promoção do desenvolvimento a UCS procura fomentar a cultura da inovação científica e tecnológica e do empreendedorismo, articulando as ações entre a academia e a sociedade.

## *A Editora da Universidade de Caxias do Sul*

O papel da EDUCS, por tratar-se de uma editora acadêmica, é o compromisso com a produção e a difusão do conhecimento oriundo da pesquisa, do ensino e da extensão. Nos mais de 1.500 títulos publicados é possível verificar a qualidade do conhecimento produzido e sua relevância para o desenvolvimento regional.



Conheça as possibilidades de formação e aperfeiçoamento vinculadas às áreas de conhecimento desta publicação acessando o QR Code:



A entrega de cada um veio no último dia de aula da disciplina. Cada estudante trouxe um texto feito à mão e, para acompanhar o texto, cada um trouxe algo também feito à mão para nutrir nosso corpo físico. Veio pudim preparado em Barão, bolo de milho feito em Bento Gonçalves, pão caseiro “trancado” amassado e assado em Caxias do Sul, suco de uva (com uvas do parreiral da família) de Flores da Cunha. [...]

Essa dimensão de nominar a pesquisa e a docência como ações feitas à mão foi inspirada no professor Jorge Ramos do Ó (2019), no livro *Fazer a mão: por uma escrita inventiva na universidade*. Uma parte do livro esteve nas leituras obrigatórias. [...]

Um curso se faz com amor, muito amor, e depois um punhado de coragem (nem sempre dá certo), uma pitada de ousadia, tudo isso ladeando e penetrando nos ingredientes sinalizados pela ementa aprovada em Colegiado. Com amor, ousadia, coragem, estudo e dedicação, foram escritas as narrativas que revelam os doutorandos do PPEdu, turma 2022, e suas pesquisas. São escritas que, inspiradas na leitura feita pela professora Nilda Stecanela (2013), buscam explicitar o seu objeto de estudo, o caminho metodológico e, ainda, a relação tanto do objeto como do método com cada narrador-pesquisador.

Extraído do prefácio, escrito pela Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Flávia Brocchetto Ramos

